



Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

ADULTEZ EMERGENTE E SIGNIFICADO DO TRABALHO NA TRANSIÇÃO  
UNIVERSIDADE-MERCADO

Juliana Maia Souto

Natal, RN

2020

Juliana Maia Souto

ADULTEZ EMERGENTE E SIGNIFICADO DO TRABALHO NA TRANSIÇÃO  
UNIVERSIDADE-MERCADO

Dissertação de mestrado elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Fellipe Coelho Lima e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia.

Natal, RN

2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
CCHLA

Souto, Juliana Maia.

Adulter emergente e significado do trabalho na transição universidade-mercado / Juliana Maia Souto. - Natal, 2020. 176f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Pós-Graduação de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Fellipe Coelho Lima.

1. Jovem - Dissertação. 2. Adulter emergente - Dissertação. 3. Inserção profissional - Dissertação. 4. Trabalho - Dissertação. I. Lima, Fellipe Coelho. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA  
159.9:331.5

CDU

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

A dissertação "Adulterez emergente e significado do trabalho na transição universidade-mercado", elaborada por Juliana Maia Souto, foi considerada aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia.

Natal, RN, 24 de novembro de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

ManuellaCastelo Branco Pessoa, UFPB

\_\_\_\_\_

Maria da Apresentação Barreto, UFRN

\_\_\_\_\_

*“Eu só peço a Deus  
Que a mentira não me seja indiferente  
Se um só traidor tem mais poder que um povo  
Que este povo não esqueça facilmente  
Eu só peço a Deus  
Que o futuro não me seja indiferente  
Sem ter que fugir desenganando  
Para viver uma cultura diferente”.*

(Música cantada por Beth Carvalho e Mercedes Sosa-  
Tradução da música Solo le pido a Diós- León Gieco)

## **Agradecimentos**

Sou grata à Deus, pois me permitiu passar por cada um dos caminhos que me trouxeram até aqui, por ter-me capacitado nas minhas lutas e vitórias, por ter colocado em minha vida as pessoas as quais hoje agradeço. Gratidão, meu Pai!

Não vejo minha história sendo construída, apenas, por mim. Não teria como celebrar meus caminhos, sem honrar e agradecer aos que vieram antes de mim. As renúncias, as lutas, a determinação e o amor de cada um permitiram-me usufruir as oportunidades que hoje tenho. Ao que vieram antes, muito obrigada

À minha família que me apoiou nas lutas e vitórias, sempre trazendo testemunhos de esperança, de amor e força quando eu estava prestes a cair, sou grata. Também agradeço a paciência de vocês quando essa me faltou. Desculpa pelos estresses e muito obrigada por embarcarem comigo e me apoiarem nos meus sonhos e tentativas de voo.

Aos meus pais Jonas e Márcia por serem força constante, pelo amor, pelas renúncias, pelas tantas lições e por estarem comigo em todo o tempo. Ao meu irmão Thiago, pela sua paciência em ouvir minhas queixas e acolher-me com sua brandura, enquanto sou tempestade. Aos meus avós Carlos e Edite que me ensinam sobre fé, luta, resiliência, solidariedade e sobre o valor do amor nos pequenos gestos. Aos meus avós Conceição e João Batista (*in memoriam*), pela educação sobre os valores da honestidade, humildade, fé e sobre não ficar calada em situações de injustiça. À minha bisavó Porcina (*in memoriam*) sou grata pelos ensinamentos sábios e por demonstrar o quão forte uma mulher pode ser e ainda ter um coração generoso e grande para acolher a todos. Ao meu tio Marcello (*in memoriam*), gratidão pela luz, proteção e o amor que superaram, a finitude material e se perpetuaram nos vínculos eternos da existência. Ao nosso membro canino da família, Ralf (*in memoriam*) por ter sido companheiro fiel desde meu Ensino Médio até o mestrado e que tanto nos ensinou sobre amor e dedicação.

Ao meu tio Júnior, presente com seus conselhos mesmo à distância, tio Jones por financiar oportunidades e conquistas, às minhas tias Maria e Salete por ajudaram na minha criação e darem plateia a menina sonhadora e “medonha”, à Tia Francisca por adoçar nossos encontros com suas mãos de fada, à tia Rose, tia de afeto e coração. Às minhas primas Rejane, Erica e Karina por todo o cuidado e amor a mim direcionados e pelas bagunças felizes na casa de “Voinha Conceição”. Aos demais familiares, muito obrigada por serem minha torcida e me fortalecerem nas dificuldades.

Agradeço ainda as minhas amigas da vida Danik, Letícia e Aline por me ensinarem o quão forte uma amizade pode ser com o tempo, distância e independente dos caminhos diferentes que tracemos. Obrigada pela amizade leve e sem julgamentos.

Ao meu atual Orientador Fellipe Coelho e ao Professor Pedro Bendassolli, agradeço pelos ensinamentos da ética e responsabilidade no fazer ciência, pelos momentos de troca não apenas acadêmicos, mas pessoais e por ouvirem meus lamentos e desesperos, acolhendo-me com cuidado. Complemento esse agradecimento, com meu “muito obrigada” a Professora Livia Borges por aceitar ser minha coorientadora e me acolher, mesmo no final da caminhada, compartilhando seu conhecimento com tanto afeto e simplicidade.

Gratidão às Professoras Camila Torres e Denise Rêgo, por serem minhas mestras e orientadoras ainda nos meus primeiros passos no fazer ciência e na prática profissional, me inspirando dentro da sala de aula e fora delas.

Aos meus professores e professoras de graduação que construíram minha base profissional e minha paixão pela psicologia, sendo seguidos pelos professores do PPGPSI que adotaram nossa turma com tanto carinho e tanta dedicação. À coordenação e à Secretaria da Pós- Graduação, muito obrigada por nos acalmar nos momentos de maiores tensões, dúvidas e, também na organização dos lanches das qualificações.

Não tenho como esquecer da minha amada e querida turma Marielle Franco, a qual da forma mais afetuosa demonstrou que o mestrado não precisa ser um processo solitário e sem amigos. Obrigada pelas ideias e análises que permitiram construir meu projeto de pesquisa. Aos meus presentes do mestrado para vida Brenda, Carol, Burnier e Kelly minha eterna gratidão, desde as acolhidas e afetos até a ajuda na coleta de dados. Vocês foram essenciais nessa etapa da minha vida.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (GEPET), meu grupo de longas datas desde o segundo ano de graduação, obrigada por se fazer lar. Aos membros do grupo, obrigada pelas trocas de conhecimento, pelos momentos de pizza e pelas observações e contribuições importantes para construção do meu projeto. A Joatã e Dani, meus salvadores, minha eterna gratidão por acolher minhas angústias, por trazerem calma e paz ao meu coração e por acreditarem em mim, nos momentos que eu duvidei, além de disponibilizarem o pouco tempo que possuíam para tirar minhas dúvidas e me orientando.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar essa trajetória da minha vida, permitindo dedicação exclusiva ao projeto de mestrado.

A todos os encontros potentes de afeto que se cruzaram com minha trajetória, minha gratidão! Sou grata ainda pelo fortalecimento, pelo carinho e apoio os quais me permitiram chegar ao fim dessa trajetória, mesmo em meio as dificuldades que não foram poucas! Ao ciclo que se encerra, levo comigo os ensinamentos, a confiança e a firmeza dos próximos passos.

Como canta os Novos Baianos, “pela lei natural do encontro, eu deixo e recebo um tanto”.



## Lista de Tabela

<b>Tabela 1</b> - Índice Alfa de Cronbach para os instrumentos do IDEA e ESAT .....	84
<b>Tabela 2</b> - Características sociodemográficas .....	87
<b>Tabela 3</b> - Situação econômica .....	90
<b>Tabela 4</b> - Situação Profissional .....	93
<b>Tabela 5</b> - Avaliação das dimensões do ESAT-BR .....	94
<b>Tabela 6</b> - Comparação dimensões do ESAT com o gênero .....	97
<b>Tabela 7</b> - Comparação das dimensões do ESAT com grupo de pesquisa (concluintes e egressos) .....	100
<b>Tabela 8</b> - Comparação das dimensões do ESAT com a renda familiar .....	105
<b>Tabela 9</b> - Comparação do ESAT com a colaboração na renda familiar.....	108
<b>Tabela 10</b> - Clusterização com as respostas do ESAT .....	110
<b>Tabela 11</b> - Avaliação das Dimensões do IDEA -BR.....	115
<b>Tabela 12</b> - Comparação das dimensões do IDEA com a idade.....	117
<b>Tabela 13</b> - Comparação dimensões do IDEA com o grupo de pesquisa (graduados e formados).....	121
<b>Tabela 14</b> - Comparação das dimensões do IDEA com variável etapa da vida .....	125
<b>Tabela 15</b> - Comparação das dimensões do IDEA com a renda individual .....	129
<b>Tabela 16</b> - Comparação das dimensões do IDEA com a renda familiar.....	131
<b>Tabela 17</b> - Clusterização das respostas do IDEA.....	134
<b>Tabela 1</b> - Análise de correlação das dimensões do IDEA e ESAT.....2.....	142

## **Lista de Quadros**

<b>Quadro 1</b> - Estrutura da Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho .....	78
<b>Quadro 2</b> - Estrutura da Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho .....	82

## Sumário

Lista de Tabela.....	18
Lista de Quadros.....	19
Resumo.....	14
Abstract.....	15
Introdução.....	16
Capítulo 1: Trabalho e desenvolvimento Humano.....	22
1.1 Trabalho e desenvolvimento: um percurso histórico.....	22
1.2 O trabalho e a transição para a idade adulta.....	29
Capítulo 2: Significados do trabalho.....	36
2.1 Origem dos estudos sobre significado do trabalho.....	36
2.2 Os significados e suas diferentes correntes epistemológicas.....	38
2.3 Significados do trabalho para a juventude.....	44
Capítulo 3: As trajetórias possíveis no processo de “tornar-se adulto” e a adultez emergente	53
Capítulo 4: Delineamento da pesquisa e aspectos metodológicos.....	67
4.1 Contextualização.....	67
4.2 Objetivos.....	70
4.2.1 Objetivo geral:.....	70
4.2.2 Objetivos específicos.....	70
4.3 Desenho metodológico.....	70
4.4 Participantes.....	72
4.5 Coleta de dados e cuidados éticos.....	74
4.6 Instrumentos.....	76

4.6.1	Questionário sociodemográfico.....	76
4.6.2.	ESAT-BR (Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho).....	77
4.6.3.	Inventário das Dimensões da Adulter Emergente - IDEA.....	80
4.7	Procedimento de análise de dados .....	84
Capítulo 5:	Resultados e discussões .....	86
5.1	Perfil dos participantes e análises descritivas .....	86
5.2	Objetivo 1: Descrever os significados atribuídos ao trabalho, relacionando- os às características sociodemográficas .....	95
5.2.1	Gênero .....	97
5.2.2	Grupo de pesquisa: Formados e Graduandos .....	101
5.2.3	Renda familiar .....	104
5.2.4	Contribuição com a renda familiar.....	107
5.2.5	Clusterização dos significados do trabalho .....	109
5.3	Objetivo 2: Caracterizar o fenômeno da adulter emergente, relacionando-os aos aspectos sociodemográficos.....	114
5.3.2	Grupo de pesquisa: graduandos e formados.....	120
5.3.3	Período da vida (adulto e adulto emergente).....	125
5.3.4	Renda individual .....	128
5.3.5	Renda familiar .....	130
5.3.6	Classificação dos perfis para o IDEA .....	133
5.4	Objetivo 3: Investigar o relacionamento entre os significados do trabalho e as dimensões que caracterizam a adulter emergente .....	140
5.4.1	Experimentação/possibilidades (IDEA) e dimensão negativa do trabalho (ESAT) .....	143
5.4.2	Negatividade/instabilidade (IDEA) e dimensões do ESAT .....	144

5.4.3 Sentimento intermediário (IDEA) e dimensão negativa do trabalho (ESAT) .....	148
5.4.4 Outro Foco (IDEA) e Realização Pessoal (ESAT) .....	150
Considerações Finais .....	152
Referências .....	157
Apêndice A - Questionário sociodemográfico .....	168
Apêndice B - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) .....	171
Anexo A - Itens e dimensões da escala de significados atribuídos ao trabalho versão brasileira – ESAT-BR .....	175
Anexo B - Inventário das dimensões da adultez emergente .....	177

## **Resumo**

As novas morfologias do trabalho e suas condições precárias de existência e atividade tem afetado, especialmente, os jovens em suas trajetórias educacionais, laborais e no processo de transição para a idade adulta. A dificuldade desse grupo em assumir o estatuto adulto e realizar seus projetos de vida tem provocado dinâmicas diferentes nas trajetórias juvenis, caracterizadas pela imprevisibilidade e caminhos fragmentados. Para acompanhar esse período da vida dinâmico e complexo, estudos ocupam-se de analisar as trajetórias das juventudes no contexto de transformações, a partir dos caminhos formativos e de trabalho. Dentre as teorias construídas para analisar esse período da vida, a Adulter Emergente tem ganhado destaque, considerando aspectos objetivos e psicológicos desta etapa. Nesse contexto de incertezas, discretas políticas públicas para esse grupo, tornou-se importante identificar como as transformações do mundo do trabalho e as representações sobre ele tem influenciado as trajetórias de desenvolvimento dos jovens. Portanto, nosso objetivo é investigar os significados atribuídos ao trabalho durante a transição para a idade adulta, e sua relação com os processos envolvidos no fenômeno da aduiter emergente. A pesquisa teve como público jovens em transição “universidade-mercado”, no último ano de graduação e recém-egressos, com idades entre 18 e 29 anos. Optou-se pela realização de pesquisa quantitativa com 272 jovens que responderam questionários sociodemográficos, ESAT- BR e IDEA-BR Os resultados apontaram uma possível associação entre as dimensões da aduiter emergente e dos significados do trabalho, indicando que os jovens percebem o trabalho como importante recurso para lidar com o processo de transição para a idade adulta. Ademais, a associação entre variáveis sociodemográficas e os constructos investigados evidenciam que outros fatores estão relacionados a esses fenômenos, caracterizado sua complexidade.

**Palavras-chave:** Jovem; Adulter emergente; Inserção profissional; Trabalho.

## **Abstract**

The transformations in working world and its precarious conditions about the existence and labor activity has affected, especially, young adults in their educational and labor paths, and in their process to become adulthood. The difficulty of this group in assuming the adulthood status and accomplish their life project has caused different dynamics in youth trajectories, characterized by unpredictability and fragmented paths. In this way, to investigate this complex and dynamic life's period, some researches are concerned with the goal about analyzing the trajectories of youth in the transformations, based on educational work paths. Among these theories, the Emerging Adulthood has gained prominence, considering the goal of analyze the psychological and objective aspects of this period of life. In this context of uncertain and minimum public policies for young people, it has become important to identify how the meanings about the changes of working world have influenced the development youth trajectories. Therefore, our goal is to investigate the meanings attributed to working during the transition to adulthood and its relation with the phenomenon of emerging adulthood. This is a quantitative research, that was aimed at young people in transition "university-labor market" in the last year of graduation and recent graduates aged between 18 and 29 years. In total, 272 young people answered a personal and social survey, an ESAT-BR and IDEA-BR. The results demonstrated a possible relation between the dimensions of emerging adulthood and the meanings of work, indicating that young people perceive work as an important resource to deal with the transition to adulthood. Furthermore, the association between sociodemographic variables and the investigated constructs showed that other factors are related to these phenomenon, explained by its complexity.

**Keywords:** Young adult; Emerging adulthood; Professional insertion; Work.

## **Introdução**

A transição para a idade adulta tem se tornado pauta de muitos debates e investigações nas áreas sobre desenvolvimento humano, sobre a juventude, despertando interesse em áreas como a psicologia e outras ciências, conforme citam Marzana, Pérez- Acosta, Marta e González (2010). A discussão sobre a temática tem ganhado relevância, pois nas últimas décadas, devido às mudanças estruturais do capitalismo em sua fase neoliberal e as implicações dessas investidas no mundo do trabalho, marcos sociais antes concebidos como viabilizadores da transição para a idade adulta foram postergados. Com isso, é possível observar que o processo de “tornar-se” adulto passou a ter novos delineamentos, sendo influenciado, especialmente, pelas condições materiais de vida dos grupos juvenis e suas interseccionalidades. Para alguns jovens, o processo pode, inclusive, tornar-se mais prolongado.

Perante essas novas configurações e trajetórias de transição para a idade adulta, estudos como os realizados por Jeffrey Arnett (2000) sobre Adulter Emergente no contexto norte-americano, têm buscado compreender e acompanhar a dinamicidade e complexidade do fenômeno da juventude. Segundo o autor, a aduiter emergente surge como um período do desenvolvimento em países ocidentais industrializados para jovens de 18 a 29 anos (Dutra-Thomé & Koller, 2017) e corresponde a um período qualitativamente diferente da adolescência e da idade adulta. Em nossa pesquisa, a aduiter emergente é concebida como um modo possível de vivenciar esse período do desenvolvimento, restrito a uma parcela da juventude. Por ter sido idealizado no contexto norte-americano, é importante investigar esse fenômeno e seus aspectos em outras culturas, portanto, sendo pesquisada em Natal-RN.

O fenômeno da aduiter emergente compreende a expectativa dos adultos emergentes gozarem de mais possibilidades quanto dimensões da vida como amor, carreira e trabalho. Embora o horizonte de possibilidades possa parecer algo positivo, dando delineamentos



românticos para o período da juventude conforme pontua Abrantes e Bulhões (2016), a verdade é que as tantas possibilidades são restritas e limitadas, bem como representam a instabilidade estrutural do mundo do trabalho e das relações alicerçadas nos pilares de organização do sistema social que vivemos.

As consequências desse cenário para os jovens que estão passando pelo processo de transição para a idade adulta revelam a instabilidade e insegurança para o período de inserção profissional, marcado por projetos de vida frágeis e carreiras “guarda-chuvas”. Embora essa seja uma crise que afete a todos os grupos da classe trabalhadora, conforme aponta Antunes (2018), são os jovens, os principais excluídos do mundo do trabalho, enfrentando altas taxas de desemprego e com isso, ausência de perspectivas de vida, transformando tal grupo nos principais candidatos ao desemprego estrutural e à precarização do trabalho. Tal realidade tem se desvelado tanto para os jovens das classes populares que precisam ingressar no mercado para garantir a sobrevivência e incrementar o sustento familiar, como para os que possuem ensino superior, qualificação profissional e ainda assim, não são absorvidos pelo mercado de trabalho, fazendo dos jovens um verdadeiro exército de reserva de mão-de-obra, ou quando não, acaba os direcionado para ocupações do setor de serviços, no qual prevalece as relações informais.

Perante esse cenário de novas morfologias do mundo laboral e tendo como modelo as trajetórias de “tornar-se adulto” de gerações anteriores é esperado socialmente, historicamente dos jovens que eles assumam um projeto de vida independente, como a saída da casa dos pais, o auto sustento, a criação de uma família própria surge uma contradição que acaba impedindo tais marcos sociais de acontecerem. A inviabilidade da autonomia que permitiria aos jovens serem reconhecidos como adultos pela sociedade, reside na contradição apontada por autores como Abrantes e Bulhões (2016). A contradição segundo eles existe, pois embora os jovens possuam direitos e necessidades sociais voltados à vida adulta, as condições materiais que os cercam inviabilizam a concretização dessas necessidades e do acesso pleno à adultez. Com isso,

a autonomia jovem encontra-se limitada e alguns marcos sociais de transição para a idade adulta passam a ser submetidos à uma moratória forçada e desigual, prolongando o que antes era uma trajetória linear de transformação do jovem em um adulto. Entretanto, é relevante considerar não serem todos os grupos juvenis os privilegiados de gozar da segurança que muitos pais possibilitam nesse período de moratória. Alguns são chamados antes, para contribuir com a renda familiar, trabalharem e assumir essa autonomia e independência mais cedo (Abrantes & Bulhões, 2016).

Nesse contexto no qual assumimos ser possível haver uma diversidade limitada de trajetórias de juventude, de transições para a vida adulta, a adulez emergente apresenta-se como uma dessas possibilidades para alguns grupos juvenis. Possibilidades essas que constituem o que Paiva e Souza (2012) definem como uma condição social complexa, permeada por influências sociais, históricas, culturais e, portanto, devendo tal fenômeno ser investigado a partir das suas particularidades.

No que concerne o fenômeno da adulez emergente, Arnett (2000) reconhece a limitação de seus estudos sobre um determinado tipo de trajetória de transição para a idade adulta, o qual é mais possível de acontecer em países desenvolvidos ou para jovens de classe média de países em desenvolvimento, sendo por isso um fenômeno culturalmente e socialmente variável (Arnett, Dutra-Thomé & Koller, 2018). Dessa forma, é sugerido que a adulez emergente deva ser investigada em suas mais diversas nuances, inclusive, entre os diversos contextos sociais e econômicos de um mesmo país. A partir das análises realizados por Arnett et al. (2018) sobre pesquisas com temática da adulez emergente nos diferentes contextos brasileiros, os autores concluíram que o fato das condições do Nordeste brasileiro serem desfavoráveis quanto à educação e colocação profissional para os jovens e as jovens dessa região, indica uma menor probabilidade da vivência da adulez emergente no Nordeste do Brasil, região na qual se tem

observado um aumento no índice de extrema pobreza do ano de 2018 (13,6%) para o ano de 2019 (13,7%), como informa o IBGE, em sua Síntese sobre os Indicadores Sociais.

Conforme indicado por Dutra-Thomé e Koller (2014) na pesquisa sobre a adulez emergente no contexto brasileiro, poucas investigações foram feitas sobre a transição para a idade adulta dos jovens brasileiros a partir da perspectiva da adulez emergente. Essa escassez de pesquisas adotando a perspectiva da adulez emergente acaba por favorecer as análises genéricas sobre o fenômeno da transição para idade adulta no Nordeste, tornando-se um dos motivos para a investigação da temática para as juventudes da cidade de Natal (RN), localizada no litoral nordestino.

Ainda dentre os interesses guia de nossa pesquisa pela temática e seguindo algumas reflexões presentes na literatura sobre a adulez emergente, torna-se recorrente a ideia de que o prolongamento da transição para a idade adulta tem como uma das relevantes causas, a necessidade imposta pela “indústria 4.0” de extrema qualificação de mão-de-obra. Dessa forma, a conclusão do Ensino Superior passou a assumir caráter valioso e necessário, sendo reconhecida como viabilizadora da conquista de um emprego estável (Arnett et al., 2018). A partir de tal estabilidade, os jovens conseguiriam realizar as demais atividades esperadas dele, assumindo assim sua autonomia, independência e o tão demandado papel de adulto. Contudo, é importante esclarecer a condição de privilégio da maioria dos jovens ingressantes do Ensino Superior, e quando não privilegiados, alguns desses jovens esforçam-se e recorrem à estratégia de permanência nas universidades, mesmo nas mais degradantes situações (Linhares, 2015).

Embora essa fosse a expectativa que sonda o imaginário sobre o Ensino Superior, a realidade encontrada em países como o Brasil é que tal etapa da educação acaba cumprindo uma função de “incubadora de precariado” (Alves, 2013). Tal definição implica num precariado submetido aos altos índices de desemprego, condições de trabalho precários, com baixa remuneração, alta rotatividade, falta de perspectiva de carreira e precarização das condições de

vida. A partir desse cenário e dessas novas morfologias do trabalho, como sugere Antunes (2018), nos resta questionar como esse trabalho tem sido significado pelos jovens que estão na transição para a idade adulta. O fenômeno da adultez emergente embora tenha passado a ser analisado recentemente, parece necessitar de uma releitura considerando a dinamicidade do mundo do trabalho que tem afetado muitos dos jovens em transição para a idade adulta e inserção profissional, na transição universidade-mercado. Muitos desses que embora gozem do suporte financeiro dos pais e acessem o Ensino Superior, ainda assim, compõem a condição de precariado na nova ou não tão nova Divisão Internacional do Trabalho.

Portanto, considerando que não há como investigar o desenvolvimento humano sem o trabalho e vice-versa, em especial num cenário global de constantes mudanças quanto a relação humana com atividade laboral e concebendo também toda a dinâmica e complexidade envolvidas nas trajetórias de transição para a idade adulta, a inserção profissional nos novos moldes trabalhistas, assumindo ser o trabalho central no período da juventude e com isso, entendendo que os adultos emergentes possuem um modo específico de significar o trabalho, o objetivo geral desta pesquisa é investigar os significados atribuídos ao trabalho durante a transição para a idade adulta, e sua relação com os processos envolvidos no fenômeno da adultez emergente. Nossos objetivos específicos são: a) Descrever os significados atribuídos ao trabalho, relacionando-os a características sociodemográficas; b) Caracterizar o fenômeno da adultez emergente, relacionando-os aos aspectos sociodemográficos; c) Investigar o relacionamento entre os significados do trabalho e as dimensões que caracterizam a adultez emergente. Desse modo, perante as problemáticas aqui levantadas e visando responder ao objetivo principal da pesquisa, nossa investigação focou nos fenômenos da adultez emergente e os significados do trabalho para os graduandos e recém-formados do Ensino Superior da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Para tanto, mediante o exposto até aqui, a pesquisa encontra-se organizada em três capítulos teóricos iniciais, os quais subsidiam a investigação. O capítulo 1 trata do trabalho enquanto importante atividade que promove o desenvolvimento humano, organizando os ciclos de vida dos sujeitos. Ademais, além de tratar sobre a relação entre o trabalho e o desenvolvimento, o capítulo trata do contexto atual do mundo laboral e de como isso tem influenciado, especialmente, a fase de transição para a idade adulta, prolongando-a e dando início a um novo estágio desenvolvimental, a adultez emergente. O capítulo 2 tratará dos significados do trabalho para a psicologia, no contexto atual do mundo laboral e a construção simbólica dos jovens sobre a atividade laboral. O capítulo 3 trata do fenômeno da adultez emergente como uma possível trajetória de transição para a idade adulta para alguns grupos juvenis, trazendo as contribuições teóricas importantes para análise desse objeto, suas limitações e comparação do fenômeno em outros contextos. O capítulo 4 trata então dos aspectos metodológicos da pesquisa, apresentando o delineamento geral do estudo, apresentando os participantes, os instrumentos a serem utilizados, objetivos e estratégia de coleta e análise de dados. O capítulo 5 está apresenta os resultados das análises estatísticas, bem como a discussão a partir de diálogos com as literaturas sobre os fenômenos em nossos estudos investigados. Por fim, o capítulo 6 tratará das considerações finais e as contribuições dadas por nossa pesquisa nas investigações sobre as temáticas as quais nos propusemos investigar.

## **Capítulo 1: Trabalho e desenvolvimento humano**

### **1.1 Trabalho e desenvolvimento: um percurso histórico**

O trabalho é definido como ação de transformação do homem sobre a natureza, de modo a satisfazer suas necessidades. Nesse processo de intervenção humana, o homem produz a si e à sociedade, e assim, a atividade do trabalho funciona como vínculo entre a natureza e o ser humano, segundo Ecurra (2016), possibilitando a transformação do homem em ser social e histórico, ao mesmo tempo que desenvolve uma subjetividade objetiva e vice-versa. A atividade do trabalho é produzida num contexto material, histórico, político, econômico, de acordo com Ribeiro e Léda (2004), funcionando como base para a existência humana (Saviani, 1986), afinal, é pelo trabalho que é possível ao homem tornar-se consciente de sua existência e afirmar seu domínio sobre a natureza (Cardoso, 2011).

Com o advento das indústrias, das forças produtivas e seu modo de produção, essa relação entre homem e trabalho foi transformada. Devido à gradual importância da atividade laboral industrial, segundo informam Santos e Melo (2011) e a fundação da Sociologia, o trabalho passou a assumir posição de categoria central. Ao assumir esse lugar, o trabalho passa a ser entendido como estruturador da sociedade vigente (Cardoso, 2011) e a compreensão de sua dinâmica social, conflitos, relações, tensões é tangenciada pela configuração e organização do mundo laboral.

A partir da Revolução Industrial, o trabalho teve seu modo de organização e conteúdos modificados substancialmente. Nesse período, há o advento de novos meios de produção e novas formas de produzir. Aqueles que outrora produziam artesanalmente, perderam espaço e clientes para uma produção mais ágil e barata, passando então a servir como mão-de-obra demandada pelas fábricas (Pereira & Goia, 2012). Além desse grupo,

homens, crianças, jovens e mulheres detentores da força de trabalho, passaram a constituir a mão-de-obra fabril, agora marcada por natureza de vínculo diferenciada, o contrato e o salário.

A sociedade industrial foi por essas características, definida ainda como sociedade do trabalho (Cardoso, 2011), sendo a atividade laboral considerada como central na organização da sociedade e na vida das pessoas, individualmente e coletivamente, como aponta Sanson (2013). Nessa sociedade ainda, foi possível observar jornadas de trabalho longas e exaustivas, as quais ocupavam grande parcela da vida dos trabalhadores e devido à sua centralidade, o trabalho afetou ainda o modo de organização do ciclo de vida das pessoas (Paulino, 2016), demarcando fases de transição entre estágios do desenvolvimento humano. Esse marco transicional está presente até os dias de hoje, como veremos a seguir.

Contudo, ainda que o trabalho seja concebido enquanto categoria central na sociedade industrial, essa atividade, assim como outras relações, foi transformada por meio das mudanças do modo de produção capitalista. Tais relações foram afetadas pela lógica da mercantilização, como aponta Oliveira (2008), transformando-as em mercadorias, inclusive o próprio trabalhador e atividade do trabalho. Por meio dessas alterações, alguns autores como Offe (1989) compreendem não se viver mais a sociedade do trabalho, e passam então a questionar se o trabalho é ainda central na vida humana ou como elemento organizador da sociedade. Mediante as transformações ocorridas no mundo, especialmente devido às novas tecnologias, a atividade laboral vem sendo organizada por uma nova forma de gestão, como analisa Araújo (1999), a qual demanda maior otimização da mão-de-obra, maior qualificação intelectual e passa a ser regulada pela tecnologia.

A partir do incremento da tecnologia nos meios de produção, passa a existir uma mudança na divisão técnica do trabalho, segundo informa Araújo (1999), de modo que menos trabalhadores estáveis são contratados, havendo uma preferência das empresas

pela terceirização. Ademais, ocorre o aumento do setor terciário, ou seja, o setor de serviços, o qual funciona para Offe (1989) apenas como mero regulador do trabalho industrial, sendo este dotados de funções superiores à atividade desenvolvida no setor terciário, ligado a funções de crescimento, produtividade e realização (Augusto, 1998). Nesse sentido, essas mudanças resultam no que Offe (1989) define como “trabalho objetivamente disforme”, ou seja, uma atividade disforme, devido às transformações como o fim da equiparação entre trabalho e emprego remunerado, o fim dos vínculos empregatícios permanentes, produzindo rumos incertos e para o trabalho (Guimarães, 2005). Ademais, o trabalho passa a ser comprometido em sua dimensão ética (Araújo, 1999), de modo que o sentido que a atividade laboral proporcionava na inserção profissional, humanizando-a, proporcionando satisfação, acabou sendo perpassada pela lógica do consumo, e então, a antes sensação de satisfação foi substituída pelo desejo de gratificação pela atividade realizada, conforme explica Guimarães (2005).

Ainda ao que concerne as críticas feitas à centralidade do trabalho, Araújo (1999) compreendendo as considerações de Habermas (1987), acrescenta ser a sociedade moderna não mais estruturada pelo trabalho, mas sim pela comunicação. Os teóricos da tese do “fim do trabalho” passam a defender um novo paradigma, baseado no conceito de “vida cotidiana”, no qual o trabalho finda por não mais ser central na estruturação da vida humana, e então, outros valores do dia a dia assumem importância, como a busca pela felicidade, lazer (Araújo, 1999). O paradigma da “vida cotidiana” está alicerçado na ideia de que com a crise do trabalho, as pessoas possuem mais tempo livre, implicando na emergência de outras novas necessidades.

Embora a crítica à centralidade do trabalho pareça ganhar força, autores como Frigotto (2001), Antunes (1995) e Harvey (1988) endossam a perspectiva de que mesmo com o desemprego, o aumento do setor de serviços, a terceirização, o trabalho ainda se mantém como central na vida humana. A defesa sobre a centralidade do trabalho pauta-se na concepção de



que o trabalho possui duas dimensões, sendo elas abstrata e concreta, como discorria Karl Marx em suas reflexões sobre o capital e sobre a dupla natureza da mercadoria (Castro, 2009).

Em sua dimensão concreta, o trabalho está relacionado à criação de valores socialmente úteis, promovendo satisfação das necessidades humanas, sendo comum a todas as sociedades. Em sua dimensão abstrata, o trabalho relaciona-se à atividade desprendida pelo trabalhador no processo de produção e envolve o salário, sendo determinado historicamente, pelas relações sociais capitalistas. Autores que defendem o trabalho enquanto categoria central e fundante do ser humano, pontuam que a crise do trabalho referenciada por Offe e Habermas, diz respeito à dimensão abstrata.

Para Araújo (1997), é importante analisar criticamente as transformações do mundo do trabalho através de sua perspectiva histórica e política, para compreendermos que essas mudanças não mudaram a base da estrutura da sociedade capitalista, a verdade é que o capitalismo vem se adaptando às suas crises, ainda carregando como objetivo principal, a acumulação de capital. Dessa forma, Antunes (1995) afirma que o trabalho ainda continua a ser regularizado pela lógica de mercado e a crise diria mais respeito ao trabalho assalariado (abstrato), enquanto o trabalho concreto se mantém como central e fonte da realização da humanidade do homem, além de definidor de interesses e identidades (Paulino, 2016). Entretanto, é importante considerar como as novas alterações e as novas morfologias do mundo do trabalho (Antunes, 2018) tem afetado o desenvolvimento humano em seus interesses, sentimento de realização pessoal e identidades.

Dessa forma, o trabalho segue enquanto central na vida social e humana e é considerado como importante estruturador do ciclo da vida das pessoas, tornando-se uma importante atividade para definir os estágios da vida humana, como informa Paulino (2016). A autora acrescenta ainda que foi com a organização do trabalho na sociedade industrial, perante a demanda de um processo formativo de mão-de-obra de qualificação básica que ocorreu a

emergência de fases etárias, como a juventude. Esse novo conceito que surge enquanto nova etapa do desenvolvimento é conhecida como período de transição da adolescência para a idade adulta, e possibilita aos sujeitos, preparar-se para adotar papéis e estabelecer projetos que os ajudem a alcançar a idade adulta. Nesse sentido, compreendendo a associação do trabalho e desenvolvimento, sabe-se que muitos estudos são realizados com esse propósito, no entanto, é a psicologia histórico-cultural que cumpre esse objetivo com mais afinco. Dessa forma, tal perspectiva irá guiar nossas discussões, facilitando analisar o paralelo entre os campos do desenvolvimento e mundo laboral.

A partir da análise da abordagem psicológica histórico-cultural, entende-se que no processo de desenvolvimento humano, o trabalho assume importante papel, tendo em vista ser a atividade fundante dos seres humanos. Tal perspectiva parte de uma concepção não naturalizante de desenvolvimento, mas de um processo de formação humana, na qual são consideradas as influências sociais e históricas como parte do desenvolvimento. Conforme cita Bock (2004), são a vida em sociedade e o trabalho os fatores que viabilizam o salto no processo de desenvolvimento humano. Ainda de acordo com a autora, em análise as obras de Vigotski (1994) sobre a “internalização de funções psicológicas superiores”, a ocorrência desse processo dar-se por meio das vias instrumentais como o trabalho e pelo signo, concebido como via psicológica, a partir da qual as operações externas, as atividades e suas raízes históricas, socialmente construídas são internalizadas. Com isso, o trabalho surge como importante instrumento para a humanização da espécie, sendo compreendido como “energia humana empregada para transformação intencional da natureza” (Bock, 2004).

É fundamental ainda para compreensão do paralelo entre trabalho e desenvolvimento, compreender o trabalho a partir de sua dupla via. Ao mesmo tempo que a atividade laboral é uma ação da espécie humana sobre o contexto ambiental, transformando-o conforme suas necessidades, o produto dessa transformação carrega os conhecimentos, aptidões humanas

conhecidas e aprendidas socialmente, culturalmente e historicamente, como explicita Bock (2004). Conforme reflete Rios (2015), a categoria trabalho é referência central para a psicologia do desenvolvimento e influencia o desenvolvimento da individualidade, personalidade e da consciência. Dessa forma, não há como dialogar sobre desenvolvimento, sem compreendermos o trabalho como importante via desse processo, no qual homens e mulheres assumem papel ativo e não são reféns das leis biológicas.

Nesse sentido, Pasqualini (2016) salienta a necessidade de ao estudar o desenvolvimento, analisar a historicidade, conceber e desvelar as determinações estruturais presentes no contexto do qual se fala e que perpassam os períodos da vida humana. Portanto, considerando que nosso objetivo trata de analisar o desenvolvimento da juventude, é importante compreender tal período como sendo marcado pelo momento no qual o jovem passa a projetar seu futuro no mundo, com uma ação mais ativa sobre o contexto que vive e com mais consciência sobre si e sobre o sistema social no qual está inserido, como analisado por Abrantes e Bulhões (2016). Ainda segundo os autores, o trabalho passa a ocupar uma relação central com a juventude, sendo esse compreendido como uma atividade vinculada ao processo produtivo.

Tal reflexão pode ser compreendida a partir da citação de Abrantes e Bulhões (2016) sobre a questão da juventude e do trabalho de que “o vínculo com o processo produtivo organiza ou reorganiza as atividades sociais e a existência do jovem, delimitando o conteúdo das relações sociais, limites e possibilidades da existência autônoma”. Desse modo, falar de juventude, implica discutir, analisar como a dinâmica do jovem com o trabalho tem se estabelecido no contexto de novas morfologias do mundo laboral, como cita Antunes (2018).

Para tanto, estudar o desenvolvimento significa analisar constantemente o contexto dinâmico das transformações do mundo laboral, o qual atualmente, tem sido marcado pelas mudanças do sistema produtivo e as influências originadas a partir da expansão do setor de serviços, ampliando a automação e superexploração, conforme a análise de Antunes (2018). O

autor em seu livro “O privilégio da servidão- O novo proletariado de serviços na era digital” faz suas análises valendo-se da premissa que o trabalho está configurando-se a partir de uma nova morfologia. Morfologia essa que produz uma nova organização social, novos significados para o trabalho. Há ainda a produção de novas formas de subjetivação, relações sociais e com isso, novas produções simbólicas do trabalho. Todos esses fatores vêm afetando o campo de desenvolvimento e, portanto, ao investigar tal temática é importante considerar as mudanças, relações e estruturas do mundo do trabalho, as quais vem modificando os marcos desenvolvimentais, e a configuração dos períodos de desenvolvimento.

Perante essa nova “morfologia do trabalho” são os jovens os principais alvos da intensifica precarização laboral, como informam Standing (2014), Braga (2014) e Antunes (2018). O novo cenário tornou a inserção profissional e os projetos de vida, especialmente das jovens e dos jovens que estão entrando no mercado de trabalho, cada vez mais incertos e frágeis. A sensação de incerteza, a realidade do desemprego tem sido enfrentada por grupos de jovens qualificados e, também para os que constituem uma mão-de-obra não qualificada. Todos esses grupos constituem a mão-de-obra excedente conforme indica Antunes (2018).

Tais transformações produziram significados diferentes para o trabalho quando comparado aos significados produzidos pelas gerações anteriores, originaram novas trajetórias de transição para idade adulta e nova constituição de projetos de vida que não mais são semelhantes às gerações anteriores. Esses fatores tornam fundamental a investigação de como tem sido construídas as trajetórias de transição das juventudes para a idade adulta, a partir da etapa de inserção profissional, cada vez mais frágil nesse período da vida. Para isso, partimos da concepção de indissociabilidade entre desenvolvimento humano e trabalho. Visando contribuir com essa análise, a próxima sessão do capítulo tratará da relação entre trabalho e a transição dos jovens para a idade adulta

## 1.2 O trabalho e a transição para a idade adulta

A partir das mudanças do mundo do trabalho, marcadas pelo processo de Reestruturação Produtiva<sup>1</sup>, iniciado na década de 1970, observa-se a emergência de um sistema de regime flexível (Marques, 2012) o qual passa a exigir polivalência e nível de qualificação dos trabalhadores e trabalhadoras, tornando o trabalho mais precário. Nesse cenário, adiciona-se a intensificação do desemprego, a exacerbada competitividade, a responsabilização dos sujeitos por suas carreiras de sucesso e fracasso, fazendo emergir a intensa sensação de instabilidade e insegurança. Sendo a configuração do desenvolvimento dependente das condições concretas da vida e do momento histórico, conforme informa Rios (2015), tem-se que essas transformações do mundo do trabalho acabam por afetar os processos de desenvolvimento.

Nessa configuração do mercado de trabalho, perpassada pela ideologia contemporânea, neoliberal “as relações humanas em geral são contaminadas pela lógica capitalista” como cita Rios (2015). A partir daí, a Reestruturação Produtiva, aliada as suas consequências, como as inovações tecnológicas, flexibilização da produção e superexploração, acabam por incutir aos indivíduos padrões de comportamento e de consciência. Com isso, foram modificadas a relação dos sujeitos com o tempo e o espaço, os estilos da vida e as relações interpessoais tornaram-se mais superficiais, pois foram invadidas pelo sistema de produção e pela lógica do mercado, fazendo emergir o fenômeno da “coisificação” entre as próprias pessoas.

Tais mudanças ocorrem, pois à medida que o sistema capitalista se transforma para sua preservação, seu modo de produção reproduz alterações que redimensionam a totalidade da vida social dos sujeitos e essas alterações têm sido intensificadas a partir da crise estrutural do

---

<sup>1</sup> Processo originado da crise do taylorismo-fordismo, resultado no surgimento de outros modelos produtivos, como o Toyotismo e ascensão do ideal neoliberal (Antunes, 2013).

capitalismo, na década de 70 (Trindade, 2017). Nesse contexto, foi possível observar o aprofundamento dos efeitos dessa crise no mundo laboral, por meio da disseminação de novas modalidades de trabalho, como o temporário, o *part-time*, os sem jornadas pré-determinada, sem direitos, o teletrabalho, conforme cita Antunes (2018), o que acaba intensificando a precarização do trabalho, já existente nos países do Sul (e agora mais intensos) e nos países do Norte global (nações mais desenvolvidas).

Ademais, esse contexto de mutação morfológica do trabalho passa a causar realidades de desemprego, subemprego, desvalorização e superexploração da força de trabalho, fenômenos esses os quais muito têm afetado uma heterogeneidade de grupos que passam a compor a condição de “precariado”, marcada pelos vínculos de trabalho frágeis, instáveis e inseguros (Trindade, 2017). Entretanto, a condição de precariado não deve ser compreendida como uma condição nova ou “nova classe”, como analisa Ruy Braga (2014) ao discordar do conceito de precariado dado por Guy Standing (2014). Ao mesmo, ainda que não seja uma condição nova, é fundamental novas contradições estruturais do capital que favorecem a intensificação da precarização do trabalho e a precarização da vida (Alves. 2013).

Seguindo-se por essas reflexões é importante considerar o que tem surgido de novo quanto a esse novo formato de exploração, flexibilização, precarização do trabalho, o qual gera a condição de precariado em seus termos atuais. Além dos artefatos tecnológicos e novas formas de gestão usados pelo sistema de produção capitalista, processo esse definido por Antunes (2018) como “uberização do trabalho”, os quais são capazes de favorecer o alargamento do exército de reserva, há ainda a manutenção de baixos salários e a criação de uma massa de trabalhadores e trabalhadoras dispostas a aceitar as condições precárias do mundo laboral, de modo a conseguir sobreviver (Trindade, 2017). Atrelado aos avanços da tecnologia, um fenômeno novo que deve ser mencionado é a nova configuração do exército reserva construído desde a década de 70. Diferente do que ocorria no período industrial, atualmente, nos mercados

de serviços, observamos que a mão-de-obra excluída do mundo laboral, tem sido, em sua maioria, os jovens e as jovens com qualificação, além de imigrantes, desempregados de diferentes raças, etnias, gênero, nacionalidade, como informa Antunes (2018).

Embora o precariado seja constituído por toda essa heterogeneidade de estratos sociais do proletariado e cada um deva ser considerado no seu contexto de particularidades e lutas, Alves (2013) considera o precariado como sendo caracterizado por “seu recorte geracional e determinado status educacional”. Complementando essa perspectiva, Standing (2014), Braga (2014) e Antunes (2018) concordam ao identificar os jovens e as jovens como a “espinha dorsal” do precariado. Em sua análise sobre o fenômeno do precariado no Sul Global, Braga (2014) concorda com Standing (2014) ao apontar os jovens em período de inserção profissional, em condição de estagiários, atendedores de telemarketing, como o grupo mais provável de desenvolver trajetórias de carreiras mais frágeis, menos estáveis quando comparada as trajetórias de seus pais e de gerações anteriores.

Dessa forma, a condição de precariado implica não apenas na precarização salarial, mas também na precarização existencial, corroendo a individualidade, em especial dos jovens, como analisa Alves (2013). Nesse sentido, é possível perceber que os planos, sonhos e expectativas de futuro para os jovens e as jovens são interditados pelas condições estruturais do capitalismo. O mesmo sistema que prescreve a necessidade de dedicação dos jovens adultos para uma formação qualificada, como garantia de inserção profissional e sucesso é o mesmo que os impede de alcançar essas promessas, além de ser uma formação a qual difunde a cultura do individualismo e tenta velar a condição de classes e demais estruturas do sistema (Alves, 2013). A partir dessas limitações, os jovens adultos precisaram lidar com uma realidade na qual o sucesso profissional, os planos de independência financeira, saída da casa dos pais, construção de sua própria família foram substituídos por condições de empregos precários, sem perspectiva de desenvolvimento de carreira e de futuro.

Essas novas mudanças que se apresentam aos jovens e às jovens em seus períodos de inserção profissional e de transição para a idade adulta podem revelar alterações quanto ao desenvolvimento desse grupo, quando comparado às gerações anteriores, conforme analisa Cardoso (2013). Para esse mesmo autor, desde a década de 70 até o presente momento tem ocorrido uma precarização da inserção profissional para os “mais qualificados”, afetando em especial os jovens e promovendo o adiamento da entrada desse grupo no mercado de trabalho, a ampliação dos índices de desemprego no início das trajetórias de vida e a competição por vagas no mundo laboral. Dessa forma, Cardoso (2013) conclui que por mais que a escolarização se apresente como aumento das chances de inserção no mundo do trabalho, ela ocorreria de modo mais lento e restrito para os jovens e as jovens atuais do que para as gerações anteriores desse grupo.

Portanto, perante esses novos cenários do trabalho e inserção profissional no início das trajetórias de vida, os possíveis novos projetos de futuro ou a interdição deles, tornou-se fundamental investigar como os jovens em transição para a idade adulta estão tendo suas trajetórias de desenvolvimento modificadas por essa nova morfologia. Dentre as investigações sobre a temática, uma tem ganhado mais espaço na área da Psicologia do Desenvolvimento é a nomeada *Adulter Emergente*, desenvolvida por Arnett (2000) no contexto norte-americano. Conforme proposto pelo investigador, o período de transição para a idade adulta tem sido prolongado mais que para as outras gerações, a ponto de ser analisado por Arnett (2000) como um novo período do ciclo da vida humana.

O fenômeno da *Adulter Emergente* tenta dar conta de como as trajetórias de transição para a idade adulta vem se configurando perante esse cenário já mencionado no mundo do trabalho. Entretanto, Arnett (2000) assume que *adulter emergente* é um fenômeno culturalmente variável (Arnett et al., 2018), devendo ser analisado a partir das mais diversas culturas e condições sociais de vida de cada jovem, portanto, em nosso estudo, assumimos ser



esse tipo de trajetória uma das possibilidades dentre outras, de experienciar a transição para a idade adulta. Dentre os fatores responsáveis pelo prolongamento dessa transição dos 18 aos 29 anos, estão o elevado índice de desemprego, dificuldades de inserir-se no mercado de trabalho, a busca por níveis cada vez maiores de qualificação e formação como passaporte para inserção profissional, os quais combinados, dificultam a conquista da autonomia e independência financeira capaz de viabilizar os demais marcos sociais estabelecidos como necessários para o ritual de tornar-se adulto, como sair da casa dos pais, constituir família, ter filhos e estabelecer compromissos e responsabilidades, segundo analisam Arnett et al. (2018).

Nas investigações sobre os adultos emergentes, ou seja, um grupo de jovens de condições sociais, econômicas e escolarização específicas, é possível identificar como ponto em comum, em suas trajetórias de transição para a idade adulta, o prolongamento dos processos formativos na busca pela qualificação e pela multiplicação de oportunidades (Paulino, Coimbra & Gonçalves, 2010), como estratégia de enfrentamento do mercado que atravessa um contexto de crise e de empregos precários (Couto, 2011). Esse fenômeno também foi relatado por investigadores do fenômeno precariado, os quais identificaram os jovens e as jovens com ensino superior, qualificações como o principal grupo afetado pelas novas morfologias do mundo laboral. O diálogo entre os campos de estudo entre trabalho e desenvolvimento pode ser observado por Couto (2011) ao relatar a situação dos jovens e das jovens universitárias em transição para a idade adulta e em período de inserção profissional, os quais mesmo com suas qualificações, são confrontados com o desemprego, emprego precário, promovendo então, uma fragilidade maior de projetos e futuros profissionais desses jovens (Paulino et al., 2010).

Perante esse contexto, percebe-se que as trajetórias dos jovens no trabalho, na fase de transição e inserção profissional, caracterizam-se por uma sucessão de vínculos empregatícios, trajetórias menos lineares e permanentes, de modo que as carreiras estão e devem estar mais suscetíveis aos ajustes constantes demandados pela sociedade capitalista atual, conforme

analisam Lassance e Sarriera (2012). Devido à essa configuração, é comum ver alguns grupos de jovens, ao passarem por essa transição universidade-trabalho, criarem empregos próprios, recorrendo ao empreendedorismo e criando seus próprios negócios, passando por muitas profissões, até alcançarem uma atividade na qual haja sensação de realização (Mendonça, 2007). Os autores Guerreiro e Abrantes (2005) inclusive citam que na fase da adulez emergente, em especial ao que concerne o período da inserção profissional, é comum observar o trabalho e a vida profissional ocupando papel central na vida desses jovens, os quais passam a dedicar-se, quase exclusivamente, à dimensão profissional da vida, enquanto os demais marcos sociais para o ritual de torna-se adulto ficam em segundo plano.

Mediante a realidade exposta e a necessidade do diálogo entre os campos de estudo do trabalho e do desenvolvimento humano, torna-se fundamental acompanhar as transformações do mundo laboral, as condições de vida impostas por essas transformações e como elas tem se colocado no desenvolvimento dos principais grupos afetados pela nova morfologia laboral. Como explícito anteriormente, há uma heterogeneidade de grupos dentre os quais vivenciam condições precárias de trabalho e existência, mas dentre eles, o grupo dos jovens em transição para a idade adulta e inserção profissional são os mais afetados, mesmo quando correspondendo as demandas do sistema por uma formação qualificada. Essa incoerência é um dos principais sintomas da fragilidade da ordem burguesa ao não conseguir incorporar os jovens no mundo do trabalho.

Dessa forma, tomando esse sintoma como ponto inicial das investigações, é importante investigar o cenário laboral que tem estruturado e influenciado o desenvolvimento dos jovens em transição para a idade adulta, formando-se em cursos de ensino superior. Para isso, analisar como esse grupo tem representado, simbolicamente, o trabalho e como as condições de trabalho dessas primeiras experiências têm afetado o modo de tornar-se adulto e suas possíveis

trajetórias de tal período de formação humana é essencial no campo do diálogo entre desenvolvimento humano e trabalho.

## Capítulo 2: Significados do Trabalho

### 2.1 Origem dos estudos sobre significado do trabalho

Ao considerar que o mundo do trabalho passou por todas essas modificações em sua estrutura e ainda assim, continua influenciado o processo de desenvolvimento humano, é importante considerar quais os significados atribuídos ao trabalho no novo contexto e nova morfologia. Nesse sentido, essa seção do capítulo tratará da construção do conceito de significado do trabalho, como o significado tem sido influenciado pelas transformações do modo de produção atual e a importância de investigar os significados atribuídos ao trabalho para os jovens, em especial, aqueles em fase de inserção profissional, como possível forma de compreender a construção simbólica do trabalho, a partir de sua nova morfologia.

É importante compreender inicialmente, que a atenção perante o construto do significado do trabalho surgiu a partir do processo de Reestruturação Produtiva, o qual promoveu uma série de transformações que se fizeram sentir no mundo laboral e mesmo na categoria do trabalho (Tolfo, Coutinho, Baasch & Cugnier, 2011). Esse processo fez emergir investigações sobre o desemprego, a precarização, a alienação do trabalho, e dentre esses temas, fez-se importante também, a investigação sobre quais significados estão sendo atribuídos ao trabalho nessa nova configuração da sociedade e como esses significados vem afetando a subjetivação das pessoas (Paulino, 2016).

Ainda no que tange a investigação sobre o fenômeno de significado do trabalho, Borges (1999) relata ser necessário discutir a abrangência dessas transformações do mundo laboral na construção da concepção do trabalho, afinal esses conceitos são resultado do processo de criação histórica, constituídos pela organização da produção, as relações econômicas,

ideológicas e de poder estabelecidas nessa estrutura. Em conformidade com essa perspectiva, Tolfo et al. (2011) compreendem que o conceito de trabalho muda de acordo com o contexto histórico e social, implicando também em diversificadas formas de relação entre homem e trabalho, fazendo emergir formas diferenciadas de significado, sentido e valores provenientes dessas experiências (Blanch Ribas, 2003).

O início dos estudos sobre significado do trabalho, conforme aponta Goulart (2009), deu-se com a investigação pioneira de Morse e Weiss (1955), realizada com 401 norte-americanos de diferentes profissões a partir da pergunta: “Você continuaria trabalhando se ganhasse na loteria?”. A descoberta desses pesquisadores foi equivalente a uma resposta positiva de 80% dos entrevistados para a questão. Além disso, teve-se que os profissionais de salários médios relacionavam o trabalho a um objetivo de vida, como fonte de auto expressão e realização. Autores como Tausky e Piedmond (1967) também contribuíram com a investigação desse tema, mas focaram em investigar o significado do trabalho para os trabalhadores manuais, obtendo resultados diferentes da primeira investigação, pois as respostas apontavam muito mais para importância do salário e para a questão da pertença pelos grupos de trabalho (Goulart, 2009).

Outro estudo importante, foi o de Williams, Morea e Ives (1975) que investigou o conceito de trabalho com estudantes e profissionais britânicos, buscando avaliar a importância que a profissão desempenhava em relação aos outros sistemas sociais (família, religião, dentre outros). Nessa investigação, teve-se que os profissionais apontaram a família como mais importante, seguida da profissão, enquanto os estudantes responderam ser o trabalho mais importante que a família. Além desses estudos, outros foram realizados, contudo foi na década de 1970 que as investigações sobre o sentido e o significado do trabalho começaram a ser estudadas de modo mais sistemática pelos psicólogos (Tolfo et al., 2011), sendo na década de 1980 que o constructo do significado passou a ter contornos mais definidos e influentes, a partir

do grupo de pesquisados conhecidos como *Meaning of Working International Team* (MOW), segundo relatam Bendassolli e Borges-Andrade (2011). As pesquisas realizadas pela equipe MOW contribuíram para a compreensão do fenômeno a nível mundial, tornando-se marco histórico dos estudos sobre esse constructo, definido pelo time como multidimensional e dinâmico, originado a partir da relação entre variáveis ambientais e pessoais (Schweitzer, Gonçalves, Tolfo & Silva, 2016).

## **2.2 Os significados e suas diferentes correntes epistemológicas**

As investigações sobre o constructo do significado do trabalho, são marcadas pela divergência de bases epistemológicas e de pensamentos, segundo identifica Tolfo et al. (2011) a partir da análise de autores brasileiros como Borges, Tamayo e Alvez-Filho. As bases epistemológicas foram classificadas em quatro perspectivas distintas, sendo elas: a cognitiva; existencialista; construcionista; estudos culturais e sócio-históricos (Tolfo et al., 2011).

Ainda no que concerne o compromisso de investigar convergências e divergências entre as bases epistemológicas que tratam sobre o significado do trabalho, Schweitzer et al. (2016) utiliza-se da combinação entre os eixos temáticos que classificam as investigações na área da Psicologia do Trabalho e das Organizações (PTO) no Brasil, propostos por Bendassolli, Borges-Andrade e Malvezzi (2010), sendo eles o comportamento; subjetividade e eixo clínico, combinado aos quatro paradigmas sociológicos criados por Burrell e Morgan (1979) como aporte teórico para compreender as aproximações e divergências nos pressupostos teóricos e epistemológicos dos fenômenos pesquisados. A partir dessa combinação, Schweitzer et al. (2016) conseguem apontar relações entre as teorias usadas nos estudos analisados e os paradigmas propostos e definir como perspectivas principais que emergem dessas produções

científicas: a sócio-histórica; cognitivista; humanista-fenomenológica; construcionista; a psicodinâmica.

No que concerne à corrente epistemológica cognitivista, tem-se como destaque as investigações do grupo MOW, realizadas em oito países diferentes, utilizando-se da metodologia quantitativa, objetivando buscar convergências e divergências entre o fenômeno (Tolfo et al., 2011). Essas pesquisas permitiram aos estudiosos, definirem o significado do trabalho como um fenômeno multifacetado, dinâmico, originado da interação entre pessoa e ambiente, podendo ser modificado mediante transformações sofridas no ser humano, com ambiente ou no trabalho (Schweitzer et al., 2016). Nessa corrente ainda, o significado é definido enquanto cognição social, a qual envolve variáveis históricas, políticas, culturais e econômicas.

A partir das investigações realizadas pelo grupo MOW, a equipe apreendeu três variáveis como constituintes do fenômeno, sendo elas: centralidade do trabalho; normas sociais e os resultados valorizados no trabalho e a importância das metas. A dimensão centralidade é compreendida a partir do grau de importância que o trabalho assume na vida do sujeito em determinado momento, sendo formada por dois constructos: a centralidade absoluta (o valor atribuído ao trabalho dentro da vida das pessoas e o valor no qual o trabalho é central na definição da autoimagem); centralidade relativa (mensura a relação do trabalho com outros momentos importantes da vida dos sujeitos) (Tolfo & Piccinini, 2007). As normas sociais referem-se aos valores morais do trabalho, os quais influenciam as avaliações individuais sobre a atividade, as recompensas, envolvendo percepções do que seriam trocas equitativas entre o indivíduo e o trabalho, as quais não são estáveis e dependem de variáveis pessoais e sociodemográficas (Tolfo & Piccinini, 2007). Por fim, tem-se a dimensão dos resultados valorizados do trabalho, a qual se relaciona com as razões para trabalhar, ou seja, a finalidade do trabalho, mantendo relação com estudos sobre satisfação, incentivo e valores (Tolfo & Piccinini, 2007; Tolfo et al., 2011).

Ainda sobre a corrente cognitivista, outras contribuições são trazidas por Borges (1997), a qual utiliza-se de parte do conceito de significado desenvolvido pelo grupo MOW, definindo o fenômeno do significado do trabalho como cognição multifacetada, possuidor de caráter dinâmico, histórico e subjetivo. A partir dessas concepções, tem-se que a construção do significado é um processo subjetivo permeado pela inserção social e história desse sujeito (Tolfo et al., 2011). É acrescentado ainda por Pereira e Tolfo (2016) que Borges realizou uma análise aprofundada na estrutura fatorial das crenças sobre trabalho, por meio de uma diferenciação entre os atributos descritivos (como o trabalho é concretamente, na representação mental que os sujeitos possuem sobre a atividade) e valorativos (como o trabalho deve ser, relacionando-se aos valores inerentes à atividade) que acabou favorecendo a organização escalonada das qualidades atribuídas ao trabalho.

Para a corrente existencialista, Morin (2001) utiliza-se das concepções de Vitor Frankl, de que a busca pelo sentido da vida é a principal motivação do ser humano e dos estudos do grupo MOW, fazendo uso de algumas variáveis formuladas pela equipe de pesquisadores. De acordo com Pereira e Tolfo (2016) o sentido do trabalho possui estrutura afetiva formada pelas seguintes dimensões: significação (valor e representações da atividade para o indivíduo); coerência (harmonia e equilíbrio desejado na relação com o trabalho) e orientação (a intenção que guia a atividade). A teórica apontou cinco motivos que levam à atribuição do significado do trabalho, sendo eles: autonomia e segurança; capacidade de realizar-se e atualizar o potencial; sentimentos de pertencimento e relação com os outros; contribuição social e sentido na vida. Dessa forma, para que o trabalho tenha sentido é necessário que ele seja realizado em boas condições, pois esse fenômeno é influenciado pela organização do trabalho (Tolfo et al., 2011) e com isso, a atividade laboral pode assumir concepções positivas, neutras e negativas que podem ser categorizados em seis padrões diferentes.



A abordagem construcionista está vinculada à Psicologia Social, e parte do pressuposto que os sentidos da vida são produtos da construção social dinâmica, dada a partir da linguagem e das relações sociais (Pereira & Tolfo, 2016). Com isso, a realidade mantém relação de dependência com o modo pelo qual as pessoas a compreendem e significam. Nessa abordagem, sujeito e objeto são entendidos como construções sócio-históricas, conforme indica Tolfo et al. (2011), e o processo de construção de sentido dar-se por meio de conhecimentos apreendidos pelo sentido comum, produzidos no dia a dia.

Autores como Guareschi, Medeiros e Bruschi (2003) propõem a articulação entre a abordagem construcionista e os estudos culturais, retomando as pesquisas sobre a cultura, a partir do contexto contemporâneo. Essa articulação baseia-se numa perspectiva multidisciplinar, agrupando diferentes teorias, não se atendo a uma base epistemológica única. Os teóricos dessa concepção consideram a cultura a partir de seu papel central, produzida por meio dos contextos econômico, político, social e histórico. Ademais, a cultura é concebida por seu papel ativo e constitutivo, enquanto prática de significação, e por isso, mantém relação íntima com a linguagem, possibilitando a produção dos significados sociais, sendo os fenômenos discursivo produzidos na realidade entre os sujeitos. Por fim, as práticas culturais permitem ainda a socialização das pessoas (Tolfo et al., 2011)

Dentre essas abordagens, soma-se ainda a perspectiva histórico-cultural que recebe contribuições tanto de Leontiev, quanto de Vygotski. Para essa base epistemológica, o ser humano é constituído a partir de seu contexto histórico e das relações sociais aí estabelecidas, de modo que esse contexto é formado por sentidos e significados produzidos, apropriados e transformados. Percebe-se que nessa abordagem, tanto significado quanto sentido são foco das investigações, pois são considerados como mediadores da transformação do pensamento em linguagem, com isso são parte de um mesmo processo e não podem ser considerados de forma separada como alerta Pereira e Tolfo (2016).

Embora parte do mesmo processo, deve-se entender o significado enquanto produto histórico e social, e como parte mais estável e permanente do processo da relação do sujeito com a realidade, na qual ocorre a transformação de si e do contexto e com isso, toda a atividade é significada. O significado é entendido ainda como os conteúdos compartilhados socialmente, apropriados pelos sujeitos, contudo, ao apropriarem-se do conteúdo social, os indivíduos internalizam e transformam esse significado em sentidos (Schweitzer et al., 2016). Com isso, sentido e significado são ao mesmo tempo, a partir da relação dialética, produtos históricos, sociais e individuais, sendo construídos por meio da vivência cognitiva e afetiva da realidade história e social.

Por fim, tem-se a perspectiva da psicodinâmica do trabalho a qual possui como principal teórico Dejours (2015) e que se baseia nos pressupostos da psicanálise, entendendo que a compreensão do mundo ocorre pela experiência subjetiva (Schweitzer et al., 2016). Para Dejours, o trabalho precisa ter sentido para o trabalhador, para a sociedade e para os pares. O sentido é constituído por componentes relacionados ao objeto e ao sujeito, e seus conteúdos promovem a produção da identidade social e pessoal do trabalhador por meio da atividade que realizam, permitindo a identificação do sujeito com o trabalho. Dessa forma, os elementos constitutivos da construção do sentido são: características da atividade realizada; diferenças subjetivas; organização do trabalho. Para a corrente da psicodinâmica do trabalho, o sentido irá variar a partir do modo pelo qual os trabalhadores vão subjetivar suas experiências laborais nesse novo contexto de organização laboral que funciona como fonte produtora de vivências.

Na discussão sobre o significado do trabalho, alguns autores (Tolfo & Piccinin, 2007; Bendassolli & Gondim, 2014; Pereira & Tolfo, 2016) atentam para o uso dos constructos sentido e significado enquanto sinônimos, que quando não postos como sinônimos, são concebidos como fenômenos separados, sendo um deles mais valorizados do que o outro. Diferentemente desses posicionamentos, Bendassolli e Gondim (2014) apontam o sentido e o

significado como conceitos interdependentes, que precisam ser superados em suas dualidades e compreendidos a partir de sua dialética, enquanto produtos de um mesmo processo. Para isso, esses autores concebem que os constructos de significado e sentido podem ser melhores concebidos quando se compreende o trabalho em seu caráter mediador, pensados a partir da função psicológica do trabalho, formando assim uma tríade conceitual que consegue captar o dinamismo presente no processo de construção dos sentidos e significados.

Todas essas perspectivas epistemológicas representam as concepções teóricas presentes na Psicologia, utilizadas nas investigações sobre o fenômeno do trabalho. Essas abordagens buscam dar conta das formas plurais assumidas pelo trabalho, no contexto contemporâneo e os seus novos significados e sentidos, a partir das novas formas vigentes de emprego, das novas organizações e heterogeneidade da classe trabalhadora (Tolfo et al., 2011).

Nesse sentido, as transformações do mundo do trabalho têm afetado a classe trabalhadora enquanto um todo, o que leva a uma pluralidade de significados atribuídos ao trabalho. Esse fenômeno repercute sobremaneira na juventude, como expõe Paulino (2016), devido à importância que a inserção profissional possui na etapa de transição para tornar-se adulto, quando o trabalho é esperado enquanto trajetória normativa no desenvolvimento humano. Dessa forma, torna-se importante investigar quais os significados atribuídos pelos jovens que estão passando por essa fase de inserção profissional, pois as primeiras experiências laborais influem nesse processo de significação (Gracia, Martín, Rodríguez & Peiró, 2001), marcado cada vez mais por novos e diferentes significados. Ademais, é fundamental ainda, investigar a relação desse fenômeno com a etapa do desenvolvimento humano, responsável pela transição para a idade adulta.

Em nossa pesquisa, iremos investigar os significados do trabalho para jovens em transição universidade-mercado, uma vez que assumimos ser o trabalho uma atividade central nesse período do desenvolvimento e, portanto, havendo uma forma específica desse grupo

significar a atividade laboral. Nossa investigação baseou-se na corrente epistemológica construtivista que embasou a construção do instrumento de Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho (ESAT) utilizado em nossa investigação. Conforme analisado por Gonçalves (2006), o viés construtivista concebe os significados do trabalho como construídos socialmente, através das mensagens explícitas ou tácitas presentes nos contextos de vida nos quais os jovens estão inseridos, como família, instituição de ensino superior, políticas nacionais e internacionais. De acordo com o Gonçalves (2006), a perspectiva construtivista é a abordagem mais adequada para avaliar os significados atribuídos ao trabalho em contextos históricos, sociais e culturais de grandes transformações, afinal, como conclui o teórico, as representações sobre as atividades laborais são resultado da interação com a sociedade, considerando as mudanças econômicas e culturais. Ademais, as narrativas de identidade dos sujeitos as quais associadas aos significados do trabalho, interagem com os contextos laborais em transformação. Nesse sentido, a escolha pela abordagem construtivista deu-se ainda, pois o fenômeno da adutez emergente também trata a juventude a partir de seus elementos culturais compartilhados, construídos por meio da realidade construída socialmente.

### **2.3 Significados do trabalho para a juventude**

A nova dinâmica do mundo do trabalho, contexto base para as discussões do presente trabalho, começa a ser desenhada com a crise de acumulação do sistema capitalista, definida por Antunes (2003) como crise estrutural do capital. O seu início deu-se por meio de uma combinação de fatores, dentre eles, a tendência de queda de taxas de lucro, a inviabilidade do capital de se reproduzir na mesma velocidade, em função do aumento da produtividade e taxas adequadas ao seu investimento, como informam Raitz e Baldissera (2012). Ainda de acordo com estas autoras, esse quadro é pintado, juntamente, com a elevação dos preços do barril de

petróleo, figurando então, as principais condições para a emergência da Reestruturação Produtiva que na década de 90, articulada ao avanço das políticas neoliberais e globalização do capital, favoreceram uma configuração de flexibilidade do trabalho, do consumo e dos mercados (Raitz & Baldissera, 2012).

As transformações do mundo laboral resultaram ainda em fenômenos como a precarização do trabalho, com a deterioração das condições e leis trabalhistas, aumento da informalidade e elevação dos índices de desemprego. Toda essa dinâmica afeta a vida dos trabalhadores, sendo os jovens as principais vítimas da nova configuração do trabalho, atingidos em sua socialização, em seus projetos de vida e em especial, na sua inserção no mundo laboral. Os dados estatísticos divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (2019) comprovam essa análise, ao mostrar que 41,8% dos jovens com idade de 18 a 24 anos estão em condição de subutilizados (desempregados, ou desistiram de buscar emprego ou tinha disponibilidade para trabalhar por mais horas na semana) no primeiro trimestre de 2019. Ademais, a taxa de desemprego para esse grupo. O índice de subutilização em números exatos é o equivalente a 7,337 milhões de jovens brasileiros, sendo os jovens com idade entre 18 a 24 anos, os mais vulneráveis nos momentos de crise. Ademais, a pesquisa indicou que desse total de jovens brasileiros subutilizados, 4,26 milhões estavam desempregados (27, 3%), significando o quanto o mercado de trabalho é restritivo para a juventude.

Nesse sentido, Raitz e Petters (2008) identificam o impasse no qual a juventude se depara, quando busca o seu direito de trabalhar, de realizar sonhos e projetos de vida, mas não os encontram. Para Maresch e Raitz (2015), esse cenário afeta não apenas a ética do trabalho formal, como também a inserção profissional dos mais diferentes grupos de jovens de diversas nacionalidades, provocando então, uma heterogeneidade quanto as trajetórias laborais juvenis e sua relação com o mundo do trabalho. Ainda sobre a inserção profissional enfrentada pela juventude, atualmente, Ribeiro (2011) a caracteriza como situação de vulnerabilidade

psicossocial, seja pelo desemprego vivenciado, como pela inserção precária no mercado. Perante esse fenômeno, os jovens são responsabilizados pelos sucessos e fracassos de suas trajetórias de trabalho, segundo Maia e Mancebo (2010).

A culpabilização da juventude perante os fenômenos estruturais da nova fase do capitalismo a faz criar suas próprias estratégias de enfrentamento, as quais variam de acordo com a classe social de origem desses jovens. Para Raitz e Petters (2008), a juventude brasileira é constituída por uma maioria de origem pobre e que precisa trabalhar para complementar a renda familiar, suprindo necessidades básicas. Isso implica dizer que grande parte desses jovens entram mais cedo no mercado de trabalho, aceitam assumir subempregos, o que acaba dificultando a possibilidade de mobilidade social, pois precisam interromper o processo de escolarização ou tentam conciliar estudo e trabalho, assumindo os papéis de trabalhador e estudante, sem, no entanto, conseguir se dedicar igualmente (D'Avila, 2014).

Enquanto isso, os jovens com maior acesso à recursos sociais, buscam por meio da ampliação da escolaridade, maior qualificação para fazer frente às dificuldades encontradas na inserção profissional, na possibilidade de assumirem cargos com melhores condições, salários e possibilidades de desenvolvimento, buscando garantias de inserção profissional que também não existe para esse grupo juvenil (Carreteiro et al., 2011). A distinção entre as formas de enfrentamento dessa situação, podem resultar na reprodução do ciclo de pobreza, de modo que os jovens possuidores de mais recursos sociais, possuem maior propensão de alcançar cargos que pagam melhor pela mão-de-obra mais intelectual e qualificada. Enquanto o outro grupo de jovens, impossibilitados de acessar à escolarização de qualidade, acabam assumindo empregos mais precários, com menores salários.

Sobre as diferentes trajetórias juvenis de inserção laboral, D'Avila (2014) problematiza a questão, analisando alguns autores como Tanguy (1999) que admite ser o ingresso no mercado de trabalho muito mais vinculado à classe social dos sujeitos do que a formação deles. Sobre

esse raciocínio, no entanto, Gazo, Raitz e Ordóñez (2013) nos alertam para conceber a relação de interdependência entre educação e trabalho, de modo que, as transformações do mundo laboral estão conectadas com as alterações da estrutura de ensino para formação profissional e para a vida dos jovens, como informa Pochmann (2012). Dessa forma, a perspectiva adotada no trabalho é a de que a classe social de origem do jovem, sua raça e cor definem que educação ele ou ela receberá para tornar-se a mão-de-obra demandada pelo modo de produção capitalista.

A partir dessa nova configuração e demanda do mundo laboral, surgiram novas tendências de inserção no mercado para os jovens em processo de formação profissional, sendo elas atividades como os estágios, programa trainee, trabalhos precários e concurso público (D'Avila, 2014). A autora lembra ainda que os estágios, embora sejam práticas regulamentadas, são utilizados como meio para obter mão-de-obra barata, além de representarem vínculo frágil, podendo ser rompido a qualquer momento. Para os jovens no ensino superior, o estágio é uma forma das empresas obterem mão-de-obra barata e qualificada. Conforme D'Avila (2014) analisa, embora o modo de inserção profissional por meio do estágio seja reconhecido como parte do processo educativo, ele acaba tornando-se um meio legítimo de inserção do mundo do trabalho.

Essas novas tendências, apresentam-se para Antunes (2007), de acordo com a interpretação de D'Avila (2014), como uma tentativa da “classe-que-vive-do-trabalho” de manter-se empregável, buscando qualificação, desenvolvimento de competências e formação profissional para o mercado. Para os autores, esse discurso representa uma falácia, afinal, ele transfere para os trabalhadores a responsabilidade de manter-se empregável, “desejável” ao mercado, quando na verdade, o desemprego não é originado pela falta de qualificação dos trabalhadores, e sim são efeitos da estrutura do próprio sistema, o qual cria discursos como esses, funcionando como aparatos ideológicos que se voltam contra a própria classe trabalhadora.

Todos esses aspectos constituem o cenário que os jovens enfrentam no período de inserção profissional. Compreender esses traços é importante, pois essa dinâmica irá servir de base para a produção de significados e sentidos sobre o trabalho para os jovens em período de inserção no mundo laboral. Para Dutra-Thomé e Koller (2014), sentidos e significados estão em transformação constante, afinal, são construídos a partir de uma dinâmica relacional com a realidade. Portanto, tais palavras devem ser usadas no plural, para representar a multiplicidade de concepções sobre o trabalho, na qual, não há uma única direção de construção (Dias, 2009). Isso significa dizer que existem diversas formas da juventude se relacionar com o trabalho, produzindo então, novos e diferentes significados e sentidos, segundo relata Paulino (2016), em sua pesquisa sobre significados do trabalho com jovens na condição nem-nem.

Além desses aspectos, no que concerne às representações do trabalho construídas atualmente, Pais (2005) considera que elas estão associadas e marcadas por certa instabilidade, resultado da angústia e da imprevisibilidade enfrentados pela juventude, em suas trajetórias laborais. Embora instável, na pesquisa sobre a trajetória acadêmica e laboral de jovens universitários, Raitz e Baldissera (2012) alertam que representações laborais não atestam para a perda de importância do trabalho na vida dos jovens, ele apenas, apresenta-se a partir de novas dimensões. A emergência desses novos aspectos fez surgir o questionamento de Guimarães (2005) se o trabalho seria ainda uma categoria-chave no imaginário da juventude, devido a considerações como a de Offe (1988), de que a atividade laboral se tornou “disforme”, por um conjunto de fatores como o rompimento da equivalência entre emprego remunerado e trabalho, o fim dos contratos de longa duração e com isso, a condição de trabalhador permanente. Esse questionamento surgiu também pela crescente instabilidade dos vínculos e a incerteza em face desses caminhos.

Para Guimarães (2005), a conjuntura formada por fatores como a insegurança na trajetória laboral, aliada à perda do significado subjetivo do trabalho explica o posicionamento



de Offe (1988) quanto à alteração da representação simbólica do trabalho. Contudo, essa autora discorda de tal análise e vem reafirmar que as novas representações dos jovens sobre o trabalho não revelam o fim do significado dessa atividade, mas questionam os antigos valores laborais, antes alicerçados na ética e no direito ao trabalho.

Diante das diversas trajetórias ocupacionais e o atual contexto laboral enfrentado pela juventude, surgem novas formas de interpretar os significados subjetivos do trabalho, os quais podem variar desde a atividade laboral como meio de autorrealização, potencial de desenvolvimento, provedor de necessidade ou até mesmo, como meio de conquista para a independência. De acordo com Guimarães (2005), isso implica concluir que o trabalho não perdeu seu papel enquanto central na vida dos jovens, apenas pode ser entendido a partir de sua pluralidade de representações, produto da diversidade encontrada entre a juventude e as trajetórias profissionais.

Considerando os sentidos e significados que o trabalho assume para os grupos juvenis, é importante mencionar que as representações sobre a atividade laboral adquirem conotações positivas e negativas, como afirmam Oliveira, Piccinini e Silveira (2010), podendo variar entre esses dois polos. A partir dessa concepção, dentre as análises de autores interessados pela temática, algumas representações comuns emergiram entre as pesquisas. Nas pesquisas de Raitz e Baldissera (2012) e Dutra-Thomé e Koller (2014), o trabalho surge na representação dos jovens, assumindo importância para a constituição identitária dos sujeitos, através de suas dimensões de sociabilidade, interação e lazer, auxiliando no desenvolvimento de responsabilidades, amadurecimento, afinal, tal atividade é compreendida como meio de contribuição do sujeito para a sociedade. Essa concepção atribuída à atividade laboral refere-se ao seu potencial de promover o desenvolvimento dos sujeitos e também a emancipação dos mesmos, possibilitando ainda a evolução profissional por meio da aquisição de aprendizagens no ambiente laboral.

Além dessa representação, mediante a necessidade de contribuir com a renda familiar o trabalho acaba por assumir significado instrumental. Para Dutra-Thomé e Koller (2014), o trabalho quando associado a esse significado, representa responsabilidade, um movimento do jovem de voltar-se para o outro. Nesse sentido, Raitz (2009) compreende haver um sentido duplo, aparecendo o trabalho tanto vinculado a uma concepção ética de prover, como também se apresenta como meio de dignidade e respeito, afinal, retira os jovens, em especial, aqueles em situação de vulnerabilidade, da condição de “vagabundo”, para a de trabalhador. Posicionamento semelhante é apresentado por Guimarães (2005), ao compreender que a atividade laboral ao ser representada por meio do sentido de “necessidade”, não pode ser associada a uma concepção de todos os grupos de jovens, sendo uma necessidade, apenas, para aqueles em situação de maior vulnerabilidade. Em seu artigo sobre o trabalho enquanto categoria chave no imaginário juvenil, Guimarães (2005), explica quem são os grupos em situação de vulnerabilidade:

Os ocupados no mercado informal (41% das respostas contra 39% na média); os desempregados que tiveram experiência prévia de trabalho (42%), notadamente aqueles cuja experiência se deu no trabalho informal (43%); os de menor escolaridade ( 59% de respostas entre os que têm apenas até a 4ª série) ou de menor renda (48% entre os que ganham menos que 1 salário mínimo), premidos pela necessidade de acelerar a passagem à vida adulta, por sua idade mais elevada ( 42% das respostas entre os que têm entre 21 e 24 anos). (Guimarães, 2005, p. 18).

Ademais, o trabalho também se encontra associado ao sentido de independência e autorrealização. Ao ser representado dessa forma, esses sentidos vinculam-se à atividade laboral como meio de reconhecimento social, estando ligado assim, à dimensão moral do trabalho (Dutra-Thomé & Koller, 2014). Conforme indica Raitz (2009), é importante inserir nessa análise a conotação de independência e autonomia que o trabalho carrega, a partir do gênero dos jovens. Isso porque para as mulheres, a representação do trabalho enquanto

promotor de independência carrega peso maior que para os homens, inclusive, assumindo maior valorização que a vinculada ao trabalho doméstico. Além disso, nesse contexto, cada vez maior da inserção da mulher no mundo do trabalho, na luta por conquistas e direitos no que concerne ao mundo do trabalho, Raitz (2009) concebe a mudança do trabalho doméstico para o remunerado como importante meio para o desenvolvimento, autonomia e emancipação feminina. Como aponta a autora, as representações do trabalho variam também, mediante o gênero das/dos trabalhadoras e trabalhadores.

Ainda no que concerne à discussão das representações sobre o trabalho, embora Dutra-Thomé e Koller (2014) concebam a tendência entre os adultos emergentes, de uma busca por um trabalho significativo, promotor de realização e satisfação pessoal, isso varia conforme os níveis sociais e econômicos de origem dos grupos juvenis. A busca por uma atividade laboral com sentido é mais comum entre os jovens adultos de níveis sociais e econômicos médio e alto, os quais possuem menor tolerância aos relacionamentos de trabalho abusivos, almejando realizar atividades laborais capazes de proporcionar bem-estar e tempo para investir em lazer. Simultaneamente à essa representação, entre os adultos emergentes em situação de maior vulnerabilidade social, alvo da investigação de Dutra-Thomé e Koller (2014), foi observado teor negativo vinculado ao termo trabalho, explicitando possíveis vivências de sofrimento experienciada por esse grupo de jovens, por meio de palavras como “exploração”, “sacrifício”, “fim dos sonhos”. Na mesma investigação ainda, jovens atribuem conotação positiva à situação de não trabalho.

Tal diversidade de significados diz sobre a realidade enfrentada pelos diferentes grupos de jovens, em especial, no momento da transição para o mercado de trabalho, quando os modelos tradicionais de entrada na vida ativa são abalados, conforme cita Pais (2005), a partir do abandono de estratégias tradicionais, antes usadas com esse objetivo. Essas novas trajetórias laborais vêm sendo marcadas por um movimento cambiante, oscilando entre períodos de

ocupação, desemprego, “bicos”, causando representações ambivalentes sobre o trabalho, mas o que não o faz perder seu lugar central na vida da juventude (Pais, 2005). Nesse sentido, é importante identificar as novas redes de significações sobre o trabalho, quais novas aspirações projetos de vida que surgem para esses jovens e como esses fatores estão influenciando no desenvolvimento da juventude.

### **Capítulo 3: As trajetórias possíveis no processo de “tornar-se adulto” e a adulez emergente**

O capítulo apresentará a caracterização de umas das possíveis trajetórias no processo de transição para “tornar-se adulto”, denominada adulez emergente. Essa nova possibilidade de trajetória constrói-se a partir de mudanças sociais, históricas, culturais dentre elas num contexto de crise e profundas mudanças sociais, econômicas no mundo do trabalho. Essas mudanças estruturais acabam provocando implicações psicossociais, afetando alterações à nível psicológico, quanto à formação da identidade pessoal, auto conceito (Paulino et al., 2010; Andrade, 2010). Essas complexas mudanças alteram os projetos de vida quanto aos processos formativos educacionais e laborais dos jovens, projetos esses que se tornam cada vez mais interditados, mediante a restrição de condições materiais para realizá-los, sendo uma tensão e instabilidade sentida, especialmente, por jovens em transição universidade-mercado, como informam Paulino et al. (2010).

Para dar continuidade as reflexões sobre o fenômeno da adulez emergente, é necessário considerar o desenvolvimento humano enquanto um processo, dividido em períodos distintos entre si, os quais permitem a acumulação de habilidades e capacidades. Sobre as etapas do desenvolvimento, Mendonça (2007) as define enquanto períodos socialmente construídos, resultado das influências históricas e culturais. Dessa forma, cada período do ciclo da vida é acompanhado por critérios definidores de normas, estatutos comportamentais e expectativas sobre os indivíduos os quais se enquadram nessas fases do desenvolvimento. Esses estatutos são alinhados aos valores da sociedade vigente.

Dentre os períodos do desenvolvimento, a juventude tornou-se uma das principais temáticas de investigação. A explicação para esse amplo e crescente interesse dar-se, devido as

novas configurações e os novos delineamentos que tem constituído esse período da vida. Conforme expõe Freire (2018), os marcadores temporais, psicológicos e sociais característicos do período da juventude sofreram alterações, perdendo sua nitidez e diferenciando-se do processo de transição para a idade adulta de gerações anteriores (Camarano & Mello, 2006). Embora o conceito de juventude não seja definido pela idade, os teóricos desse tema observam o prolongamento da condição juvenil por mais tempo, sendo um fenômeno mundial, como indicam Souza e Paiva (2012). A mudança quanto ao ritual de passagem para a idade adulta é analisada por essas autoras como sendo influenciada pelas dificuldades de conquista de autonomia desse grupo, bem como pelo “juvenilização” da vida.

No entanto, antes de prosseguir a análise sobre o fenômeno da juventude, é fundamental caracterizar os conceitos que o cercam. Conceitos no plural, pois trata-se de um período da vida construído historicamente e culturalmente, envolvendo uma diversidade de concepções sobre o status de “ser jovem” (Bittencourt et al., 2013). De forma simplória, sabe-se que a juventude é o período vivenciado entre a adolescência e a idade adulta, no entanto, Carneiro e Sampaio (2015) nos alertam sobre a complexidade envolvida nos processos relacionados ao ser jovem. Conforme os autores, a complexidade e difícil definição dar-se por não haver limites bem estabelecidos capazes de colocar o jovem em uma fase claramente separada da adolescência e da adultez, como aponta Bittencourt (2013). Segundo elucidado por Andrade (2016), essa indefinição gera o estatuto de “semi adulto” enquanto se ensaia os papéis adultos, quando o sistema produtivo assim viabiliza.

A sensação de ambivalência e indefinição da juventude como estatuto próprio promove tensionamento entre a condição desse grupo subordinar-se à família e à sociedade e as elevadas expectativas desse grupo emancipar-se (Souza & Paiva, 2012). Essa condição ora faz o jovem ser concebido como o grupo de quem a sociedade deve proteger-se, ora como o grupo a ser acolhido. Tal indefinição dificulta os jovens serem atendidos por uma agenda política pública,

como reflete Camarano, Mello, Pasinato e Kanso (2004), portanto, cabe ao próprio jovem e às famílias, a responsabilidade por essa inserção social. Para os jovens, fica a responsabilidade sobre seus próprios sucessos e fracassos, incertezas, riscos e frustrações quanto as expectativas de realização de seus projetos de vida de tornar-se adulto em nossa sociedade, o que tem gerado elevados índices de depressão, ansiedade e abuso de substâncias perante o contexto de indefinição, cobranças, expectativas e frustrações. (Guimarães, 2006; Pereira, 2019).

Nesse sentido, os percursos até assumir os papéis de adulto envolvem vários caminhos, como prolongamento do processo formativo, inserção profissional, construção da própria família, ter filhos. Como informam Maia e Mancebo (2010), embora aparentemente haja muitas possibilidades e caminhos, muitas vezes, não há muito o que escolher, pois falta condições materiais de integração social desses jovens ao mundo adulto. No entanto, sendo a juventude uma condição social, ela será vivenciada de formas diferentes, mediante as determinações sociais e econômicas dos grupos juvenis (Abrantes & Bulhões, 2016). É possível que para alguns jovens, esse período seja prolongado, dada as condições materiais de vida familiar, a qual permita experienciar mais tempo em instituições formativas. Para outros grupos, a juventude pode ter tempo inferior ao primeiro grupo citado, pois as condições materiais de vida familiar são mais restritas, sendo demandados inserir-se profissionalmente, no mercado de trabalho, ainda que em condições precárias, para ajudar economicamente no sustento familiar.

No entanto, não foi sempre que a condição juvenil abarcava possibilidades diferentes de trajetórias, como elucidou Abramo (2005). Conforme a autora, numa sociedade de classes, não eram todos os indivíduos considerados como jovens. No Brasil, até a década de 60, eram considerados jovens, apenas, aqueles indivíduos escolarizados e de família rica. Recentemente, com o aparecimento de um estilo cultural e suas consequentes expressões, ocorreu a emergência de novos atores juvenis dos setores mais populares da sociedade brasileira, representando questões específicas vivenciadas por eles, não inseridas nas políticas anteriores voltadas para a

juventude. Tal contexto colocou em desuso o termo “juventude” no singular, enquanto categoria homogênea, afinal, como cita a autora, a condição juvenil é atravessada pela desigualdade, dessa forma, devendo ser nomeada através do seu plural, juventudes.

Portanto, fatores como os estudos e investigações sobre as juventudes, assim como os avanços conquistados pela organização e mobilização desses grupos causaram impacto no imaginário social, permitindo que a condição juvenil fosse concebida não apenas, como mero momento de transição para a idade adulta ou como apenas um prolongamento, mas como um período caracterizado por suas especificidades e necessidades (Souza & Paiva, 2012). Devido ao seu caráter dinâmico, constituído por trajetórias plurais quanto a historicidade, cultura, condições sociais e econômicas, foi possível observar as transformações ocorridas quanto a configurações da juventude no decorrer do tempo.

Segundo Pochmann (2004), o embrião que deu origem ao período da juventude enquanto etapa do ciclo de vida humana, surge na transição entre sociedade agrária para a sociedade urbana, quando é iniciada a intervenção pública no que tange à emancipação de crianças e adolescentes da atividade de trabalho como meio de sobrevivência. A proibição do trabalho nessa faixa etária permitiu a dedicação dos filhos da classe operária à educação, promovendo o atraso da entrada desses jovens no mercado de trabalho. Contudo, essa mudança só se transformou em realidade, com a intervenção do Estado, construindo políticas públicas de financiamento da inatividade dos jovens e a implementação de escolas públicas e benefícios, com o interesse de produzir mão-de-obra qualificada, necessária para a etapa do capitalismo da época. Nesse contexto, tal medida tomada pelo Estado, acabou favorecendo a ampliação da faixa etária juvenil. Ademais, os fatores formativos e de inserção profissional ganhou destaque nas trajetórias juvenis, como meios de viabilizar aos jovens o acesso a identidade adulta.

A recomendação neoliberal pela busca de processos formativos longos, de inserção no ensino superior e do diploma como garantia para inserção profissional mostrou sua fragilidade



através da crise do sistema produtivo, instaurado no fim da década de 70 (Guimarães, 2006). Nesse cenário, a precarização do mundo do trabalho em suas condições laborais e de existência, passaram a afetar em especial, os jovens no início da inserção profissional, por meio dos elevados índices de desemprego e vínculos instáveis com a atividade de trabalho. Quanto mais esse contexto intensificava-se, mais amplo era o discurso da necessidade urgente de formações à níveis superiores, como vantagem competitiva para inserção no mercado de trabalho. A busca por essa estratégia deu-se entre jovens de classes média e alta, pois suas famílias poderiam pagar a dedicação exclusiva aos cursos de graduação, além de possuírem mais chances de acessar o Ensino Superior, mas também passou a ser estratégia entre jovens em condição de vulnerabilidade, os quais acabam assumindo os papéis de “estudante-trabalhador” ou “trabalhador estudante”, como forma de acessar oportunidades melhores de vida (D’Avila & Coutinho, 2019).

No entanto, seguir essa recomendação não solucionou o problema, pois embora o Estado tenha favorecido o acesso a níveis superiores de ensino e até valorizado e permitido o prolongamento dessa qualificação, não houve políticas públicas capazes de garantir a inserção profissional e realização dos projetos de vida pessoal e profissional desses jovens, os quais em sua maioria passam a compor o exército de reserva de nossos sistemas de produção, como analisa criticamente Antunes (2018). A falta de oportunidade de acessar empregos formais, em condições dignas transforma-se no adiamento perverso da entrada dos jovens no período de adultez (Souza & Paiva, 2012). Com isso, é possível perceber maior dificuldade de jovens conquistarem o estatuto de adulto por meio dos marcos sociais e projetos de vida como os vivenciados por gerações anteriores no ritual de passagem para a idade adulta. Havendo essa dificuldade estrutural, o processo de transição para tornar-se adulto passou a estar mais vinculado às conquistas direcionadas aos aspectos psicológicos e individuais, que contribuam com o desenvolvimento da autoeficácia, auto identidade, autonomia, independência,

responsabilidade por escolher por si como meio dos jovens reconhecerem-se adultos, sem uma percepção negativa, incerta sobre si. Trazer para essa dinâmica do tornar-se adulto a valorização da percepção individual dos jovens sobre si, associada a conquista do “ser adulto” por meio das conquistas psicológicas dessa fase, associada a imprevisibilidade das trajetórias enfrentadas pelas juventudes, os itinerários “zigzagueantes”, os rumos incertos ao significado de uma transição rica em possibilidades, experiências e exploração mais parece ser uma estratégia social para reduzir a possível tensão e revolta dessa condição dos jovens de serem interditados quanto a realização de seus projetos de vida (Pais, Lacerda & Oliveira, 2017).

Perante essas alterações quanto as trajetórias de transição para a idade adulta, investigações e teorias tem surgido como tentativa de acessar o processo vivenciado pelos jovens, no contexto atual. Dentre elas, o fenômeno a da “adulter emergente” estudado por Arnett (2000) objetiva investigar o processo de tornar-se adulto e as trajetórias de transição para a idade adulta dos jovens norte-americanos. Conforme o estudioso de tal fenômeno, essa nova possibilidade de trajetória é proveniente das mudanças características das sociedades industrializadas e compreende jovens com idade entre 18 e 29 anos (Dutra-Thome & Koller, 2017). Dentre as principais características que configuram essa trajetória, está a auto percepção de ambivalência do jovem sobre sua condição, assumindo um estatuto de “semi adulto” (Andrade, 2016).

Considerando a juventude entendida condição social, assume-se que ela se apresenta de formas plurais, mediante as condições sociais e econômicas de determinados grupos, portanto, a adulter emergente é uma dessas trajetórias. Conforme indicam Arnett et al. (2018), a adulter emergente é um fenômeno culturalmente variável. Para essa perspectiva, os aspectos sociológicos não conseguem compreender os processos envolvidos na transição para a idade adulta, portanto, é enfatizada a necessidade de esclarecer as características psicológicas (responsabilidade por seus próprios atos; tomar decisões independentes; financeiramente

independente) envolvidas no processo., como o elucidado por Ponciano e Seidl-de-Moura (2017). Dessa forma, a adulez emergente pode ser analisada, especialmente, por seus aspectos identitários e subjetivos e não apenas, por seus aspectos sociodemográficos. Para compreender melhor a constituição dessa etapa, deve-se conceber que ela ocorre por meio de três aspectos específicos, como compreende Arnett (2000), sendo eles: aspecto demográfico; subjetivo e identitário. A seguir, serão apontadas as características que compõe cada aspecto citado.

O primeiro aspecto a ser referenciado é o demográfico, no qual Arnett argumenta ser a adulez emergente resultado do prolongamento da escolaridade e adiamento de tarefas como casamento e parentalidade. O teórico realizou análises demográficas com jovens dos Estados Unidos, verificando que a faixa dos 20 anos é marcada pela variabilidade demográfica, uma vez que não há uma normalização de percursos nessa fase, viabilizando maior mobilidade residencial, configurações habitacionais diversificadas, passagem por múltiplos empregos, configurando as características marcantes desse período como a instabilidade, caráter transitório e exploratório. Esses acontecimentos são possíveis, pois há uma menor pressão pela adesão dos modelos normativos de tornar-se adulto e maior liberdade (Mendonça, 2007).

O segundo aspecto refere-se a questão da exploração identitária identificada por Arnett como o período em que o jovem possui a liberdade para experimentar opções antes de assumir os compromissos da idade adulta. A exploração de identidades inicia-se na adolescência, mas assume configurações mais sérias na adulez emergente, funcionando enquanto ensaio de como será a vida na próxima fase. Ademais, a auto exploração produz no jovem um foco maior em si mesmo, marcando uma fase de incertezas e inseguranças, antes da consolidação identitária do adulto.

O terceiro e último aspecto que serve como base para Arnett argumentar a existência de uma nova fase do desenvolvimento, com configuração diferente das demais, é a percepção subjetiva da adulez. Segundo Mendonça (2007), essa percepção refere-se ao sentimento dos

jovens de perceberem-se parcialmente adolescentes e adultos. Tal percepção produz o sentimento de ambivalência, provocado por critérios como a autonomia, responsabilidade pelas próprias ações, ao mesmo tempo que são experimentados em caráter de ensaio temporário.

A análise desses três aspectos, atrelado ao prolongamento do período de escolarização e o adiamento da entrada na idade adulta originou a concepção de Arnett de que esse fenômeno não seria, apenas, uma transição rápida, passageira (Santos et al., 2016). Essa nova trajetória de transição para a idade adulta é marcada pela presença de cinco características, sendo elas: Exploração da identidade (liberdade do adulto emergente em explorar as diversas possibilidades, principalmente na vida afetiva e profissional); instabilidade (trajetórias diversas e incertas enfrentadas pelos adultos emergentes); foco em si (por não possuir muitas obrigações, deveres sociais e compromisso com outros, é permitido aos jovens uma maior autonomia da gestão de suas vidas); ambivalência (sentimento de ser parcialmente adolescente e adulto); possibilidade/otimismo (os adultos emergentes possuem uma visão positiva e esperançosa sobre as possibilidades que se apresentam para eles nessa fase).

O fenômeno da adulez emergente por Arnett baseou-se em contribuições de teóricos como Erikson (1968), Keniston (1971) e Levison (1978). Todos eles propuseram concepções sobre as características do desenvolvimento de um período que segue a adolescência e antecede a idade adulta, sem definir, no entanto, qual etapa seria essa. Ao que concerne as raízes epistemológicas desse fenômeno, Arnett (2012) esclarece que o constructo da adulez emergente tem como base as contribuições da antropologia e a abordagem cultural, a qual permite elucidar essa nova trajetória de transição, a partir dos seus aspectos plurais e variáveis, mediante as diferenças culturais de cada contexto. A abordagem histórica também é definida como importante contribuição, pois a partir da análise da historicidade presente no processo de desenvolvimento humano, é possível identificar e desvelar as determinações estruturais presentes no contexto do qual se fala e que perpassam os períodos da vida humana, conforme

cita Pasqualini (2016). O autor compreende que a ênfase no contexto histórico do desenvolvimento é especialmente importante na sociedade onde vivemos, devido às aceleradas mudanças sofridas. Ao admitir e sugerir como significativa a combinação da abordagem cultural com ênfase no contexto histórico, Arnett (2012) propõe o uso de abordagem interdisciplinar para conceber tal etapa do desenvolvimento, integrando ciências como antropologia, sociologia, educação, medicina, dentre outras.

Com o objetivo de investigar o fenômeno da adultez emergente entre os jovens e como esse público tem percebido o processo de transição para a idade adulta, Arnett realizou aplicação de questionários e entrevistas que o permitiram criar um instrumento com itens capazes de identificar as concepções sobre idade adulta. Ademais, comparou as concepções entre três grupos etários diferentes (13-19 anos; 20-29 anos; 30-55 anos), concluindo a partir dessa análise que o segundo grupo etário, posteriormente definido como adultez emergente, possui percepção ambivalente de si enquanto adultos, além de diferirem qualitativamente dos jovens dos grupos etários inferiores (13-19 anos) e superiores (30-55 anos). A partir desses estudos ainda, Arnett observou que existem contextos sociais e culturais os quais propiciam a ocorrência da adultez emergente, sendo as possibilidades de exploração, diferentes dentre esses contextos. Contudo, embora vivenciada de modos diferentes, ainda assim, a adultez emergente contempla as diversas realidades, de modo que esse fenômeno pode existir mesmo na diversidade, sendo alterado, apenas pelo tipo de exploração a qual os jovens conseguirão vivenciar, devido as possibilidades oferecidas pelo seu contexto de vida. (Mendonça, 2007).

Para Dutra-Thomé, Leme, Pereira, Dias, Koller e Gaião (2017), alguns aspectos da adultez emergente estão condicionados a questões culturais e com isso, dessa forma, é importante considerar as peculiaridades e nuances do fenômeno em cada uma das culturas e condições materiais de vida dos jovens, não o concebendo enquanto período universal do desenvolvimento, mas traçando análise comparada entre diferentes contextos. Ademais, outras

críticas são feitas à teoria por Côté e Bynner, em especial, à noção de instabilidade e liberdade que pode apontar para existência de desigualdades que marcam a vivência da adultez emergente. Outro ponto questionado, segundo Brandão, Saraiva e Matos (2012) diz respeito ao privilégio que é dado aos recursos pessoais em detrimento dos sociais, podendo levar ao aumento ou diminuição das desigualdades sociais, devido à reestruturação dos projetos de vida provocados pela organização da sociedade.

Sobre essa crítica, Arnett aponta os fatores estruturais com peso relativo, tendo em vista que o fenômeno da adultez emergente traz implicações tanto para o indivíduo como para a sociedade. Diante dos questionamentos e apontamento das limitações da adultez emergente, Brandão et al. (2012) e Dutra-Thomé et al. (2017) sugerem que investigações sejam feitas nos diversos contextos, considerando as mais diversas trajetórias possíveis e as peculiaridades dos diferentes cenários de pesquisa. Estudos como os realizados por Dutra-Thomé et al. (2017) sobre a transição para a idade adulta nas cinco regiões brasileiras demonstram essa iniciativa.

Ao considerar esses apontamentos, é importante contextualizar a adultez emergente no Brasil. Para a autora Dutra-Thomé (2013) o fenômeno é considerado como impreciso, devido à escassez de dados com amostras representativas. Ainda sobre a necessidade de ampliar as pesquisas em contextos como o brasileiro, Brandão et al. (2012) argumentam a importância de investigar esse novo período do desenvolvimento em sociedades onde não há políticas sociais de apoio à toda parcela da população a qual está nessa fase da vida, em especial, em localidades mais diversas da região brasileira, já que foi identificada uma concentração maior de investigação sobre o fenômeno em grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

No que tange ao contexto brasileiro, é possível observar algumas mudanças na vivência da transição para a idade adulta, uma delas é a saída dos jovens cada vez mais tardia da casa dos pais, o que acaba nomeando essa geração como “canguru”. Ademais, observa-se ainda nos

jovens brasileiros, um maior investimento na trajetória educativa e profissional, contudo, não se observa estabilidade no processo de inserção profissional desse grupo. No Brasil, assim como em alguns lugares do mundo, não são observadas políticas de apoio social aos jovens, tornando-se a família, então, principal fonte de apoio (Camarano, 2004). Vale ressaltar ainda que na realidade brasileira, assim como em outros países da América Latina, fatores como a importância de valores coletivos e uma maior valorização do contexto familiar acabam influenciando o marco social da saída da casa dos pais e o rompimento com a dependência emocional familiar, diferente do ocorrido com jovens dos Estados Unidos (Galambos & Martínez, 2007). Mudanças culturais como essas acabam dando novos contornos e características para o processo de adultez emergente vivenciado por jovens brasileiros, distanciando-se da trajetória desenhada elaborada por Arnett (Brandão et al., 2012).

Ademais, Dutra-Thomé (2013) aponta que a desigualdade econômica afeta todo o país e os diferentes grupos juvenis que passa pela transição para a vida adulta. O Brasil possuía no ano de 2019, 46,9 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, dentre os quais 22,1% não trabalhavam, não estudavam e nem se qualificava, como informa o módulo Educação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), divulgado pelo IBGE. Ainda segundo Instituto, no primeiro trimestre de 2020, o aumento do desemprego afetou mais fortemente a população jovem, alcançando 27,1% entre jovens com idade entre 18 a 24 anos, sendo mais afetado o grupo que possui menor escolaridade. Deve-se considerar ainda que cerca de 54,8 milhões de brasileiros vivem na linha da pobreza e possuem renda familiar por pessoa, equiparado à R\$ 406,00 por mês. Com isso, pode-se concluir que grande parte da população jovem está entre os brasileiros que vivem na linha da pobreza, afetando o modo como esse grupo experiencia o processo de transição para a idade adulta.

As políticas educacionais também são fatores importantes que influenciam a vivência da adultez emergente. No Brasil, a educação é um fator crítico, apresentando índices de

escolarização muito baixos como informam Brandão et al. (2012) e uma disparidade educacional elevada entre as diferentes regiões brasileiras, sendo encontrado no Nordeste níveis inferiores de escolaridade quando comparada as outras regiões (Dutra-Thomé et al., 2017). Além disso, o brasileiro estuda em média 7,4 anos em comparação aos 14 anos médios de escolaridade dos alemães e estadunidenses. Com essa média de escolaridade, o Brasil fica atrás também de nações como África do Sul e Chile, os quais possuem, em média, 10 anos de escolaridade. A partir de dados como esse, Dutra-Thomé et al. (2017) caracteriza o processo de escolarização enquanto frágil, influenciando na qualidade da inserção laboral dos adultos emergentes e no modo como a transição para a idade adulta ocorre.

Embora a educação seja perpassada por questões de classe social, apresentando condições diferentes de acesso, permanência e qualidade de ensino, as investigações de D'Avila e Coutinho (2019) indicam uma tendência e uma busca dos jovens de classe social e econômica mais baixa por uma inserção no Ensino Superior. De acordo com as autoras, a aspiração pelo diploma para esse grupo de jovens representa o desejo por mobilidade social, visando melhorar as condições de vida para si e para a família. Esse tipo de percurso para jovens em situação de pobreza ocorre com mais dificuldade, pois para a realização desse marco, muitos precisam trabalhar para estudar, o que os faz assumir a identidade de “estudantes-trabalhadores” ou “trabalhadores estudantes (D'Avila & Coutinho, 2019). Mesmo com todas as dificuldades de conclusão, o Ensino Superior ainda se apresenta como estratégia de enfrentamento para o cenário de desemprego, de realização de projetos de vida, mobilidade social para os diferentes grupos juvenis.

Uma outra trajetória possível de transição para a idade adulta, é a da entrada no trabalho ainda no início da juventude. Essa é uma realidade enfrentada, especialmente, por jovens de famílias de baixa renda, os quais são encorajados a buscar emprego para ajudar na renda familiar, e, portanto o trabalho assume papel tão importante para essa configuração de trajetória,



configuração essa diferente da encontrada por Arnett, no contexto norte-americano. Sobre a análise da adulez emergente no contexto de países em desenvolvimento como o Brasil, Dutra-Thomé (2013) considera que apenas uma pequena parcela da população de jovens vivencia a adulez emergente nos termos citados por Arnett. Contudo, isso não significa que os jovens de níveis socioeconômicos mais baixos não vivenciem a adulez emergente, eles apenas experienciam de modo diferente, passando pela transição e entrada no mundo adulto um ou dois anos antes dos adultos emergentes de níveis socioeconômicos mais altos.

Em estudos como o realizado por Dutra-Thomé e Koller (2019), as autoras apontam outra possibilidade de vivência de transição para idade adulta para esse grupo. Ainda no início da juventude, com o objetivo de contribuir com a renda familiar, os jovens em situação de pobreza, comprometem-se com trabalho e com outros, assumem mais responsabilidades. Devido ao acúmulo de responsabilidades, elas e eles não conseguem viver a juventude como etapa de possibilidades, experimentações no início desse período da vida. No entanto, após contribuírem com as responsabilidades familiares, os jovens liberam-se para viver as possibilidades, portanto, vivenciam alguns aspectos da adulez emergente após alguns anos. Ademais, o período de transição pode ser mais curto para os adultos emergentes em vulnerabilidade social, apresentando mais experiências e mudanças no mundo do trabalho, enquanto os outros grupos de níveis sociais e econômico médio e alto realizam mais mudanças e experiências na área educacional.

Dessa forma, mesmo com a diversidade de trajetórias no ritual de passagem para “tornar-se adulto”, ainda que limitadas pelas condições materiais da vida desse público, a educação e o trabalho surgem como vetores principais para a viabilização dos processos e oportunidades de realização dos projetos de vida, como analisa Paulino et al. (2010). No entanto, conforme pontuam D’Avila e Coutinho (2019), mesmo havendo predominância desses dois fatores, observa-se a imprevisibilidade e não linearidade das trajetórias que estão sintonia

com os avanços do neoliberalismo. A insegurança e a incerteza sobre os rumos de seus projetos e perspectivas de futuro, cada vez mais frágil, tem atingido, principalmente, a juventude de menor ou maior nível de escolarização como reflete Antunes (2018). Mesmo seguindo as recomendações do mercado neoliberal quanto ao desenvolvimento de competências que favoreçam a inserção social e entrada desses jovens na transição universidade-mercado, esse grupo mais tem se aproximado da condição do precariado e daqueles que compõem o exército de reserva do neoliberalismo, sem opção de escolha quanto a situação (Barros, 2018).

Nesse sentido, é essencial acompanhar a dinâmica que compõe as trajetórias de transição para a idade adulta, tentando apreender como as transformações do mundo do trabalho, em sua nova morfologia tem afetado os processos de desenvolvimento humano, em especial aos jovens. Com isso, a pesquisa se propõe a investigar a transição universidade-trabalho para jovens recém diplomados e estudantes do último ano de cursos de graduação, visando identificar se há relação entre a concepção de trabalho atribuída por esses jovens em suas primeiras experiências laborais e o modo como vivenciam o processo de tornar-se adulto, tendo como possível trajetória de transição para idade adulta, a adultez emergente.

## **Capítulo 4: Delineamento da pesquisa e aspectos metodológicos**

### **4.1 Contextualização**

A proposta da presente pesquisa surge do interesse sobre as questões que perpassam o novo cenário do trabalho em suas mais diversas morfologias e o como essas mudanças têm afetado o desenvolvimento dos jovens que estão em processo de transição para idade adulta, período esse que possui o mundo laboral como principal referência no que diz respeito à atividade de formação profissional, elaboração de projetos de vida que podem acontecer nas instituições educativas ou no próprio trabalho. Nesse estudo, contudo, optou-se pela escolha de investigar a trajetória juvenil da adultez emergentes, suas relações com o trabalho na transição Universidade- Mercado. Tal escolha deu-se, uma vez que se entende a necessidade de investigar as trajetórias de transição para a idade adulta admitindo sua relação central com o trabalho, pois mais importante que a classificação etária para o estudo desse período, é a relação que essa etapa estabelece com o trabalho e os processos produtivos do sistema vivenciado pelos grupos jovens (Abrantes & Bulhões, 2016).

Atualmente a realidade do trabalho apresenta-se para os jovens e demais grupos de trabalhadores, a partir de sua face de intensa precarização, flexibilização, terceirização, exploração, fruto do processo iniciado com a Reestruturação Produtiva e investidas neoliberais afetando diferentes grupos, independente de cor, raça, nível de escolarização, podendo ser mais cruel para a camada popular mais pauperizada. Conforme analisam Alves (2013) e Braga (2014), os jovens são os principais afetados pelo intenso processo de precarização e consequente ampliação do grupo que constitui o “exército de reserva” do neoliberalismo. Esse retrato apresenta-se como um problema distante de ser superado, sendo um verdadeiro desafio

para as juventudes a inserção no mundo do trabalho e a conquista da autonomia que antes viabilizavam a entrada para o mundo adulto, como citam Abrantes e Bulhões (2016).

Tal realidade denuncia não apenas a não integração das juventudes ao mundo do trabalho, mas também denunciam a realidade de trabalhos precarizados destinados aos jovens, provocando o que Abrantes e Bulhões (2016) apresentam como situação de dependência e instabilidade, até mesmo para os que possuem formação superior. Fatores esses os quais representam constrangimentos significativos no desenvolvimento dos adultos emergentes, quanto a construção de papéis, identidade, autoeficácia, comportando implicações psicossociais para esse grupo, como informa Paulino et al. (2010). Desse modo, a escolha do estudo por investigar a adultez emergente surge a partir de pesquisas sobre as novas formas da juventude vivenciar a transição para a idade adulta.

De acordo com a literatura, os marcos sociais conhecidos como responsáveis por viabilizar e dar início a entrada do jovem no mercado de trabalho foram modificadas, mediante as transformações sociais, culturais e as estruturas do mundo do trabalho. Nesse contexto, marcos e projetos de vida como casamento, filhos, trabalho estável, independência financeira, saída da casa dos pais foram adiados. Buscando acompanhar a complexa dinâmica das trajetórias juvenis, Arnett (2000) concebe o fenômeno da Adultez Emergente como possível caminho para compreender as mudanças ocorridas na vivência dos rituais de passagem para a vida, dentre eles o prolongamento desse período de transição e o adiamento no processo de alcançar o estatuto adulto.

Portanto, considerando essa atual configuração do mundo laboral e as influências e contradições que afetam o desenvolvimento e trajetórias das juventudes, tornando seus projetos de vida mais frágeis e a inserção profissional ainda mais vulnerável, apresenta-se para nós a necessidade de investigar como essas novas formas de trabalho vêm sendo significadas por tal grupo, a partir da propriocepção ou não, do fenômeno da adultez emergente, enquanto

possibilidade de experiência de transição para a idade adulta. Para tanto, a escolha pelo público-alvo da investigação foram os graduandos e recém-formados dos cursos de graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

A opção por tal grupo dar-se, por eles estarem vivenciando esse momento de inserção profissional, marcado pela cobrança de tornar-se trabalhador assim que finalizam a graduação, bem como a atrelada cobrança por assumir papéis adultos na sociedade. Contudo, ao mesmo tempo que revelada exacerbada pressão social por “crescer” e tornar-se adulto, também é desvelada a contradição de não ter acesso aos meios os quais viabilizariam a entrada na vida adulta.

Dessa forma, considerando as novas estruturas morfológicas do mundo do trabalho e as mudanças do modo de vivenciar a transição para a idade adulta, o presente estudo objetiva investigar se há diferença nos significados atribuídos ao trabalho, por jovens que durante a transição para a idade adulta percebem-se enquanto adultos emergentes ou enquanto adultos. Ademais, a pesquisa visa contribuir com as investigações sobre a relação entre as novas configurações do trabalho e seus impactos do desenvolvimento humano, temática essa com seus desafios de ser analisada, por ainda está em processo de construção e constantes mutações, dona de múltiplas facetas a serem desveladas em seus aspectos menos aparentes e superficiais. Fato esse o qual se interpõe como desafio para a presente pesquisa, no tocante as duas temáticas principais do estudo, significado do trabalho e adulez emergente.

## **4.2 Objetivos**

### **4.2.1 Objetivo geral:**

Investigar os significados atribuídos ao trabalho durante a transição para a idade adulta, e sua relação com os processos envolvidos no fenômeno da adulez emergente.

### **4.2.2 Objetivos específicos**

- Descrever os significados atribuídos ao trabalho, relacionando-os às características sociodemográficas;
- Caracterizar o fenômeno da adulez emergente, relacionando-os aos aspectos sociodemográficos;
- Investigar o relacionamento entre os significados do trabalho e as dimensões que caracterizam a adulez emergente.

## **4.3 Desenho metodológico**

A presente pesquisa buscou investigar os dois fenômenos descritos anteriormente, sendo eles o significado do trabalho e a adulez emergente, enquanto possível trajetória de transição para a idade adulta. Ademais, o estudo optou não apenas pela descrição, mas também por analisar a correlação entre os dois fenômenos. Portanto, para responder tais objetivos, optou-se pela configuração da investigação quantitativa e de cunho descritiva, com associação entre os fenômenos da adulez emergente e significado do trabalho.

Tal escolha metodológica, conforme cita Creswell (2007) confere ao estudo o caráter de descrever tais fenômenos para a população de jovens os quais estão finalizando a graduação ou são recém-formados em cursos de graduação da UFRN. Ainda segundo o autor, essa estratégia metodológica possui como vantagem, a possibilidade de realizar inferências sobre aspectos

comportamentais e cognitivos deste grupo sobre a adultez emergente e o mundo laboral, no que concerne à etapa de formação e inserção profissional. Com isso, a pesquisa consegue revelar aspectos únicos da experiência destes jovens, a partir de um contexto também único, configurado por uma realidade específica como é o caso da capital do estado do Rio Grande do Norte, estado localizado no Nordeste, marcado por suas atividades muito mais exportadoras, de turismo e desenvolvimento econômico característico de cidade litorânea. Características essas diferentes das localidades pesquisadas nos estudos referenciados teoricamente no estudo, as quais revelam semelhanças e distanciamentos das pesquisas sobre tal grupo.

Ademais, a escolha metodológica de tipo correlacional deu-se à medida que o estudo buscou investigar as relações existentes entre os significados do trabalho e os aspectos envolvidos no fenômeno da adultez emergente. Para isso, não objetivamos estabelecer relação do tipo causa-efeito, mas investigar sobre as conclusões de literaturas anteriores sobre o tema que sugerem haver relação entre esses dois fenômenos para a realidade específica vivenciada por nosso grupo de investigação.

#### 4.4 Participantes

A pesquisa teve como participantes os jovens da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, graduandos no último ano de curso e egressos, recém-formados com até um ano de graduados, enfrentando a etapa de inserção profissional de saída da Universidade para o mercado de trabalho. Concomitantemente, os participantes também deveriam estar no período de transição para a idade adulta, atendendo o critério etário de intervalo de idade dos 18 aos 29 anos, uma vez que o estudo está investigando tal período da vida a partir do conceito de adultez emergente.

A definição da quantidade de participantes para definir a amostra foi feita a partir do cálculo sugerido por Hair et al. (2005), de modo que tais autores estabelecem que para cada item dos instrumentos utilizados, faz-se necessária a participação de cinco pessoas. Dessa forma, tomando tal cálculo modelo e considerando a utilização de dois questionários em nosso estudo, sendo um deles constituído por um total de 29 itens e outro por 25 itens, ao somar a quantidade total de questões de cada um dos instrumentos, chegamos ao total de 54 itens. Ao multiplicarmos o número total de itens, pela quantidade mínima de pessoas sugeridas pelos autores, chegamos ao resultado de 270 pessoas para compor nossa amostra.

A partir do resultado do cálculo amostral e considerando nossa amostra como constituída por jovens ao quais estão concluindo a graduação e os recém-formados, implicando dois grupos dentro de nossa amostra, optou-se por dividir o resultado do cálculo amostral em dois (grupo dos graduandos concluintes e recém-formados), gerando o resultado mínimo de 135 participantes por grupo. A escolha por esse recorte da população de jovens graduandos dos mais diversos cursos da UFRN ocorreu, considerando a proximidade da realidade desse grupo com o período de inserção profissional, a partir da transição universidade-mercado.



A partir do cálculo amostral e da segmentação dos jovens em dois grupos, foi necessária uma estratégia que alcançasse os dois públicos, de modo que o maior desafio era o contato com os recém-formados, pois não estavam mais na instituição. Dessa forma, foram estabelecidas duas estratégias de divulgação e contato com os participantes da pesquisa, sendo elas a abordagem presencial e a abordagem e divulgação online, utilizando para isso, canais da própria universidade e redes sociais. Os objetivos da pesquisa foram apresentados, assim como foi apresentado e solicitado o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual garantirá a confidencialidade, o anonimato e proteção dos dados para os que concordaram em participar de nosso estudo.

Os critérios utilizados para a inclusão dos sujeitos enquanto participantes da pesquisa são:

- Jovens finalizando a graduação presencial em cursos da UFRN, campus Natal
- Jovens com até um ano de graduados em cursos presenciais da UFRN, campus Natal
- Graduandos e egressos com idade entre 18-29 anos de idade (Dutra-Thomé & Koller, 2017)

A partir de tais critérios e do cálculo amostral realizado, a amostra da pesquisa foi constituída convencionalmente por 282 participantes, dos quais apenas 272 foram validados seguindo os critérios de inclusão já mencionados. Do total de participantes, 135 eram graduandos do último ano de seus cursos (49,6%) e 137 recém-formados (50,4%), sendo nossa amostra constituída mais por mulheres do que por homens, equivalendo uma porcentagem feminina de 53,6% da amostra, perante porcentagem masculina de 43,4% da amostra. Dentre os participantes, a maior parcela da amostra declarou-se como sendo de cor da pele branca (52,9%), pardos compuseram 34,6% da amostra e a porcentagem de 10,7% declarou-se como tendo cor de pele preta, os demais participantes declararam-se como tendo a pele amarela (0,7%) e 1,1% preferiu não declarar.

No que concerne ao perfil socioeconômico, a maior porcentagem dos participantes de nossa pesquisa respondeu que a renda familiar mensal é de 3 a 5 salários-mínimos (37,9%),

enquanto a porcentagem de 34,9% representa uma renda familiar mensal acima de 5 salários-mínimos e a parcela de 20,6% indicou possuir renda familiar de 1 a 2 salários-mínimos mensais. Em nossa amostra, a maior contribuição da renda familiar é dada pelos pais (30,1%) e pelas mães (28,4%) e 24,5% de nossos participantes responderam contribuir com a renda familiar. Desse total de jovens que auxilia suas famílias quanto a renda mensal, ao serem questionados sobre a participação na vida econômica familiar 18% não trabalha e é sustentado pela família, 26,8% trabalha e é parcialmente sustentado pela família, enquanto 16,9% trabalha e é responsável pelo próprio sustento e 16,9% além de trabalhar, se sustentar, também ajuda na renda familiar. Quanto ao *status* social, a maior parte identificou-se como solteira(o), representando 84,6% da nossa amostra. A porcentagem de casados foi de 9,2%, enquanto 6,3% definiu seu *status* como “vivendo com companheiro/a”.

#### **4.5 Coleta de dados e cuidados éticos**

Nessa pesquisa, com a finalidade de alcançar os objetivos já citados, foram realizadas a aplicação dos questionários sociodemográfico, o ESAT-BR (Fernandes, Gonçalves & Oliveira, 2012) e IDEIA- BR (Dutra-Thomé & Koller, 2017). O questionário sociodemográfico nos permitiu caracterizar os participantes em categorias como etapa da vida na qual se percebem (adultos emergentes ou adultos), situação quanto a formação superior (graduando ou recém-formado), estado civil, renda, raça, moradia, área do curso e experiências de trabalho/estágio.

Como estratégia para coleta de dados, considerando os públicos a participarem da pesquisa, graduandos e recém-formados, foram criadas estratégias diferenciadas. Para o grupo que estava finalizando a graduação, optou-se por fazer uma abordagem presencial, nos setores de aula, nos espaços de conveniência da Universidade. Para abordagem presencial, houve duas opções, os termos de consentimento e questionários foram impressos e caso a pessoa

concordasse, ela responderia naquele momento aos questionários de pesquisa. Não havendo tempo hábil para aplicação presencial, situação recorrente na maior parte das abordagens, os participantes deram seus contatos (WhatsApp) para que os links dos questionários fossem enviados e respondidos online. Essa estratégia foi eficaz para o grupo dos graduandos.

A outra estratégia adotada foram os meios de divulgação online, como forma de acessar os recém-egressos que já não se faziam tão presente no ambiente universitário. Para isso, foi utilizado o canal da própria universidade que possui em sua lista de transmissão alunos, professores e egressos com envio de boletins diários. Por meio desse boletim, emitido pela SINFO (Superintendência de Informática) e utilizado duas vezes durante o período de coleta, foram divulgados a pesquisa, bem como os links de acesso ao questionário online. A utilização de tal canal foi efetiva com o público egresso, de modo que a adesão da pesquisa por parte de tal grupo foi maior do que entre o grupo dos graduandos, ao analisarmos a rapidez com que conseguimos os 145 respondentes no total, excedendo a quantidade necessária de respondentes, definida pelo cálculo amostral.

Ademais, as redes sociais foram utilizadas para divulgação do projeto e envio do link dos questionários e do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), explicando os termos da pesquisa e a garantia de anonimato e direito do sujeito para retirar sua participação a qualquer momento. A indicação de potenciais participantes para a pesquisa também foi um método que auxiliou bastante no processo de coleta de dados, de modo a obter a quantidade de participantes necessários para o estudo.

Para a elaboração dos questionários online, utilizou-se a ferramenta Google Forms, a qual permite você criar seu questionário online e criar um link que pode ser compartilhado. Na primeira seção do questionário online, foi explicitado o TCLE e para o participante ter acesso aos itens do questionário, era preciso concordar com os termos de participação da pesquisa.

Ademais, foi informado os contatos de e-mail e de celular da pesquisadora, caso surgisse a necessidade de algum esclarecimento.

O início da coleta só ocorreu após ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN. Para isso, o projeto foi submetido ao Comitê por meio do protocolo 09905518.5.0000.5537, sendo necessário o envio de ofícios de solicitação para os órgãos da instituição responsáveis pelos graduandos e egressos na Universidade, bem como o envio da anuência da instituição.

## **4.6 Instrumentos**

Para realização da coleta de dados, foi elaborado o questionário constituído por uma seção voltada a perguntas sociodemográficas, com itens os quais permitiram identificar os fatores sociais e demográficos do grupo dos participantes investigados. O questionário foi composto ainda pelas escalas ESAT-BR (Fernandes et al., 2012) e IDEIA- BR (Dutra-Thomé e Koller, 2017).

### ***4.6.1 Questionário sociodemográfico***

Os itens referentes ao questionário sociodemográfico foram elaborados a partir dos objetivos da presente pesquisa, bem como a partir de fatores pessoais e sociodemográficos que foram importantes para a análise dos fenômenos investigados em nosso estudo. A escolha por esses fatores também ocorreu mediante a literatura de pesquisas com temas semelhantes às nossas. Nossos itens são compostos por questões como qual período da vida os participantes da pesquisa se compreendem estar (se adultos ou adultos emergentes), a formação deles (graduando ou recém-formados), renda familiar, quem contribuía com essa renda. Foi

questionado também sobre suas experiências anteriores no trabalho, com quem moravam, estado civil e quais fatores consideram importante para a transição para idade adulta.

#### ***4.6.2. ESAT-BR (Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho)***

Os significados atribuídos ao trabalho pelos participantes da pesquisa foram investigados a partir do instrumento denominado ESAT (Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho) de origem portuguesa e foi construído a partir de pressupostos construtivistas. Para tal abordagem, as realidades sociais, psicológicas, assim como os significados do trabalho, são constituídos socialmente, através dos contextos nos quais os indivíduos vivem e estão inseridos.

Para a elaboração do instrumento, Gonçalves e Coimbra (2003) iniciaram a construção do ESAT a partir de uma etapa qualitativa, a qual possuía como objetivo o levantamento de representações que tanto jovens quanto adultos portugueses possuíam do mundo do trabalho. A realização dessa etapa do estudo com 316 jovens, possibilitou a construção de um modelo de instrumento constituído por 56 itens, organizados em quatro dimensões pelas quais o trabalho pode ser significado/ressignificado (Fernandes et al., 2012). Após novo estudo feito com 731 jovens e seus pais, o ESAT apresentou boas propriedades psicométricas, com alfas superiores a 0.80.

Com finalidade de melhorar os aspectos métricos do instrumento, Sobral e Coimbra (2008) desenvolveram novo estudo a partir da aplicação da escala, permitindo-os retirar itens com saturação menor que 0,50. Essas modificações originaram a ESAT-R, versão abreviada e constituída por um total de 35 itens, com possibilidades de resposta organizadas em Escala Likert de 6 pontos, mantendo-se organizada nas 4 dimensões (Dimensão de realização pessoal do trabalho; Dimensão Emocional Positiva do Trabalho; Dimensão Emocional Negativa do Trabalho; Dimensão Econômica do Trabalho), com a mesma estrutura fatorial da escala

original. A escala pode ser respondida coletivamente ou individualmente, devendo os participantes avaliarem em que medida concordam ou discordam do enunciado da questão (Fernandes et al., 2012).

Com o objetivo de validar e adaptar a ESAT- R (Sobral & Coimbra, 2008) no contexto brasileiro, Fernandes et al. (2012) aplicou a escala com 1448 jovens estudantes do ensino médio brasileiro. Após submetida as análises fatoriais exploratória, seguida da confirmatória a versão brasileira do instrumento foi nomeada como ESAT-BR (versão abreviada) e conta com um total de 25 itens, sendo retirados 9 itens da escala portuguesa abreviada, dentre os quais, em sua maioria, eram referentes à dimensão econômica. A estrutura da escala validada será apresentada no Quadro1.

**Quadro 1****Estrutura da Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho**

<p><b>1 REALIZAÇÃO PESSOAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 9 itens</li> <li>• Alfa de Cronbach = 0,81,</li> <li>• Trabalho é concebido como fonte de satisfação pessoa, contribuindo para a sensação de realização do sujeito</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma possibilidade de progressão na carreira (esat3)</li> <li>• Fazer novas aprendizagens (esat10)</li> <li>• Assumir novas responsabilidades (esat2)</li> <li>• A possibilidade de explorar e realizar novas ideias (esat6)</li> <li>• A possibilidade de utilizar os meus saberes a situações novas (esat18)</li> <li>• A oportunidade para manter a confiança nas minhas capacidades (esat9)</li> <li>• A possibilidade de utilizar as minhas capacidades e competências (esat17)</li> <li>• Uma forma de realização pessoal (esat5)</li> <li>• Cada vez maior exigência, dedicação e empenho (esat13)</li> </ul>
<p><b>2 DIMENSÃO POSITIVA DO TRABALHO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 7 itens</li> <li>• Alfa de Cronbach = 0,77</li> <li>• Trabalho viabiliza oportunidades sociais e pessoais satisfatórias.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A possibilidade de apreciar a beleza das coisas (esat24)</li> <li>• Poder estar num ambiente físico agradável (esat19)</li> <li>• A possibilidade de realizar atividades de lazer como: esporte, convívio com os amigos, participação em clubes (esat7)</li> <li>• A oportunidade para construir uma sociedade mais solidária e justa (esat20)</li> <li>• Uma oportunidade para fazer amizades (esat23)</li> <li>• Uma fonte de felicidade e bem-estar (esat11)</li> <li>• Uma forma de ajudar aos outros (esat14)</li> </ul>
<p><b>3 DIMENSÃO NEGATIVA DO TRABALHO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 6 itens</li> <li>• Alfa de Cronbach = 0,77</li> <li>• Representa o impacto desgastante do trabalho, enquanto fonte de cansaço, estresse, preocupação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma atividade desgastante e cansativa (esat8)</li> <li>• Um ambiente estressante e pesado (esat16)</li> <li>• Uma atividade repetitiva e aborrecida (esat4)</li> <li>• Um fardo pesado que tenho de suportar cada dia (esat1)</li> <li>• Participar de um ambiente que só cria problemas (esat12)</li> <li>• Preocupação e instabilidade constantes (esat22)</li> </ul>
<p><b>4 DIMENSÃO ECONÔMICA DO TRABALHO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 03 itens</li> <li>• Alfa de Cronbach = 0,64</li> <li>• Trabalho enquanto instrumento para satisfazer as necessidades fundamentais dos sujeitos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A garantia de um bom salário (esat21)</li> <li>• Garantia de sucesso econômico (esat25)</li> <li>• Garantia de estabilidade e segurança (esat15)</li> </ul>

#### **4.6.3. Inventário das Dimensões da Aduldez Emergente - IDEA**

O instrumento Inventário das Dimensões da Vida Adulta Emergente (IDEA) foi desenvolvido por Reifman, Arnett e Colwell (2007) e é usado em diferentes países para pesquisar as cinco características que configuram a aduldez emergente, sendo elas: Exploração de Identidade; Auto-foco; Instabilidade; Experimentação/possibilidades; “Feeling-in-between” (Dutra-Thomé & Koller, 2017). Como a aduldez emergente muda de cultura para cultura e até mesmo nas subculturas presentes em um único país, Dutra-Thomé e Koller (2017) ressaltam a importância de considerar os aspectos contextuais como fatores que podem afetar a validação do inventário IDEA, à medida que ele é aplicado em estudos sobre a temática em diferentes lugares do mundo. Portanto, as autoras sugerem que as propriedades do IDEA sejam analisadas em cada contexto.

O instrumento original é constituído por 31 itens, apresentando ao início de cada item a declaração “este período da sua vida é...”. As respostas dos participantes indicam o grau em que concordam com a frase, podendo variar entre “Discordo totalmente”; “Concordo um pouco”, “Concordo um pouco” e “Concordo totalmente”. O IDEA foi submetido à análise fatorial e rotação Varimax por Reifman et al. (2007), tendo suas seis subescalas identificadas, sendo elas: Exploração de Identidade (7 itens); Experimentação/possibilidades (5 itens); Instabilidade/Negatividade (7 itens); Auto-foco (6 itens); “feeling-in-between” (3 itens) e focado em outros (3 itens). O instrumento teve seus coeficientes de confiabilidade para as subescalas variando entre 0,70 e 0,80. A escala apresentou ainda escores variando entre 0,64 e 0,76 (exceção da subescala feeling-in-between) na correlação de confiabilidade teste e re-teste realizado um mês após a primeira aplicação (Dutra-Thomé & Koller, 2017).

Para a validação e adaptação do IDEA em contexto brasileiro, Dutra-Thomé e Koller (2017) aplicaram a escala para uma amostra que incluía 547 pessoas do sul do Brasil, com idade



entre 18 e 29 anos, residentes em Porto Alegre. A fim de alcançar esse objetivo, o instrumento foi traduzido, sendo revisado por dois juízes bilíngues que compararam as duas versões da escala (brasileira e inglesa), sendo feitas as mudanças sugeridas. Após a finalização do processo de retrotradução, alguns componentes do Grupo de Pesquisas da Juventude: Resiliência e Vulnerabilidade da ANPEPP (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa do Brasil) avaliaram o instrumento, identificando itens que deveriam ser adicionados. A partir das sugestões desse grupo, os itens "tempo para se preparar para a vida adulta" e "tempo de decisões profissionais" foram incluídos. O primeiro item teve como objetivo acessar em que medida se tornar um adulto configura uma expectativa social em relação aos jovens, o segundo item visou considerar temas relacionados à profissão e carreira, que são centrais para os jovens brasileiros. Outra sugestão do grupo foi substituir o item 13 do instrumento original "time of sttlement" por "tempo de consolidação de projetos de vida". Com essas sugestões, a escala brasileira passou a contar com 33 itens.

Após análise fatorial confirmatória, Dutra-Thomé e Koller (2017) concluíram que o modelo original do IDEA não se adequou bem à amostra brasileira. Dessa forma, foi realizada a análise fatorial exploratória dos 33 itens do instrumento. Ademais, utilizou-se o método de extração do eixo principal e a rotação Oblimin, e a partir de todas essas análises e da definição de alguns critérios, 8 itens foram retirados da escala original por apresentarem variância total de 46, 8%.

A nova estrutura do IDEA passou a ser formada por 29 itens, conforme ilustrada na Tabela 2, divididos nas seguintes subescalas: Exploração de identidade (5 itens); Experimentação/ Possibilidades (3 itens); Negatividade/ Instabilidade (7 itens); Auto focalização (8 itens); Sentir-se entre (4 itens); Focado em outros (2 itens). Dentre os dois itens brasileiros adicionados o "momento das decisões profissionais" foi retirado. Para todas as subescalas, os coeficientes alfa de Cronbach no Brasil variaram de 0,61 a 0,79. A confiabilidade do alfa de Cronbach em

escala real foi de 0,80 (Dutra-Thomé & Koller, 2017). É importante destacar que alguns itens foram modificados ou migrados de uma dimensão para outra, mediante as especificidades culturais vividas pelos adultos emergentes, no Brasil. Após validação e adaptação do instrumento IDEA para o contexto brasileiro, o inventário passa a possuir as seguintes características, apresentadas no Quadro 2, a seguir:

**Quadro 2***Estrutura da Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho*

<p><b>1 EXPLORAÇÃO DE IDENTIDADE</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 5 itens</li> <li>• Alfa de Cronbach= 0,79</li> <li>• Abertura dos jovens para explorar diferentes experiências quanto a relacionamentos, oportunidades de trabalho, educação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descobrir quem você é (idea 11)</li> <li>• Definindo-se (idea 21)</li> <li>• Procurando um senso de significado (idea 23)</li> <li>• Decidir suas próprias crenças e valores (idea 24)</li> <li>• Aprender a pensar por si mesmo (idea 7)</li> </ul>
<p><b>2 EXPERIMENTAÇÃO/ POSSIBILIDADES</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 3 itens</li> <li>• Alfa de Cronbach= 0, 61</li> <li>• Dimensão referente ao fato dos adultos emergentes perceberem com otimismo o futuro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Muitas possibilidades (idea 1)</li> <li>• Tempo de descobertas (idea 2)</li> <li>• Tempo de experimentação (idea 4)</li> </ul>
<p><b>3 NEGATIVADE/ INSTABILIDADE</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 7 itens</li> <li>• Alfa de Cronbach = 0,74</li> <li>• Sensação de instabilidade e insegurança quanto aos projetos de vida, futuro que se apresentam para os adultos emergentes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tempo de confusão (idea 3)</li> <li>• Tempo de instabilidade (idea 9)</li> <li>• Tempo de imprevisibilidade (idea 15)</li> <li>• Sentir-se estressado (idea8)</li> <li>• Sentir-se limitado (idea 6)</li> <li>• Tempo de muitas preocupações (idea 18)</li> <li>• Tempo de muita pressão (idea 10)</li> </ul>
<p><b>4 AUTO-FOCADO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 8 itens</li> <li>• Alfa de Cronbach = 0,62</li> <li>• Dimensão referente a flexibilidade individual dos adultos emergentes de escolherem por si, por não possuírem compromisso que os impeça dessas escolhas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tempo de independência (idea 14)</li> <li>• Focar em si mesmo (idea 19)</li> <li>• Consolidar projetos de vida (idea12)</li> <li>• Auto- suficiência (idea 17)</li> <li>• Liberdade pessoal (idea 5)</li> <li>• Planejar para o futuro (idea 22)</li> <li>• Responsabilizar-se por si mesmo (idea 7)</li> <li>• Separar-se dos pais (idea 20)</li> </ul>
<p><b>5 SENTIMENTO INTERMEDIÁRIO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 4 itens</li> <li>• Alfa de Cronbach = 0,78</li> <li>• Sensação dos adultos emergentes sentirem-se entre dois períodos da vida, não sentindo-se mais adolescentes, nem adultos, por completo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sentir-se adulto em alguns aspectos, mas não em outros (idea 26)</li> <li>• Gradualmente, tornar-se adulto (idea 27)</li> <li>• Preparar-se para a vida adulta (idea 29)</li> <li>• Tempo de não ter certeza se você atingiu completamente a vida adulta (idea 28)</li> </ul>
<p><b>6 OUTRO FOCO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 2 itens</li> <li>• Alfa de Cronbach = 0,62</li> <li>• Sensação de responsabilidade e compromisso com outras pessoas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Responsabilidade por outros (idea 13)</li> <li>• Compromisso com os outros (idea 16)</li> </ul>

#### 4.7 Procedimento de análise de dados

Para realização do processo de análise, inicialmente, os dados coletados por meio do Google Forms geraram uma planilha que foi exportada para o Excel, na qual foram tabulados os dados do único questionário respondido de forma manual. Após organização dos dados na planilha, buscou-se identificar casos de respostas ausentes, não havendo nenhum, seguiu-se para a próxima etapa de tratamento dos dados, a de verificar se os critérios de inclusão foram atendidos. Dessa forma, do total de 281 respostas obtidas, 9 foram excluídos pois estavam fora do critério de inclusão de idade, gerando uma quantidade final de 272 respostas válidas.

Os questionários IDEA e ESAT não foram submetidos à análise de validação, uma vez que já foram aplicados e validados em contexto brasileiros, respectivamente, por Dutra-Thomé e Koller (2017) e Fernandes et al. (2012), aplicados com públicos semelhantes ao da presente pesquisa e amostras extensas. Ademais, tais constructos estão alicerçados em extensos suportes literários, como propõe Tamayo (2003). Dessa forma, a estrutura fatorial foi mantida, conforme o sugerido pelo estudo de validação de cada um dos instrumentos, e ambas as escalas tiveram suas consistências internas aferidas, por meio do alfa de Cronbach, resultando em índices de confiabilidade de 0,85 para o IDEA-BR e 0,93 para ESAT-BR. Sendo esses índices acima de 0,70, tem-se a consistência dos dados satisfatórios para ambos os instrumentos.

Após tratamento dos dados, eles foram exportados para o *software Statistical Package for the Social Science* (SPSS), para prosseguir com a análise. Para as variáveis qualitativas, realizou-se análise descritiva por meio de distribuições de frequências absolutas e relativas (%). Enquanto nas variáveis quantitativas avaliadas no estudo, analisaram-se estatísticas descritivas de medidas de tendência e de dispersão dos dados, como por exemplo: mínimo, máximo, média e desvio padrão.

Na comparação do perfil sócio demográfico com as dimensões de IDEA e ESAT aplicou-se os testes estatísticos t de Student, Análise de Variância - ANOVA. Na análise de correlação dos instrumentos em estudo utilizou-se o teste de Pearson. Para todos os testes estatísticos aplicados, o nível de significância foi de 5%. Com o objetivo de identificar os perfis de resposta para cada um dos instrumentos, foi realizada a estratégia de clusterização. Tal técnica permitiu analisar o grupo com maiores e menores escores, quais as dimensões mais pontuadas em cada um desses grupos encontrados. Ademais, foi realizado o teste de Qui-Quadrado para comparar as classificações dos clusters, no entanto não encontramos resultados significativos.

Tabela 2

**Índice Alfa de Cronbach para os instrumentos do IDEA e ESAT**

<b>Instrumento</b>	<b>Alfa de Cronbach</b>
IDEA	0,85
ESAT	0,93

## **Capítulo 5: Resultados e discussões**

O presente capítulo será apresentado de acordo com os objetivos específicos estabelecidos. Cada seção tratará dos resultados encontrados a partir das análises dos dados coletados, seguidos pelas discussões baseadas em estudos de temáticas semelhantes. Dessa forma, a primeira seção apresentará a caracterização de nossa amostra, seguida pela seção que analisará e discutirá sobre os significados do trabalho, relacionando-os às características sociodemográficas. A terceira seção tratará de caracterizar a adulez emergente, relacionando o fenômeno com os aspectos sociodemográficos e por fim, a quarta seção irá descrever os resultados sobre a investigação do relacionamento entre os significados do trabalho e as dimensões da adulez emergente.

### **5.1 Perfil dos participantes e análises descritivas**

As perguntas do questionário sociodemográfico possibilitaram caracterizar o contexto vivido por jovens estudantes da UFRN, no período de transição universidade-mercado e suas trajetórias no processo de tornar-se adulto. A análise descritiva da amostra permitiu identificar que dos 272 participantes, 56,62% são do gênero feminino e 43,38% do sexo masculino, dentre os quais apresentaram uma média de 24 anos quanto à faixa etária (DP= 2,14), sendo representado por 64,34% dos participantes com até 24 anos e 35,66% acima de 24 anos. No grupo total dos participantes, foi possível identificar que 59,56% se auto declarou adulto e 40,44% considerou-se como em transição para idade adulta Tabela 2.

Na amostra da pesquisa, observou-se a predominância de participantes os quais se auto declararam brancos (52,94%), 34,56% declararam-se pardos, 10,66% negros e 0,74% amarela, conforme representado na Tabela 2. Esse cenário representa a realidade descrito pelo Mapa do

Ensino Superior do Brasil, divulgado no primeiro semestre de 2020 pelo Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (2020). Conforme o Mapa de 2020, o perfil predominante dos estudantes do ensino superior brasileiro é formado, em sua maioria, por jovens brancos entre 19 e 24 anos, dos quais 48,8% são brancos e estudantes do ensino superior público, enquanto 11% declarou-se negra e 36,9% parda. Tais índices seguem refletindo as condições desiguais de acesso ao ensino superior, mesmo com as políticas de cota para tentarem minimizar o problema, conforme analisa Rodrigo Capelato (Diretor Executivo do SEMESP) na apresentação realizada por ele do Mapa de 2020.

Ademais, dentre os participantes, 56,62% declarou-se ser do gênero feminino e 43,38% do gênero masculino, conforme exposto na Tabela 2. Realidade semelhante foi descrita na pesquisa do Mapa do Ensino Superior de 2020, o qual relata ser o perfil dos estudantes do ensino superior brasileiro predominantemente feminino (57%). Tal cenário também é mencionado por Arnett et al. (2018), quando tais autores comparam a taxa bruta de matriculados no ensino superior brasileiro em 1999, numa proporção de 18 mulheres e 14 homens, tendo tal índice aumentado em 2014 para 55 mulheres matriculadas no ensino superior e 40 homens matriculados. Conforme tais autores, em investigações sobre o fenômeno da adultez emergente, tal tendência dar-se devido as mudanças do papel feminino na sociedade, que a partir das lutas das mulheres, passaram a gozar de maior autonomia para seus projetos de futuro, os quais não se restringem, apenas, a ser mãe e esposa, mas também dão espaço as aspirações por crescimento profissional, formações e qualificações, independência financeira.

No que concerne ao estado civil dos participantes, tem-se que grande maioria (84,56%) declararam-se solteiros e solteiras, enquanto casados e em união estável foi representado por um percentual de 9,19% e 6,25%, respectivamente. Sobre a condição de ter filhos, apenas 3,68% da amostra afirmou ser pai ou mãe Tabela 2.

Quanto ao aspecto de com quem reside, a amostra foi constituída, majoritariamente, por jovens que residem com os pais (61,03%), enquanto 9,93% mora com amigos, 9,56% mora com parentes, 9,16% com o cônjuge e 8,82% mora sozinho Tabela 2. A porcentagem elevada de jovens que moram com os pais representa um dos fatores caracterizadores da adulez emergente, a permanência prolongada dos jovens na casa dos pais e retrata resultado semelhante ao analisado por Dutra-Thomé e Koller (2014) na investigação sobre adulez emergente com jovens de níveis socioeconômicos baixo e alto, do sul do Brasil.

Tabela 3  
**Características sociodemográficas**

<b>Perfil do entrevistado</b>		<b>Frequência absoluta</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>	Feminino	154	56,62
	Masculino	118	43,38
<b>Faixa etária</b>	Até 24 anos	175	64,34
	Acima de 24 anos	97	35,66
<b>Etapa da vida</b>	Adulto	162	59,56
	Em transição	110	40,44
<b>Grupo de pesquisa</b>	Formado	137	50,37
	Graduando	135	49,63
<b>Etnia</b>	Branca	144	52,94
	Parda	94	34,56
	Negra	29	10,66
	Amarela	2	0,74
	Prefiro não declarar	3	1,10
<b>Estado civil</b>	Solteira (o)	230	84,56
	Casada (o)	25	9,19
	Vivo com companheira/o	17	6,25
<b>Possui filhos</b>	Não	262	96,32
	Sim	10	3,68
<b>Com quem reside (Múltipla Resposta)</b>	Pais	166	61,03
	Amigo	27	9,93
	Parente	26	9,56
	Cônjuge	25	9,19
	Sozinho	24	8,82
	Companheiro	15	5,51
	Irmão	12	4,41
	Filhos	3	1,10
	Sogro	3	1,10
	<b>Total</b>	<b>272</b>	<b>100,00</b>



Ademais, quanto a renda familiar mensal dos jovens participantes, os índices demonstram a seguinte distribuição: Até 1 salário-mínimo (6,62%), 1 a 2 salários-mínimos (20,58%), 3 a 5 salários-mínimos (37,87%) e acima de 5 salários-mínimos (34,93%), conforme apresentado na Tabela 5. De acordo com Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018), metade da população do Rio Grande do Norte (RN), ou seja, 1,740 milhões de pessoas tem renda média mensal per capita de R\$ 289,00, já o rendimento médio mensal real domiciliar per capita foi de R\$ 944,00. Comparando os índices do IBGE no RN com os encontrados em nossa pesquisa, temos que a realidade econômica das famílias dos nossos participantes em sua grande maioria, ultrapassa a média de renda de grande parte da população potiguar.

Tal cenário pode demonstrar um certo privilégio de acesso e permanência no ensino superior para os filhos de famílias de condição socioeconômica média e alta, conforme analisa Dutra-Thomé (2013). Segundo a autora, a transição para a idade adulta de jovens provenientes de condições socioeconômicas mais baixa é mais curta, pois a necessidade de trabalho para ajudar no sustento familiar é mais urgente e com isso, o período de prolongamento nos estudos é menor, perante a realidade de busca de sobrevivência pelo trabalho. Enquanto isso, os jovens de níveis socioeconômicos mais altos possuem mais condições econômicas de prolongar o percurso escolar, na busca por formações superiores, portanto, estando mais presentes nas instituições de Ensino Superior. Esse contexto revela desigualdades sociais de acesso a um ensino de qualidade, enfrentados pelos jovens brasileiros.

No mesmo estudo realizado pelo IBGE em 2018, o valor da renda média mensal real domiciliar per capita da região Sudeste brasileira é de R\$ 1.639,00, ou seja, mais da metade do valor da renda no RN e de outros estados da região Nordeste. A partir dessa diferença de valores quanto à renda média familiar entre estados, é possível concluir que isso também provoque diferenças quanto a alguns aspectos presentes nas trajetórias dos adultos emergentes potiguares.

Para Arnett et al. (2018), essas diferenças sociais e econômicas entre as regiões, podem revelar condições desfavoráveis de acesso ao ensino e colocação profissional dos jovens da região Nordeste, quando comparado ao Sul e Sudeste, sendo menos provável a ocorrência da adulez emergente no Nordeste, como elucidam os autores.

Quanto às rendas individuais dos participantes, temos o seguinte resultado: Até 1 salário-mínimo representa um percentual de 51,10%, 1 a 2 salários-mínimos 33,09%, 3 a 5 salários-mínimos (12,87%) e acima de 5 salários-mínimos (2,94%). No que concerne à participação dos jovens na vida econômica familiar, tem-se que 26,84% trabalha e é sustentada pela família, 18,01% não trabalha e é sustentada por família ou outras pessoas, 16,91% trabalha e é responsável apenas pelo próprio sustento, 16,54% trabalha, sustenta a si e contribui com sustento da família. Enquanto isso, apenas uma parcela de 3,68% trabalha e é o principal responsável pelo sustento da família Tabela 3.

Os dados da renda individual dos jovens e a participação deles na economia familiar demonstram resultados semelhantes aos analisados por Froeseler (2019), em seu estudo com adultos emergentes universitários baianos e mineiros. A autora observou a partir do perfil sociodemográfico de sua amostra que houve predomínio do índice de que os pais são os principais responsáveis pelo pagamento das despesas da casa e das despesas pessoais dos participantes investigados. Ademais, é possível identificar que o nível salarial recebido por esses jovens, mesmo com nível de formação superior, não possibilita independência financeira de tal grupo, o que pode demonstrar a realidade de trabalho enfrentado pela juventude, cada vez mais precário em condições salarias e existenciais, conforme propõe Alves (2013).

Tabela 4  
**Situação econômica**

	<b>Perfil econômico</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>%</b>
<b>Renda individual mensal</b>	Até 1 SM	139	51,10
	De 1 a 2 SM	90	33,09
	De 3 a 5 SM	35	12,87
	Acima de 5 SM	8	2,94
<b>Renda familiar mensal</b>	Até 1 SM	18	6,62
	De 1 a 2 SM	56	20,58
	De 3 a 5 SM	103	37,87
	Acima de 5 SM	95	34,93
<b>Colaboradores da renda familiar (Múltipla Resposta)</b>	Pai	156	57,35
	Mãe	147	54,04
	Próprio entrevistado	126	46,32
	Cônjuge/companheiro	36	13,24
	Irmã (o)	25	9,19
	Avôs	18	6,62
	Parente do cônjuge	6	2,21
	Padrasto	3	1,10
	Amigo	1	0,37
<b>Participação na vida econômica familiar</b>	1-Trabalho e sou sustentado parcialmente por minha família ou outras pessoas	73	26,84
	2-Não trabalho e sou sustentado por minha família ou outras pessoas	49	18,01
	3-Trabalho e sou responsável, apenas, por meu próprio sustento	46	16,91
	4-Trabalho, sou responsável por meu próprio sustento e ainda contribuo parcialmente para o sustento da família	45	16,54
	5- Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família	10	3,68
	6- Outra situação	49	18,02
<b>Total</b>		<b>272</b>	<b>100,00</b>

A situação ocupacional atual dos participantes demonstrou a seguinte distribuição: a taxa de jovens trabalhando é referente à 33,46%, uma parcela de 30,51% de nossa amostra está

fazendo graduação e trabalhando, 20,22% está fazendo pós-graduação, enquanto 17,28% está cursando apenas graduação, 15,81% está estudando para concurso, 14,71% representa a porcentagem da amostra que está buscando emprego e apenas 6,62% declarou-se como tendo o próprio negócio. Ainda sobre a situação profissional da amostra e o último vínculo de trabalho, a maioria (35,66%) indicou que seu último vínculo foi em estágio remunerado, seguido de 31,99% de bolsistas de apoio técnico, enquanto 17,28% declarou ter possuído emprego assalariado em sua última experiência de trabalho e 8,46% indicou sua última experiência em estágios sem remuneração Tabela 4.

Analisando a situação ocupacional dos participantes, foi possível constatar que 30,51% de nossa amostra está cursando a graduação e trabalhando. Tal resultado é um pouco contrário as concepções da teoria da adultez emergente (Arnett, 2000), pois as investigações sobre o fenômeno sugerem que a condição de “trabalhar e estudar” é mais comum para jovens de nível socioeconômico mais baixo e portanto, essas pesquisas costumam trazer como resultado majoritário, adultos emergentes dedicando-se, apenas, à atividade de estudo (graduação), o que pode caracterizar que os jovens potiguares possuem trajetórias diferentes das encontradas por Dutra-Thomé e Koller (2014). Todavia, encontramos uma maior quantidade de participantes (30,51%) que estuda e trabalha, enquanto 17,28% alega dedicar-se, apenas, a graduação Tabela 4.

Quando perguntados no questionário sociodemográfico, sobre qual o fator mais importante de atingimento da vida adulta, grande parcela dos respondentes (49,63%) apontou a independência financeira como principal fator, enquanto 25,74% declarou ser o fator “assumir a responsabilidade por si” o viabilizador do processo de “tornar-se adulto”, os demais fatores como sair da casa dos pais (8,82%), fazer decisões independentes (5,88%), ter um emprego (4,04%) apresentaram índices menores. Comportamento semelhante foi apresentado nas análises de Arnett (2011) em estudos sobre adultez emergente nos Estados Unidos. Dutra-

Thomé e Koller (2014) também relataram distribuição estatística semelhante com a encontrada pela presente pesquisa, a diferença deu-se, quanto ao terceiro fator “completar a educação”. Em investigações sobre o fenômeno da adultez emergente na Colômbia, os autores Marzana et al. (2010) também relataram que os jovens colombianos indicaram ser o fator psicológico de “assumir a responsabilidade sobre si e sobre a sociedade” e a “capacidade de tomar decisões sobre si” os principais fatores de atingimento para a vida adulta.

O comportamento dos chilenos apresenta semelhanças com os adultos emergentes colombianos. Conforme citam Barrera- Herrera e Vinet (2017), é o processo decisório o fator mais importante considerado pelos universitários chilenos de transição para a idade adulta. De modo a corroborar com as realidades relatados em outros países, a autora Andrade (2016) em suas investigações, identificam que entre os adultos emergentes de Portugal compartilha-se da mesma opinião dos demais citados anteriormente. O público português investigado também aponta como principal aspecto de atingimento da vida adulta, a capacidade dos adultos emergentes de serem independentes, psicologicamente (poder de responsabilizar-se por suas decisões) e de forma instrumental (financeira).

Tabela 5  
**Situação Profissional**

	<b>Perfil profissional</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
<b>Condição profissional atual (Múltipla Resposta)</b>	Trabalhando	91	33,46
	Fazendo graduação e trabalhando	83	30,51
	Fazendo pós graduação	55	20,22
	Fazendo graduação	47	17,28
	Estudando para concurso	43	15,81
	Buscando emprego	40	14,71
	Possui próprio negócio	18	6,62
<b>Último vínculo</b>	Estágio remunerado	97	35,66
	Bolsista da instituição (apoio técnico ou iniciação científica)	87	31,99
	Empregado assalariado	47	17,28
	Estágio sem remuneração	23	8,46
	Autônomo	13	4,78
	Trabalho voluntário	4	1,47
	Empregado que ganha por produção (comissão)	1	0,37
<b>Fatores importantes para atingir uma vida adulta</b>	Independência financeira	135	49,63
	Assumir a responsabilidade por você mesmo	70	25,74
	Sair da casa dos pais	24	8,82
	Fazer decisões independentes	16	5,88
	Ter um emprego	11	4,04
	Finalizar os estudos	5	1,84
	Tornar-se responsável pelos próprios pais	5	1,84
	Tornar-se uma pessoa que tem mais consideração pelos outros	3	1,10
	Casar	2	0,74
	Ter filhos	1	0,37
	<b>Total</b>	<b>272</b>	<b>100,00</b>

## 5.2 Objetivo 1: Descrever os significados atribuídos ao trabalho, relacionando-os às características sociodemográficas

Inicialmente, foi realizado o teste *Kolmogorov-Smirnov*, que verifica a suposição de normalidade dos dados, para um nível de significância de 5%, tem-se evidências que as dimensões do ESAT não possuem distribuição normal. Entretanto, os dados em estudo são provenientes de uma amostra suficientemente grande, onde com base no teorema do limite central, assumiu-se que o pressuposto de normalidade não tem interferência na análise dos resultados. Portanto, sendo aplicáveis testes estatísticos paramétricos.

Em seguida, o teste ESAT-BR foi submetido ao teste MANOVA e para um nível de significância de 5%, demonstrou-se evidências de diferença estatística entre as suas dimensões, havendo predomínio da dimensão “realização pessoal” e obtendo menor escore para a dimensão “negativa do trabalho”. Na tabela 5 é possível identificar os escores médios de 5,05 (DP= 1,21) e 3,21 (DP= 1,13), respectivamente, para as dimensões citadas.

Tabela 6  
Avaliação das dimensões do ESAT-BR

Dimensões	Mínimo	Máximo	Mediana	Média	DP	Valor-p	Valor-p
<b>Realização Pessoal</b>	1,00	6,00	5,44	5,05 <sup>A</sup>	1,21	<b>&lt;0,001</b>	
<b>Positividade do trabalho</b>	1,00	6,00	4,57	4,36 <sup>B</sup>	1,21	<b>&lt;0,001</b>	<b>&lt;0,001<sup>(2)</sup></b>
<b>Negatividade do trabalho</b>	1,00	6,00	3,17	3,21 <sup>C</sup>	1,13	<b>0,036</b>	
<b>Econômica do trabalho</b>	1,00	6,00	4,33	4,12 <sup>B</sup>	1,35	<b>&lt;0,001</b>	

Nota: IQ: Intervalo Interquartilico DP: Desvio Padrão CV: Coeficiente de Variação (1) Teste de *Kolmogorov-Smirnov* para verificar a normalidade dos dados. (2) Análise Multivariada de Variância – MANOVA. (3) As médias seguidas pela mesma letra não diferem estatisticamente entre si. Foi aplicado o Teste de Bonferroni ao nível significância de 5%.

Os resultados encontrados para os escores das dimensões do ESAT-BR em nossa investigação apresentaram proximidade com demais pesquisas, realizadas com público semelhante ao nosso (Gonçalves, 2006; Dutra-Thomé & Koller, 2014; Paulino, 2016). Em um contexto de incertezas, desemprego, projetos de carreira frágeis e extrema fragilidade na inserção profissional, especialmente, para os jovens, o discurso burguês vendido como principal estratégia de enfrentamento do cenário precário do mundo do trabalho é o da busca pela qualificação, por formações em instituições de ensino superior, como reflete Alves (2013). Nesse contexto, o diploma é tido como passaporte para o alcance do sucesso profissional, da mobilidade social e do reconhecimento para os seguidores da prescrição burguesa.

Tal imaginário tem estado presente no cotidiano dos grupos juvenis que enfrentam o período de inserção profissional público, e essa relação do jovem com o mundo laboral tornou-se alvo de amplas pesquisas sobre quais significados tem atribuídos ao trabalho perante tal contexto (Guimarães, 2005). Ao serem questionados sobre qual significado do trabalho para eles e elas, é a dimensão “realização pessoal” que se destaca, ou seja, os jovens tendem a buscar e compreender o trabalho como atividade geradora de satisfação pessoal, que os permita aplicar os conhecimentos aprendidos, desenvolver competências e gere crescimento pessoal, capaz de proporcionar progresso na carreira e estima social (Fernandes & Gonçalves, 2012).

É importante ressaltar, entretanto, que o significado do trabalho pode ser influenciado pelos fatores sociais, históricos, econômicos e culturais presentes no contexto em que os jovens vivem, como as condições e oportunidades não são iguais para todos, os significados podem ser diferentes. Essa é a conclusão realizada por Fernandes e Gonçalves (2012), a partir da investigação transcultural entre Brasil e Portugal, comparando os significados do trabalho para jovens dessas nacionalidades. O estudo apresentou diferenças quanto a dimensão mais valorizada pelos jovens, sendo a de realização pessoal mais estimada pelo grupo de brasileiros, enquanto a dimensão positiva foi mais valorizada pelos jovens portugueses. A diferença entre



essas duas dimensões ocorre, pois, a dimensão positiva está mais relacionada a percepção sobre as condições do trabalho, o quanto a atividade é interessante, o quanto dinâmico é, o quanto proporciona prazer, satisfação, se realizado em condição de liberdade. Enquanto a dimensão de realização pessoal está voltada a percepção dos ganhos que o sujeito irá obter por meio da realização, desenvolvimento, crescimento, aprendizado, motivação (Gonçalves, 2006).

Dessa forma, é importante considerar as condições sociodemográficas do grupo que compõe o nosso estudo, descritas na seção anterior, como importante fator capaz de influenciar o resultado geral da amostra quanto a valorização de uma das dimensões do trabalho. Para tanto, nas próximas seções iremos apresentar os resultados obtidos a partir das análises estatísticas, sobre como alguns fatores sociodemográficos influenciam nas respostas quanto as dimensões dos significados atribuídos ao trabalho. A seguir, serão descritos os significados do trabalho relacionados às características sociodemográficas.

### **5.2.1 Gênero**

Através do teste t de *Student*, para um nível de significância de 5%, temos evidências de diferença estatística entre a dimensão negatividade e positividade do trabalho com relação ao gênero. A partir dessa análise, foi possível identificar que os participantes declarados e identificados com o gênero masculino apresentaram menor pontuação na positividade do trabalho ( $M= 4,12$  e  $DP= 1,20$ ) conforme indica a Tabela 6.

Tabela 7  
**Comparação dimensões do ESAT com o gênero**

Variável		Mínimo	Máximo	Mediana	Média	DP	Valor-p
<b>Realização profissional</b>	<b>Feminino</b>	1,00	6,00	5,56	5,19	1,16	<b>0,028</b>
	<b>Masculino</b>	1,00	6,00	5,33	4,86	1,27	
<b>Positividade do trabalho</b>	<b>Feminino</b>	1,00	6,00	4,93	4,55	1,19	<b>0,003</b>
	<b>Masculino</b>	1,14	6,00	4,29	4,12	1,20	
<b>Negatividade do trabalho</b>	<b>Feminino</b>	1,00	6,00	3,17	3,21	1,10	<b>0,944</b>
	<b>Masculino</b>	1,00	5,83	3,17	3,20	1,17	
<b>Econômica do trabalho</b>	<b>Feminino</b>	1,00	6,00	4,50	4,18	1,41	<b>0,442</b>
	<b>Masculino</b>	1,00	6,00	4,33	4,05	1,28	

Nota: IQ: Intervalo Interquartil; DP: Desvio Padrão CV: Coeficiente de Variação

Os resultados encontrados em nossa pesquisa representam semelhanças quanto as demais investigações que buscaram as relações entre gênero e os significados do trabalho. A partir da análise de literatura realizada sobre o tema em diferentes países, Sherabi (2017) concluiu que homens e mulheres atribuem valores diferentes para o trabalho, havendo uma predominância de interesse dos homens por promoções, poder, status e autonomia, enquanto as mulheres preferem um trabalho viabilizador de estabelecimento de relações interpessoais, um clima organizacional agradável, cooperativo. Segundo a autora, as mulheres atribuem maior valor ao crescimento profissional, enquanto os homens preferem promoção financeira e autonomia. Entretanto, a autora adverte que esses achados estão relacionados aos papéis estereotipados de gênero, podendo apresentar resultados diferentes de país para país, conforme as conquistas de espaços femininos na educação, no mundo do trabalho, a cultura de papéis de gênero e o conservadorismo.

Autores como Gonçalves (2006) e Fernandes e Gonçalves (2012) investigadores da temática do trabalho para jovens em transição para a idade adulta, utilizando o ESAT, também encontraram pontuações menores na dimensão positiva do trabalho para jovens que se identificaram como do gênero masculino, enquanto as jovens identificadas como do gênero

feminino, atribuíram valor maior para essa mesma dimensão. Para explorar essa diferença, é fundamental compreender que a função do trabalho no sistema produtivo o qual vivemos funciona como importante ferramenta de dominação e opressão de raça, gênero e classe, mas também, possui potencial de emancipação coletiva e individual, como pontua Rocha (2020) citando Kergoat (2019).

A partir das demandas do próprio sistema produtivo em períodos como o da era industrial por absorção de mão-de-obra mais barata, houve a saída das mulheres do trabalho no ambiente privado familiar, para o ambiente público. É certo que a mulher sempre trabalhou, mas essa atividade nem sempre foi reconhecida e visível, somente com a entrada da mão-de-obra feminina no mundo laboral e seus empregos assalariados, passou a haver o reconhecimento e quantificação do trabalho das mulheres. Essa mudança favoreceu um avanço quanto ao lugar ocupado por elas na sociedade, segundo pesquisa realizada por Rocha (2020).

Ademais, após o século XIX, com o avanço do período industrial, a mulher passou a vivenciar novas significações e conquistas quanto à atividade de trabalho, favorecendo inclusive, a organização feminina na atuação e reivindicação dos seus direitos (Figueiredo & Diniz, 2018). Com os movimentos feministas de 1960 e 1970, passou a haver o reconhecimento da mulher e a legitimação de sua participação no espaço público, de modo que todas essas lutas e suas conseqüentes conquistas viabilizaram a presença do trabalho feminino em diversos campos profissionais e a mudança do sentido de carreira para elas.

Essas transformações à níveis macrossociais, econômicas e culturais permitiram que as mulheres pudessem dedicar-se mais a sua vida profissional e com isso, tanto o trabalho como a carreira profissional passaram a ser significados como fontes de desenvolvimento profissional, realização, reconhecimento e status social (Figueiredo & Diniz, 2018) e representando também fonte de independência e conquista pessoal e financeira, como analisa Fiorin, Oliveira e Dias (2014). Portanto, para as mulheres o significado do trabalho está atrelado ao seu potencial

emancipador, representando todos esses avanços de luta, de conquistas e autonomia da mulher no cenário público. Perante todo esse contexto histórico, cultural que envolve as questões de gênero, o trabalho tem sido mais valorizado em sua dimensão positiva pelas mulheres do que pelos homens, conforme pode ser observado no nosso estudo.

Contudo, não há como concluir sobre as reflexões sobre trabalho e gênero, sem frisar que a nossa pesquisa foi realizada com jovens universitárias (graduandas e formadas), predominantemente, de uma classe social média ou alta, e em sua maioria, auto identificadas da cor branca, vivenciando ainda suas primeiras experiências profissionais e detentores de maior prestígio social por frequentarem o Ensino Superior. Esses fatores favorecem o resultado encontrado quanto a valorização de dimensão positiva do trabalho, de modo que outros resultados poderiam ser encontrados quando investigando outros grupos de mulheres, afinal, os significados de trabalho e carreira apresenta-se de formas distintas. Portanto para realização da discussão sobre trabalho, gênero, é essencial fazê-lo considerando a perspectiva interseccional e problematizado as diversas experiências vividas pelos grupos de mulheres, constituído de classe, raça distintas entre si., conforme sugere Rocha (2020).

### **5.2.2 Grupo de pesquisa: Formados e Graduandos**

Através do teste t de *Student*, para um nível de significância de 5%, temos evidências de diferença estatística entre a dimensão econômica do trabalho com relação ao grupo de pesquisa. A partir desse procedimento de análise, foi observado que os formados apresentaram (M= 3,96 DP= 1,43) menor pontuação quanto ao fator econômico do trabalho (M= 3,96 DP= 1,43), conforme é possível observar na Tabela 7.

Tabela 8

**Comparação das dimensões do ESAT com grupo de pesquisa (concluintes e egressos)**

Variável		Mínimo	Máximo	Mediana	Média	DP	Valor-p
<b>Realização pessoal</b>	<b>Graduando</b>	1,00	6,00	5,44	5,09	1,14	<b>0,513</b>
	<b>Formado</b>	1,00	6,00	5,44	5,00	1,29	
<b>Positividade do trabalho</b>	<b>Graduando</b>	1,00	6,00	4,71	4,47	1,16	<b>0,161</b>
	<b>Formado</b>	1,00	6,00	4,57	4,26	1,25	
<b>Negatividade do trabalho</b>	<b>Graduando</b>	1,00	5,83	3,33	3,32	1,06	<b>0,090</b>
	<b>Formado</b>	1,00	6,00	3,17	3,09	1,18	
<b>Econômica do trabalho</b>	<b>Graduando</b>	1,00	6,00	4,33	4,29	1,25	<b>0,044</b>
	<b>Formado</b>	1,00	6,00	4,33	3,96	1,43	

Nota: IQ: Intervalo Interquartilico. DP: Desvio Padrão CV: Coeficiente de Variação.

Os resultados encontrados em nossa investigação possuem similaridades com estudos sobre o significado que tem sido atribuído ao trabalho por adultos emergentes, egressos do sistema de ensino superior em diferentes países. O fato de adultos emergentes formados atribuírem menor valor ao fator econômico do trabalho contraria alguns estudos como o de Oliveira et al. (2010) realizado com jovens universitários e o de Dutra-Thomé e Koller (2014) com jovens de diferentes regiões brasileiras de níveis socioeconômicos (NSE) baixos. Nessas investigações, as autoras concluem que a dimensão econômica e material do trabalho foram mais valorizadas pelos participantes de suas pesquisas.

O estudo de Dutra-Thomé e Koller (2014) identifica que os jovens por elas pesquisados, valorizavam a dimensão econômica do trabalho, pois o salário representava uma forma deles contribuírem com a renda familiar e adquirirem autonomia financeira. Enquanto na pesquisa de Oliveira et al. (2010), os jovens universitários ainda em suas primeiras experiências de trabalho em estágios não obrigatórios, relataram valorizar a materialidade e dimensão econômica do trabalho, pois tal atividade ao ser remunerada, é vista como meio de proporcionar a liberdade de consumo e satisfazer desejos materiais. Ao comparar os dois estudos, percebemos que mesmo o trabalho sendo mais valorizado em sua dimensão econômica, os objetivos são diferentes, mediante as classes sociais e econômicas dos jovens.

Ainda comparando os dois estudos anteriores com a nossa pesquisa, há um ponto importante capaz de influenciar os nossos participantes formados a valorizarem menos a dimensão econômica do trabalho, diferenciando-os dos os jovens estudados Oliveira et al. (2010) e Dutra-Thomé e Koller (2014). Esse fator influenciador diz respeito à inserção profissional concreta dos grupos jovens no mundo do trabalho, o que acaba tornando a representação dessa atividade mais realista e menos idealizada, como informa Gracia et al. (2001). Tais autores fizeram o acompanhamento longitudinal dos jovens em seus primeiros anos de emprego e buscaram identificar mudanças quanto aos significados atribuídos ao trabalho por esses mesmos participantes, e a conclusão deles foi de que os significados do trabalho variam em diferentes graus, no decorrer das experiências profissionais dos jovens.

Dessa forma, considerando que o momento profissional da vida dos jovens, suas experiências no mundo laboral podem influenciar a resposta sobre qual a dimensão do trabalho mais valorizada, optamos por trazer contribuições de estudos com grupos mais próximos da realidade vivenciada por nossos participantes. Dentre as pesquisas de Paulino et al. (2010) e Martins e Coimbra (2014), aspectos semelhantes foram achados em investigações com jovens do ensino superior.

De acordo com achados desses pesquisadores, os jovens universitários portugueses valorizaram mais a dimensão de realização pessoal que a dimensão econômica, isso porque preferem uma atividade laboral capaz de gerar satisfação, uma vida equilibrada, não se preocupando de ser menos bem pago por isso (Manuti, Curci & Van der Heijden, 2018). Esse comportamento pode estar associado aos fatores sociais e econômicos dos grupos investigados, conforme citam Martins e Coimbra (2014), pois possuem algum tipo de apoio financeiro dos pais, não sendo necessária a entrada desde cedo no mercado de trabalho, nem havendo a necessidade de contribuir com a renda familiar, dessa forma, ocasionando maior dedicação e facilidade de permanência no ensino superior, características comuns encontradas nos adultos

emergentes de NSE mais privilegiado (Dutra-Thome & Koller, 2014). É possível identificar tais características, a partir do elevado percentual de nossa amostra que alega trabalhar e ser sustentado pela família (26,84%) e do percentual dos jovens que não trabalham e são sustentados pela família (18,01%).

Por fim, outro fator possível de influenciar o comportamento dos formados atribuírem menor valor para a dimensão econômica diz respeito à realidade concreta do mundo do trabalho enfrentada por eles, a qual oferece empregos precários e salários precários, até mesmo, para diplomados em cursos de ensino superior. O estudo de Paulino et al. (2010) sobre as vivências e significados dos diplomados do ensino superior em transição para o mundo do trabalho, demonstra ao comparar as experiências dos jovens desempregados e empregados, que a realidade precária vivida no mundo laboral, seja pelo elevado índice de desemprego, seja pela realidade de trabalhados e salários precários, assemelham a percepção de restrição de ambos os grupos quanto aos aspectos financeiros referentes à atividade laboral.

A partir dessas reflexões, é possível considerar que a situação do formado é mais frágil que a dos graduandos, pois é apenas na condição de formados que os jovens se percebem na situação “sem vínculos”. Isso ocorre pois, ao diplomarem-se, perdem o vínculo com a instituição de ensino superior e a identidade de estudante, ao mesmo tempo que não são encontram condições de prosseguir com a transição universidade-trabalho, não desenvolvendo também, a identidade de trabalhador, devido aos altos índices de desemprego à nível global. Ou quando há a possibilidade de inserção profissional, deparam-se com atividades laborais precária em suas condições instrumentais.

Conforme afirmam Paulino et al. (2010) o esperado era que os jovens formados desempregados tivessem uma percepção mais significativa quanto a privação dos aspectos financeiros na situação de desemprego, mas a realidade encontrada entre os jovens diplomados no ensino superior desempregados e empregados foi semelhante. Tal fenômeno ocorreu, uma

vez que o trabalho em condições precárias e a ausência do emprego impedem esse grupo de jovens a concretizarem seus projetos de vida e percursos que viabilizariam a transição para a idade adulta. A percepção de privação quanto aos aspectos financeiros do trabalho faz os jovens recorrerem ao apoio financeiro familiar. Ademais, ocorre também a busca desse grupo por vínculos com instituições de ensino superior, visando cursos de especialização, pós graduação. Essas estratégias são os meios encontrados pelos jovens, na tentativa de evitarem a frustração de suas elevadas expectativas e anseios pessoais, inviabilizados ou adiados, perante a realidade precária do mundo do trabalho.

### **5.2.3 Renda familiar**

Por meio da realização do teste ANOVA, admitindo um nível de significância de 5%, conclui-se que houve evidência de diferença estatística entre a dimensão “positividade no trabalho” e renda familiar dos jovens participantes. Encontrou-se maior pontuação do fator emocional positivo do trabalho entre os jovens com renda familiar de até 1 salário-mínimo ( $M=4,94$   $DP= 1,04$ ). Esse mesmo grupo de jovens de renda familiar até 1 salário-mínimo também apresentou maiores escores para a dimensão “realização pessoal” ( $M= 5,42$   $DP=1,15$ ), com nível de significância de 5%). Já o grupo de jovens o qual as famílias possuem renda familiar mensal maior que 5 salários-mínimos ( $M=5,33$   $DP= 0,86$ ), apresentaram maior pontuação para o fator de “realização pessoal”, conforme demonstra a Tabela 8.



Tabela 9  
**Comparação das dimensões do ESAT com a renda familiar**

Dimensão		Mínimo	Máximo	Mediana	Média	DP	Valor-p
<b>Realização pessoal</b>	Até 1 SM	1,00	6,00	5,78	5,42 <sup>A</sup>	1,15	<b>0,005</b>
	1 a 2 SM	1,22	6,00	5,11	4,75 <sup>B</sup>	1,26	
	3 a 5 SM	1,00	6,00	5,44	4,88 <sup>B</sup>	1,41	
	> 5 SM	1,00	6,00	5,56	5,33 <sup>A</sup>	0,85	
<b>Positividade do trabalho</b>	Até 1 SM	1,86	6,00	5,29	4,94 <sup>AB</sup>	1,04	<b>0,013</b>
	1 a 2 SM	1,57	6,00	4,36	4,10 <sup>AC</sup>	1,31	
	3 a 5 SM	1,00	6,00	4,57	4,22 <sup>A</sup>	1,32	
	> 5 SM	1,57	6,00	4,71	4,56 <sup>A</sup>	0,99	
<b>Negatividade do trabalho</b>	Até 1 SM	1,00	5,17	3,42	3,33	1,16	<b>0,607</b>
	1 a 2 SM	1,00	5,83	3,33	3,36	1,23	
	3 a 5 SM	1,00	6,00	3,17	3,17	1,13	
	> 5 SM	1,00	5,33	3,17	3,13	1,05	
<b>Econômica do trabalho</b>	Até 1 SM	1,00	6,00	4,33	4,35 <sup>AB</sup>	1,23	<b>0,157</b>
	1 a 2 SM	1,00	6,00	4,00	3,88 <sup>B</sup>	1,43	
	3 a 5 SM	1,00	6,00	4,33	4,02 <sup>AB</sup>	1,49	
	> 5 SM	1,00	6,00	4,33	4,33 <sup>AB</sup>	1,15	

Nota: IQ: Intervalo Interquartil. DP: Desvio Padrão. CV: Coeficiente de Variação. (1) As médias seguidas pela mesma letra não diferem estatisticamente entre si. Foi aplicado o Teste de Bonferroni ao nível significância de 5%.

No que concerne ao resultado sobre a dimensão positiva do trabalho, os jovens de famílias com renda de até 1 salário-mínimo foram o que mais valorizaram essa dimensão, semelhante aos achados de Paulino (2016), em sua investigação com público jovem potiguar na situação “nem-nem”. A valorização da dimensão positiva do trabalho significa compreendê-lo como viabilizador de oportunidades pessoais e sociais satisfatórias. Paulino (2016) acrescenta ainda que essa percepção pode estar relacionada também, ao potencial da atividade laboral de produzir mudança quanto as realidades sociais e financeiras desse grupo e de suas famílias.

Nesse sentido, Paulino et al. (2010) sugerem haver proximidade entre as dimensões econômica do trabalho com as demais dimensões, com exceção da negativa, com isso, o trabalho pode possuir conotação positiva quanto ao seu potencial de prover acesso a melhores oportunidades de vida, conforme indica os estudos de Dutra-Thomé e Koller (2014). Como

elucidam essas autoras, grupos jovens de nível social e econômico baixo, costumam valorizar na atividade laboral, o poder de acesso ao consumo, à independência financeira, aproximando as dimensões positivas e econômicas do trabalho, a partir de aspecto instrumental dessa atividade (Oliveira et al., 2010).

O mesmo grupo citado anteriormente que valorizou a dimensão positiva do trabalho, também teve um escore médio elevado para o fator “realização pessoal”. Considerando o rendimento mensal familiar desse grupo, podemos concluir que eles não fazem parte de uma classe social e econômica a qual favorece privilégios. Dessa forma, uma das possíveis conclusões em nosso estudo sobre o comportamento desse grupo diz respeito à representação sobre o acesso ao ensino superior para os jovens de condições materiais de vida mais pauperizadas. De acordo com Sousa e Sousa (2006), as universidades públicas representam para esse grupo, uma possibilidade de inclusão social a qual seus pais não tiveram acesso, sendo inclusive, uma das principais oportunidades de mudança da condição de vida de sua família.

De acordo com a estatística do PNAD (2014), na pesquisa “Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira”, foi identificado que 73,9% dos filhos possuíam um nível educacional diferente dos seus pais e desse total, 68,9% alcançaram nível superior aos dos pais, enquanto apenas 5% possuíam nível inferior ao dos genitores. Esse índice demonstra uma ascensão educacional intergeracional, a qual se apresenta tanto no imaginário dos jovens, como no de seus pais de que é preciso estudar para ter um trabalho melhor, mais digno, com mais garantias, possibilidade de mobilidade social e perspectivas de vida e futuro melhor. O acesso ao ensino superior para os filhos da classe trabalhadora possui um preço, representa renúncias familiares e sacrifícios de natureza material, cultural histórica, indicando a dificuldade de acesso e permanência da classe trabalhadora no ensino superior. É possível que alguns dos participantes de nossa pesquisa representem os primeiros de suas famílias a frequentarem um ensino superior, portanto, educação e trabalho se

misturam e o significado do trabalho é imbuído de todas essas histórias cruzadas, esperanças de mudança de um futuro de trabalho mais digno.

A dimensão da “realização pessoal” também obteve altos escores para os participantes de famílias com rendimento mensal acima de 5 salários-mínimos. O comportamento desse grupo deve ser analisado por meio de suas condições sociais e econômicas de vida, as quais permitem apoio financeiro familiar, isentando esses jovens de responsabilidades financeiras. Essa circunstância viabiliza a esses sujeitos, a busca por uma atividade laboral capaz de gerar satisfação, realização, vida equilibrada, sem preocupação se serão menos pagos por isso (Manuti et al., 2018). De acordo com Dutra-Thomé e Koller (2014), os adultos emergentes em melhores condições sociais e econômicas, tendem a evitar relações abusivas de trabalho e atividades profissionais degradantes, proporcionando a busca por trabalhos capazes de promover satisfação pessoal sem tomar o tempo do lazer, considerado importante para tal grupo.

#### ***5.2.4 Contribuição com a renda familiar***

A utilização do teste t de *Student* permitiu identificar uma diferença estatística entre a dimensão negativa do trabalho e a variável colaboração na renda familiar, para um nível de significância de 5%. De acordo com essa análise estatística, os indivíduos que colaboram com a renda familiar, apresentaram menor pontuação (M= 3,03 DP= 1,04) para o fator negativo do trabalho, conforme demonstra a Tabela 9.

Tabela 10  
**Comparação do ESAT com a colaboração na renda familiar**

Variável		Mínimo	Máximo	Mediana	Média	DP	Valor-p
<b>Realização Pessoal</b>	<b>Sim</b>	1,00	6,00	5,44	5,10	1,16	<b>0,498</b>
	<b>Não</b>	1,00	6,00	5,44	5,00	1,26	
<b>Positividade do trabalho</b>	<b>Sim</b>	1,43	6,00	4,64	4,41	1,16	<b>0,529</b>
	<b>Não</b>	1,00	6,00	4,57	4,32	1,25	
<b>Negatividade do trabalho</b>	<b>Sim</b>	1,00	5,33	3,17	3,03	1,04	<b>0,016</b>
	<b>Não</b>	1,00	6,00	3,42	3,36	1,18	
<b>Econômica do trabalho</b>	<b>Sim</b>	1,00	6,00	4,33	4,18	1,34	<b>0,497</b>
	<b>Não</b>	1,00	6,00	4,33	4,07	1,37	

Os resultados encontrados foram semelhantes aos demais estudos sobre a temática da representação do trabalho para o grupo jovem, dentre eles a pesquisa de Oliveira, Fischer, Teixeira, Sá e Gomes (2010) com jovens brasileiros empregados e desempregados. Ao serem questionados sobre os significados do trabalho, os participantes atribuíram a essa atividade valor positivo quanto à possibilidade de desenvolverem-se, terem o próprio dinheiro, ajudar nas despesas familiares e com isso, viabilizar o sentimento de independência, autovalorização e respeito, ajudando os jovens a perceberem-se e construir uma autoimagem positiva para si e para a família. O estudo de Jesús e Ordaz (2006) demonstraram resultado semelhante, de modo que os jovens declararam como principal motivação para a entrada no mundo laboral, o desejo de conquistar recursos e assim, poder ajudar a família e alcançar a independência financeira. Ao serem questionados sobre o significado do trabalho em suas vidas, eles e elas responderam que estava atrelado à possibilidade de contribuir com seu entorno social. Portanto, é possível concluir que contribuir com a renda familiar por meio do trabalho está associado à dimensão positiva da atividade laboral.

Esse comportamento é semelhante ao apresentado em alguns estudos sobre o fenômeno da adultez emergente, em especial, a dimensão “outro foco”, considerado um dos aspectos constituintes das trajetórias do processo de tornar-se adulto. Essa dimensão está associada ao foco nos outros, ou seja, no estabelecimento de compromisso com a família, com o trabalho e

na responsabilidade social nos contextos que os jovens vivem (Dutra-Thomé & Koller, 2017). Autores como Marzana et al. (2010) analisam que entre os adultos emergentes ibero-americanos, a relação com suas famílias é muito importante e para eles nesse período, bem como também compreendem essa etapa a partir do compromisso e responsabilidade de ajudar a família e a sociedade. Dessa forma, para quem contribui com a renda familiar, o trabalho não se apresenta como fonte de revolta, obrigação, ao contrário, possibilita aos jovens o reconhecimento familiar e social, tendo com isso uma participação mais ativa e respeitada nesses contextos.

### ***5.2.5 Clusterização dos significados do trabalho***

Com o objetivo de identificar os padrões referentes aos significados atribuídos ao trabalho pelos nossos participantes, foi aplicada a técnica de análise de agrupamento para dimensões de ESAT, usando o método de ligação Ward, por meio da distância euclidiana. A partir do procedimento estatístico empregado, encontrou-se o total de quatro grupos, os quais apresentaram comportamentos diferentes dos jovens quanto à percepção do significado do trabalho. Embora identificados comportamentos diferentes entre os grupos, a percepção sobre o valor positivo do trabalho apresentou-se como significativa e foi compartilhada entre eles. Os clusters foram agrupados mediante a pontuação no questionário ESAT e encontrou-se o seguinte padrão, conforme indica a Tabela 10.

Tabela 11  
**Clusterização com as respostas do ESAT**

<b>Grupo</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>Distribuição</b>	<b>37,50% (n=102)</b>	<b>29,78% (n=81)</b>	<b>25,74% (n=70)</b>	<b>6,99% (n=19)</b>
<b>Realização Pessoal</b>	5,37	5,69	4,79	1,49
<b>Positiva do trabalho</b>	4,65	5,24	3,64	1,74
<b>Negativa do trabalho</b>	4,02	2,13	3,49	2,38
<b>Econômica do trabalho</b>	4,79	5,00	2,71	1,93
<b>Média geral</b>	<b>4,71</b>	<b>4,52</b>	<b>3,66</b>	<b>1,88</b>
<b>Classificação</b>	<b>Muito alta</b>	<b>Alta</b>	<b>Média</b>	<b>Baixa</b>

No grupo de pontuação “Muito Alta” no ESAT-BR, as 102 pessoas respondentes obtiveram os resultados mais altos da escala do tipo Likert de seis pontos. As dimensões de “Realização pessoal” (M=5,37) e a “econômica” (M=4,79) foram ressaltadas pelo grupo e esse comportamento pode estar relacionado ao fato de jovens compreenderem o trabalho a partir do seu valor de promover prestígio social, poder (Martins & Coimbra, 2014). Como informam Oliveira et al. (2010) a partir da pesquisa realizada com jovens universitários, a atividade laboral para muitos jovens está associada às dimensões de realização e econômica, pois os salários viabilizam o acesso desse grupo ao poder de consumo e como acrescenta Paulino et al. (2010), é o fator financeiro do trabalho que proporciona a realização de projetos, expectativas e aspirações pessoais e profissionais. Em nossa sociedade de consumo, esse poder de consumir é o que promove prestígio, poder e reconhecimento. Ademais, de acordo com Oliveira et al. (2010), os jovens em período de transição para a idade adulta, atribuem ao fator econômico do trabalho, o reconhecimento perante a sociedade, pois ao contribuir com a renda familiar, eles podem ser ouvidos, passam a ser respeitados. Com isso, é possível que para o grupo com pontuação mais alta, o trabalho seja uma forma de alcançar satisfação, crescimento, realização, inserção social por meio de acesso ao consumo, bem como meio para a tão almejada independência financeira, autonomia na etapa de transição para a idade adulta. Ademais, os

escores semelhantes desse grupo para as dimensões “positiva” e “negativa” do trabalho podem indicar uma compreensão realista sobre a atividade laboral.

O grupo com pontuação “Alta” de 4,71 para a escala ESAT, valorizou com maior grau de significância as dimensões “realização pessoal” (M=5,69) e “positiva” (M=5,24) do trabalho, apresentando menor pontuação no fator negativo (M= 2,13). Para esse grupo, o trabalho passa a ser valorizado em seus aspectos mais positivos, sendo concebido como meio de realização pessoal. Ademais, para os jovens e as jovens em transição para a idade adulta, ter um vínculo laboral oferece para eles e elas a oportunidade de conviver com iguais, de ampliar suas experiências, contribuindo com o amadurecimento durante esse período, favorecendo o desenvolvimento da autoimagem positiva, da autoestima e do sentimento de responsabilidade (Rizzo & Chamon, 2011; Andrade, 2016). É importante analisar ainda que a menor pontuação para a dimensão negativa do trabalho, quando comparada as demais, pode representar uma percepção mais idealista, desconectada da realidade, considerando o contexto concreto encontrado pelos jovens.

Enquanto isso, o cluster de pontuação “Média” com escore de 3,88 apresentou maior pontuação para o fator de realização pessoal (M= 4,79) e valorizou menos a dimensão econômica do trabalho (M=2,71), ou seja, eles não vinculam realização pessoal ao aspecto financeiro, valorizando mais a possibilidade de trabalhar numa atividade na qual tenha oportunidade de crescimento, de realizar o que gosta em detrimento da remuneração e valor instrumental do trabalho (Manuti et al., 2018). Ademais, o grupo indica valores próximos as dimensões negativas e positivas do trabalho e uma baixa pontuação para a dimensão econômica, podendo representar que esses jovens possuem uma percepção mais concreta e real do atual cenário laboral (em seus aspectos positivos e negativos) e ao reconhecer a realidade dos salários, as suas condições do mercado, optam por trabalhos capazes de estarem mais alinhados aos seus valores, seu propósito e geradores de crescimento pessoal e profissional. Isso pode

acontecer quando a remuneração não compensa o mal-estar gerado pela atividade (Paulino et al., 2010).

Por fim, o quarto grupo é o de baixa pontuação na escala de identificação dos significados atribuídos ao trabalho, apresentando maior escore para o aspecto negativo do trabalho ( $M= 2,38$ ) e menor para a realização profissional ( $M=1,49$ ). Sobre as demais dimensões, é a econômica que obtém a segunda maior pontuação. Para esse grupo, há uma tendência do trabalho sendo visto por seu viés desgastante, causador de estresse, preocupação e cansaço, ao mesmo tempo, concebido como fonte de sobrevivência e sustento. Nesse sentido, como elucidam Rizzo e Chamon (2011) e Paulino (2016), a entrada no mercado de trabalho cada vez mais cedo e o contato com uma atividade laboral mais precária representam baixas expectativas dos jovens para o futuro.

No que concerne ao grupo de menor pontuação para as dimensões do ESAT, é possível inferir que para esse cluster, o trabalho não se apresenta como significativo em suas vidas. No entanto, é importante problematizar e refletir se para esse grupo, não são trabalhos específicos, em suas condições mais negativas do que positivas os quais favorecem essa percepção. Esses resultados podem ser influenciados, considerando que os projetos de vida e carreira atualmente estão mais frágeis, mais fragmentados devido as mudanças do mundo laboral, e com isso, diferente do ocorrido para gerações anteriores. Conforme indicam Maia e Mancebo (2010), a relação dos jovens com o tempo tornou-se mais fluído, devido as impossibilidades estruturais do sistema, não havendo mais a ideia de um trabalho para a vida toda. Essa realidade pode favorecer a percepção de jovens atuais a não considerar o trabalho como uma dimensão tão significativa em suas vidas.

Ademais, outra possível explicação para esse comportamento alicerça-se nas análises de Pais et al. (2017). Segundo os autores, no cenário de globalização, a crescente cultura do individual, do prazer ganhou relevância nos imaginários juvenis. Os grupos juvenis passam a



valorizar os valores antagônicos como materialismo e pós-modernismo, hedonismo e espiritualidade. Nesse cenário, tende a ser mais atrativo para os jovens tudo aquilo capaz de gerar bem-estar individual, questões relacionadas à gênero, sexualidade, estilo e qualidade de vida, levando-os a valorizar outras atividades, dimensões da vida e nessas inquietações individuais, outros aspectos talvez sejam mais significantes que o trabalho.

Embora não possamos fazer inferências mais detalhada sobre os perfis encontrados a partir da clusterização, os resultados oriundos da utilização dessa estratégia estatística nos permitiram observar os aspectos relevantes que compõe os significados atribuídos ao trabalho pelas jovens e pelos jovens em período de inserção profissional e transição para a idade adulta. De modo geral, os resultados possibilitaram identificar a dimensão positiva do trabalho como um aspecto comum importante para os grupos investigados. A valorização de um trabalho que permita felicidade, bem-estar, vínculos de amizade e lidar como novos desafios é um comportamento diferente das gerações anteriores parece estar presente no imaginário de alguns grupos juvenis (Gonçalves, 2006).

De acordo com Borges e Coutinho (2010), o grupo jovem possui um comportamento diferente, muitos buscam o ensino superior, qualificar-se e inserir-se profissionalmente, para escrever projetos de vida e trajetórias diferentes de seus pais. Dentre eles, é comum a narrativa de não desejar viver um trabalho gerador de mal-estar, com condições ruins, ao contrário, almejam viver um trabalho que os permita experimentar outras dimensões da vida, outras possibilidades, diferenciando-se das concepções de carreira e atividade laboral a qual preconizavam um vínculo contínuo e permanente à uma mesma empresa.

Considerar esses padrões de significados atribuídos ao trabalho para os jovens tem sido um esforço de muitos estudiosos sobre a temática, pois como a morfologia do trabalho tem ganhado novas formas, é importante acompanhar como essa atividade em seu novo formato

tem afetado o desenvolvimento humano, em especial, os períodos da vida que contam com a atividade de inserção profissional como viabilizador de rituais de passagem.

### **5.3 Objetivo 2: Caracterizar o fenômeno da adultez emergente, relacionando-os aos aspectos sociodemográficos**

O teste de *Kolmogorov-Smirnov* foi realizado para verificar se os dados possuíam distribuição normal. Em nossa pesquisa, para o nível de significância de 5%, tem-se evidências de que as dimensões do IDEA não possuem distribuição normal. No entanto, por nossa pesquisa apresentar amostra suficientemente grande, utilizando como base o teorema do limite central, assumiu-se que o pressuposto da normalidade não possui interferência na análise dos resultados. Dessa forma, sendo aplicáveis testes estatísticos paramétricos.

Dando prosseguimento aos resultados da análise e para responder o objetivo específico 2 de nosso projeto, o instrumento IDEA-BR foi avaliado e por meio do teste MANOVA, para um nível de significância de 5%. Tal estratégia estatística evidenciou a diferença estatística entre suas dimensões, havendo predomínio da dimensão “outro foco”, com escore médio de 2,18 (DP= 0,81), conforme indica a Tabela 11.

Tabela 12  
**Avaliação das Dimensões do IDEA -BR**

Dimensões	Mínimo	Máximo	Mediana	Média <sup>(3)</sup>	DP	Valor-p <sup>(1)</sup>	Valor-p
<b>Exploração de identidade</b>	1,00	4,00	1,60	1,65 <sup>D</sup>	0,58	<0,001	
<b>Experimentação/ Possibilidades</b>	1,00	4,00	1,67	1,65 <sup>D</sup>	0,57	<0,001	
<b>Negatividade/ Instabilidade</b>	1,00	4,00	1,71	1,85 <sup>BC</sup>	0,63	<0,001	<0,001 <sup>(2)</sup>
<b>Auto-Foco</b>	1,00	3,63	1,63	1,73 <sup>CD</sup>	0,45	<0,001	
<b>Sentimento intermediário</b>	1,00	4,00	1,75	1,90 <sup>B</sup>	0,75	<0,001	
<b>Outro foco</b>	1,00	4,00	2,00	2,18 <sup>A</sup>	0,81	<0,001	

IQ: Intervalo Interquartilco DP: Desvio Padrão CV: Coeficiente de Variação (1) Teste de *Kolmogorov-Smirnov* para verificar a normalidade dos dados (2) Análise Multivariada de Variância – MANOVA (3) As médias seguidas pela mesma letra não diferem estatisticamente entre si. Foi aplicado o Teste de Bonferroni ao nível significância de 5%.

O resultado encontrado demonstra proximidade com os achados de investigações sobre o fenômeno da adulez emergente em outros contextos, como o argentino, o chileno e até mesmo na região sul brasileira (Facio, Resett, Micocci, & Mistrorigo, 2007; Galambos & Martínez, 2007; Dutra-Thomé & Koller, 2019). O fator “outro foco” refere-se ao nível de compromisso dos adultos emergentes com os outros, com a família, o trabalho e o entorno social. Portanto, o comportamento dos participantes indica que eles consideram o fator de responsabilizar-se por outros, ter compromissos como significativo no processo de tornar-se adulto.

Autores como Camarano, Letano, Pasinato e Canzo (2004) elucidam o comportamento comum entre os jovens brasileiros de responsabilizarem-se pelo complemento da renda familiar, do cuidado com a família. Essa também é uma realidade presente no contexto dos jovens latino-americanos, uma vez que a cultura dessa região costuma valorizar mais o aspecto coletivista, havendo uma tendência a ter forte orientação familiar, valorizando muito o afeto

oferecido, a segurança e o suporte emocional e financeiro dados pela família (Galambos & Martínez, 2007).

No entanto, Dutra-Thomé e Koller (2019) indicam que esse comportamento possui uma tendência a acontecer mais entre jovens de níveis sociais econômicos mais baixos. Em pesquisas realizadas por Reifman et al. (2007), eles identificaram que o grupo de jovens responsáveis por suas próprias despesas, ou que vivem com companheiro ou passam mais horas trabalhando possuem um maior escore na dimensão outro-foco. Portanto, esses autores sugerem que a valorização do fator responsabilidade com o outro varia de acordo com aspectos culturais, históricos, sociais, níveis de educação, os significados do trabalho e condição de moradia (com que mora). Com isso, os resultados de nossa pesquisa dizem respeito a caracterização de nossa amostra, não devendo ser generalizado para todos os universitários e egressos da UFRN. A seguir, as dimensões da adultez emergente serão caracterizadas a partir dos aspectos sociodemográficos que indicaram ter relevância estatística, a partir de estratégias de análise de dados.

### 5.3.1. Idade

A partir da realização do teste t de *Student*, para um nível de significância de 5%, observou-se a evidência de diferença estatística entre a idade e as dimensões de negatividade/instabilidade e sentimento de ambivalência. Os resultados indicaram que os participantes com idade acima de 24 anos apresentaram maior pontuação nos fatores de negatividade/instabilidade (M= 2,02 DP= 0,72) e sentimento intermediário (M=2,08 DP=0,80), apresentados na Tabela 12.

Tabela 13  
**Comparação das dimensões do IDEA com a idade**

Variável		Mínimo	Máximo	Mediana	Média	DP	Valor-p
<b>Exploração de identidade</b>	≤24 anos	1,00	3,80	1,60	1,61	0,54	<b>0,109</b>
	>24 anos	1,00	4,00	1,60	1,72	0,63	
<b>Experimentação/ Possibilidades</b>	≤24 anos	1,00	4,00	1,67	1,61	0,55	<b>0,092</b>
	>24 anos	1,00	3,67	1,67	1,73	0,61	
<b>Negatividade/ Instabilidade</b>	≤24 anos	1,00	3,86	1,71	1,76	0,57	<b>0,002</b>
	>24 anos	1,00	4,00	1,86	2,02	0,72	
<b>Auto Foco</b>	≤24 anos	1,00	3,50	1,63	1,72	0,45	<b>0,527</b>
	>24 anos	1,00	3,63	1,75	1,75	0,44	
<b>Sentimento intermediário</b>	≤24 anos	1,00	4,00	1,75	1,80	0,70	<b>0,003</b>
	>24 anos	1,00	4,00	2,00	2,08	0,80	
<b>Outro foco</b>	≤24 anos	1,00	4,00	2,00	2,25	0,81	<b>0,052</b>
	>24 anos	1,00	4,00	2,00	2,05	0,80	

Nota: IQ: Intervalo Interquartilico. DP: Desvio Padrão CV: Coeficiente de Variação.

A dimensão “negatividade/instabilidade” refere-se à percepção do quanto os adultos emergentes compreendem esse período de transição como sendo uma etapa marcada por insegurança e muita instabilidade, e com isso, percebida como negativa. Essa percepção está diretamente relacionada ao modo como os jovens compreendem à rede de apoio a eles direcionada, a compreensão do contexto de oportunidades e crescimento laboral e educacional. Ademais, como informa Pereira (2019), o período da adultez emergente apresenta alguns fatores estressantes os quais acabam influenciando negativamente essa etapa de transição, sendo eles: as questões econômicas enfrentadas, a própria percepção de ambivalência, a qual não os permite definirem-se enquanto adultos, embora essa seja uma cobrança social recorrente da família e dos contextos educativos. No que concerne às cobranças feitas pelos adultos aos jovens, Bock (2004) sugere a necessidade de problematizarmos essas demandas, uma vez que o olhar adulto surge como via de aprovação para definir se os jovens já alcançaram a adultez, fazendo deles meros intérpretes dos desejos, competências desejadas pelos adultos.

A percepção da dimensão negativa e de instabilidade do período de transição para a idade adulta está mais presente entre os jovens mais velhos, assim como entre os formados,

uma vez que eles são cobrados com maior intensidade para assumirem o papel de adulto, valendo-se ainda de narrativas e marcos sociais que demarcavam o ritual de tornar-se adulto de gerações anteriores. Ademais, a pesquisadora Sousa (2018) conseguiu identificar que os adultos emergentes acima de 24 anos apresentam maior receio e maiores expectativas quanto ao trabalho e a carreira, enquanto o grupo com idade abaixo de 24 anos possui mais expectativas e receios quanto à educação e o lazer.

Ao analisar o comportamento que mais gera expectativa e receio aos adultos emergentes acima de 24 anos, é necessário considerar o contexto por eles vivenciados no mundo laboral, no processo de inserção profissional. Conforme pontuado por Alves (2013) e Antunes (2018), temos vivido sob a égide de uma nova morfologia do trabalho, mais precário em condições de realização da atividade do trabalho e em termos existenciais. Para os jovens, esse cenário tem sido enfrentado com mais receio, apreensão e ansiedade, pois o processo de inserção profissional tem sido barrado pelos altos índices de desemprego à nível mundial, e mesmo com o diploma na mão, atestando a alta qualificação de mão-de-obra, muitos dos formados ainda estão destinados a ser exército de reserva ou a realizar atividades laborais precárias.

Em investigações como as de Paulino et al. (2010) e Martins e Coimbra (2014) , direcionadas para a pesquisa de como essa nova morfologia do trabalho tem afetado os jovens em transição para a idade adulta e seus projetos de vida, descobriu-se ser comum que os jovens mais velhos identifiquem o mundo do trabalho, os conceitos de carreira por um viés mais negativo, e segundo os autores, isso ocorre pois os mais novos possuem um nível de idealização maior quanto ao processo de inserção profissional. Ademais, o grupo mais velho dos adultos emergentes experienciam a privação quanto ao período de transição universidade-mercado, e privação aos recursos que o trabalho deveria oferecer. Dessa forma, a percepção e a vivência da privação quanto à atividade laboral, acaba fazendo com que as aspirações e expectativas pessoais e profissionais sejam inviabilizadas ou adiadas, as competências profissionais e seus

projetos de vida sejam questionados, gerando mal-estar e uma consequente avaliação mais negativa do processo de tornar-se adulto e de inserção profissional.

Além dessa instabilidade causada pela organização do sistema produtivo, outro fator que gera um maior negativismo sobre o período de transição para a idade adulta é a ausência de políticas públicas e redes de apoio aos adultos emergentes para enfrentamento desse contexto. De acordo com Camarano et al. (2004), os jovens ora são vistos como “problema social” ora como o grupo que deve ser acolhido e acabam não sendo alvo das agendas de políticas públicas, porque sendo esse grupo compreendido a partir da perspectiva da transitoriedade da sua condição, torna-se mais difícil que eles sejam vistos como sujeitos de Direitos. Perante esse contexto, de discretas políticas públicas de integração social desses adultos emergentes, as quais muitas vezes não se atualizaram a ponto de considerar as diversidades de trajetórias de transição para a idade adulta, acabam fazendo com que os próprios jovens busquem estratégias ou sejam culpabilizados socialmente por essa não integração, originária do próprio sistema produtivo no qual vivemos. Nesse mesmo cenário, as famílias acabam assumindo o papel de suporte emocional e financeiro para essa transição, assim como em outros contextos da América Latina, favorecendo a manutenção dos laços familiares e a postergação da independência financeira, em especial, para o grupo mais velho dos adultos emergentes (Facio et al., 2007; Silva, 2018).

Ainda sobre a percepção dos jovens quanto ao período de transição para a idade adulta, identificou-se que o grupo acima de 24 anos também obteve uma maior pontuação para a dimensão do “sentimento de ambivalência”. Resultado semelhante foi observado por Reifman et al. (2007) e conforme informa Pereira (2019), a sensação de “estar entre” acontece à medida que os jovens assumem ou postergam papéis considerados adultos, e essa indefinição gera o sentimento de negatividade/instabilidade. O status de reconhecimento dos jovens enquanto adulto, é problematizado por Abrantes e Bulhões (2016), enquanto fenômeno originado no

próprio sistema produtivo atual, uma vez que embora os jovens sejam demandados socialmente a assumir o papel adulto, as condições materiais impedem essa participação social mais ativa, interrompendo a realização e concretização dos projetos da vida tão almejado pelas juventudes. Isso acaba gerando uma contradição no processo de tornar-se adulto, e a tensão torna-se maior à medida que se vai avançando em idade, pois maior a cobrança social para o atingimento da vida adulta. A partir disso, o máximo que os jovens conseguem é alcançar o estatuto de “semi independência”, como reflete Andrade (2016).

### ***5.3.2 Grupo de pesquisa: graduandos e formados***

A realização do teste de t de *Student*, para um nível de significância de 5%, resultou em evidências estatísticas entre dimensão negativa/instabilidade e sentimento intermediário e grupo de pesquisa. A partir dessa estratégia estatística, foi identificado que os formados apresentaram maior pontuação quanto ao fator negativo/instabilidade ( $M=1,96$   $DP= 0,66$ ) e para o sentimento intermediário ( $M=2,04$   $DP= 0,79$ ), conforme indica a Tabela 13.



Tabela 14

**Comparação dimensões do IDEA com o grupo de pesquisa (graduados e formados)**

Variável		Mínimo	Máximo	Mediana	Média	DP	Valor-p
<b>Exploração de identidade</b>	<b>Graduando</b>	1,00	4,00	1,40	1,59	0,56	<b>0,094</b>
	<b>Formado</b>	1,00	3,40	1,60	1,71	0,59	
<b>Experimentação / Possibilidades</b>	<b>Graduando</b>	1,00	4,00	1,67	1,64	0,59	<b>0,780</b>
	<b>Formado</b>	1,00	3,33	1,67	1,66	0,57	
<b>Negatividade/ Instabilidade</b>	<b>Graduando</b>	1,00	3,86	1,71	1,75	0,59	<b>0,006</b>
	<b>Formado</b>	1,00	4,00	1,86	1,96	0,66	
<b>Auto-Focado</b>	<b>Graduando</b>	1,00	3,63	1,63	1,72	0,47	<b>0,797</b>
	<b>Formado</b>	1,00	3,25	1,63	1,73	0,43	
<b>Sentimento intermediário</b>	<b>Graduando</b>	1,00	4,00	1,75	1,76	0,67	<b>0,002</b>
	<b>Formado</b>	1,00	4,00	2,00	2,04	0,79	
<b>Outro foco</b>	<b>Graduando</b>	1,00	4,00	2,00	2,21	0,80	<b>0,584</b>
	<b>Formado</b>	1,00	4,00	2,00	2,15	0,82	

Nota: IQ: Intervalo Interquartilico. DP: Desvio Padrão CV: Coeficiente de Variação

Os resultados identificados em nossa pesquisa foram semelhantes aos apresentados por Andrade (2016) e Mortimer, Kim, Staff e Vuolo (2016) quanto ao comportamento dos jovens e das jovens no período de transição para a idade adulta. A sensação de negatividade seria maior entre os formados, uma vez que se deparam com uma realidade contraditória quanto a realização de seus projetos de vida, entre um futuro planejado e incerto, ao mesmo tempo (D'Ávila & Coutinho, 2019). Esse cenário gera nos formados uma percepção mais negativa sobre sua autoeficácia para lidar com o cenário de incerteza, conforme elucida Mortimer et. al (2016). De acordo com os autores, a auto eficácia diz respeito ao modo como as pessoas consideram-se capazes de realizar atividades, de superar obstáculo e alcançar metas importantes, sendo uma função psicológica importante no decorrer de todos os períodos do

desenvolvimento. Entretanto, é durante a o processo de transição para a idade adulta que essa questão se torna crítica.

Essa situação ocorre, pois durante a transição para a idade adulta é demandado, em especial, para os adultos emergentes formados, que eles analisem suas capacidades, e tomem decisões críticas quanto à processos formativos, de trabalho, projetos de vida e formação familiar. No entanto, a percepção de auto eficácia é baixa, pois ao depararem-se com a realidade de desemprego, incertezas do mundo laboral e fragilidade da inserção profissional, veem a sua condição de dificuldade de aquisição dos papéis adultos. Devido às restrições materiais do contexto produtivo, acabam desenvolvendo uma visão negativa sobre si e sobre a realidade que os envolvem (Mortimer et al., 2016).

Ademais, Andrade (2016) em sua investigação sobre a construção da identidade, auto conceito e autonomia em adultos emergentes, ao comparar jovens formados e os ainda universitários, concluiu que a percepção sobre o processo de tornar-se adulto possui enfoque mais negativo, pois os adultos emergentes sentem falta de confiança em suas próprias capacidades. Por ainda possuírem dependência financeira e emocional com os pais, mesmo após formados, julgam-se insuficientes para encarar os papéis de adulto, enquanto os universitários, devido o próprio contexto das universidades, viabilizadora de maiores possibilidades e experiências, mais voltado para o desenvolvimento pessoal possuem uma perspectiva mais positiva sobre si. Com isso, podemos conceber as distinções quanto às cargas de responsabilidades e compromissos vivenciados entre os estudantes e os formados.

No que concerne a maior pontuação dos formados para o sentimento de ambivalência quando comparados a pontuação dos graduandos para a mesma dimensão, entende-se tal resultado como contrário ao esperado pelo fenômeno da Adulter Emergente (Arnett, 2000). A expectativa, conforme aponta a teoria é de que os jovens finalizando os últimos anos de curso tenham um período maior de exploração de suas vidas profissionais e pessoais (estágios,

programas trainees) quando comparado aos graduados, pois destes ainda não são demandados as decisões definitivas e responsabilidades duradouras, esperando-se então maior pontuação dos estudantes quanto a dimensão intermediária.

Andrade (2016) acrescenta que os projetos da vida adulta se tornam estruturados após experiências mais reais dos papéis profissionais do mundo laboral, ou seja, a expectativa é de que os formados, ao assumirem papéis profissionais, acabem criando um projeto de vida mais relacionado ao estatuto adulto, quando comparado aos graduandos. No entanto, ao analisarmos a realidade concreta dos formados após tornarem-se egressos, deparamo-nos com um grupo em maior condição de ambiguidade, muitas vezes sem vínculo com instituições de ensino e nem vínculo empregatício (Andrade, 2016; D'Ávila & Coutinho, 2019).

A situação de ambiguidade sentida pelo grupo dos formados é caracterizada por maiores questionamentos deles sobre si e sobre os projetos e perspectivas de futuro, gerando maiores reflexões e dúvidas quanto as próprias capacidades e indicando valores mais baixos quanto ao auto conceito. Tanto Andrade (2016) quanto Mortimer et al. (2016) concordam em apontar a realidade laboral como causadora das dúvidas dos formados sobre as próprias competências, pois é essa realidade a qual dificulta a concretização de expectativas sobre carreira e trabalho. Com isso, tendem a buscar maior apoio familiar financeiro e emocional, gerando para os formados um estatuto de maior “semi dependência”, quando comparados aos estudantes universitários. Por outro lado, os graduandos vivem um cenário diferente, no qual tendem a buscar mais aprovação enquanto adultos perante a família e a sociedade e por isso, possuem uma tendência maior a buscar autonomia, independência e experienciar oportunidades (Andrade, 2016).

Ao compararmos o que é prioridade para os adultos emergentes formados e para os ainda graduandos, conseguimos identificar uma distinção entre eles. A partir da análise das prioridades para cada grupo, é possível concluir que a concepção sobre “ser adulto” e de ter

atingido a idade adulta é diferente entre eles. Esse fato pode explicar o resultado encontrado em nossa pesquisa do grupo dos formados perceberem a transição para a idade adulta a partir de sua dimensão ambivalente.

### 5.3.3 Período da vida (adulto e adulto emergente)

A partir do teste t de *Student*, para um nível de significância de 5%, foi encontrada evidência de diferença estatística entre a dimensão negativa, autofoco e sentimento intermediário com relação a etapa da vida a qual os sujeitos da pesquisa declararam estar. Nesse sentido, os participantes que se declararam adultos possuíram maior pontuação quanto as dimensões citadas e como ilustrado na Tabela 14.

Tabela 15

#### Comparação das dimensões do IDEA com variável etapa da vida

Variável		Mínimo	Máximo	Mediana	Média	DP	Valor-p
<b>Exploração de identidade</b>	<b>Transição</b>	1,00	3,80	1,60	1,66	0,59	<b>0,754</b>
	<b>Adulto</b>	1,00	4,00	1,60	1,64	0,56	
<b>Experimentação/ Possibilidades</b>	<b>Transição</b>	1,00	4,00	1,67	1,64	0,59	<b>0,873</b>
	<b>Adulto</b>	1,00	3,67	1,67	1,65	0,56	
<b>Negatividade/ Instabilidade</b>	<b>Transição</b>	1,00	4,00	1,64	1,75	0,63	<b>0,038</b>
	<b>Adulto</b>	1,00	3,71	1,86	1,92	0,63	
<b>Auto-Focado</b>	<b>Transição</b>	1,13	3,50	1,75	1,80	0,43	<b>0,031</b>
	<b>Adulto</b>	1,00	3,63	1,63	1,68	0,46	
<b>Sentimento intermediário</b>	<b>Transição</b>	1,00	4,00	1,50	1,61	0,64	<b>&lt;0,001</b>
	<b>Adulto</b>	1,00	4,00	2,00	2,10	0,75	
<b>Outro foco</b>	<b>Transição</b>	1,00	4,00	2,00	2,17	0,84	<b>0,901</b>
	<b>Adulto</b>	1,00	4,00	2,00	2,19	0,79	

Nota: IQ: Intervalo Interquartilico. DP: Desvio Padrão CV: Coeficiente de Variação

Os resultados encontrados chamam atenção, em especial quanto a pontuação significativa dos participantes auto declarados adultos para a dimensão de “sentimento intermediário” (M= 2,10 DP= 0,75), pois corrobora com as expectativas da teoria da Adulter Emergente, uma vez que Arnett (2000) indica ser a percepção subjetiva dos jovens e as condições objetivas da realidade, os fatores responsáveis pelo sentimento de ambivalência (não se considerar adolescente, nem adulto). Com isso, devemos analisar que durante o período de transição, coexistem projetos de vida que vão se desenvolvendo ao longo dessa transição, das

experiências, tornando-se mais concretos como o esperado para a vida adulta. Ademais, essa aparente contradição indica que os adultos emergentes têm assumido progressivamente alguns papéis de adulto, mas não os fazem sentir como tendo atingido totalmente o estatuto adulto.

Para ilustrar melhor essa realidade, essa ambivalência, é necessário problematizar sobre o que é ser adulto para os jovens investigados. Ao serem questionados sobre qual o principal fator de atingimento para a vida adulta, 49,63% declarou ser a independência financeira, seguido de 25,74% que declararam “assumir responsabilidade por você” como o fator fundamental para atingir a idade adulta. O resultado de nosso estudo apresentou semelhanças com o de Ponciano e Seidl-de-moura (2017), sendo demonstrada a ambivalência que surge entre os marcadores subjetivos e os objetivos presentes nesse processo. As autoras explicam ainda que o sentimento intermediário é estabelecido, pois a construção da autonomia dos adultos emergentes não precisa ocorrer com a separação dos vínculos familiares, com isso, é permitido aos jovens investirem na construção de suas identidades, explorando possibilidades, conquistando autonomia em contexto de interdependência familiar. Conforme elucidam Ponciano e Seidl-de-moura (2017), esse processo de tornar-se adulto pode ser observado em países de organização mais coletivista. As análises de nossa pesquisa nos afastam das expectativas trazidas pela teoria norte-americana, mas caracterizam uma trajetória possível de transição para a idade adulta de jovens natalenses.

No tocante à pontuação da dimensão negatividade/instabilidade do grupo de participantes ( $M= 1,92$   $P= D0,63$ ) que se declarou adulto em nossa investigação, a literatura apresentou resultados e discussões semelhantes as duas subseções anteriores. No entanto, um comportamento novo observado deu-se quanto à percepção significativa dos nossos participantes sobre o processo de adulez emergente a partir da dimensão “auto focado” ( $M=1,68$   $DP =0,46$ ). Os achados do nosso estudo demonstraram comportamento diferente das discussões realizadas por Galambos e Martínez (2007). De acordo com esses autores, é comum

que no período de transição para a idade adulta para os chilenos, os mais jovens valorizam mais a dimensão “auto foco”, focando mais no seu desenvolvimento pessoal, profissional quando comparados aos jovens com mais idade. Para os jovens argentinos, aproximar-se de alcançar o estatuto adulto significa responsabilizar-se mais com os outros, ou seja, há predomínio da dimensão “outro foco”.

Embora nossos resultados pareçam contradizer os estudos anteriores, as reflexões de Dutra-Thomé e Koller (2019) podem contribuir na reflexão desse achado. As pesquisadoras identificaram que para os jovens brasileiros, em especial, os de níveis sociais e econômicos mais baixos, é comum observar que no início do processo da adulez emergente os jovens tendem a valorizar mais a dimensão “outro foco”, com o objetivo de ajudarem financeiramente a família, a fim de proporcionar certa mobilidade social. Após conseguirem melhorar a condição financeira familiar, aí então passam a focar em si mesmos, dedicando-se a viver as experiências não possíveis quando estavam dedicando-se a outras responsabilidades e compromissos. Esse período de experiência, foco em si é financiado por eles próprios.

A outra possibilidade apontada por Dutra-Thomé e Koller (2019) refere-se à realidade vivida por jovens de níveis sociais e econômicos médio e alto. Como caracterizado pelas autoras, esse grupo jovem vive o processo de adulez emergente mais pautado em valores individuais, focando-se mais tempo em si mesmo do que nos outros. Como a família possui melhores condições materiais de vida, os jovens e as jovens podem gozar das experiências, do desenvolvimento pessoal e de exploração de sua autonomia e dos papéis da idade adulta, sem de fato, ter a obrigação de compromissos fixos (desde que por escolha). Quando experienciam o trabalho, muitas vezes é para buscar alguma independência financeira, desenvolvimento profissional e realização nessa área.

Por fim, mais do que uma atitude egoísta, como considerado por muitos estudiosos desse período da vida, o auto foco também pode ser apontado como uma estratégia para lidar com o

cenário de incertezas, projetos de vida frágeis, trabalhos precários e as consequências que o contexto tem gerado para as existências coletivas e individuais de tal público. Como citado anteriormente, tem sido comum os adultos emergentes relatarem de forma mais recorrente ansiedade, depressão, percepção mais negativa sobre auto eficácia e suas competências profissionais (Andrade, 2016; Mortimer et al., 2016; Pereira, 2019).

Diante desse contexto, os jovens estão buscando formas individuais de lidar com as consequências estruturais do sistema produtivo que vivemos, seja buscando prolongar seus processos formativos, viver experiências profissionais mesmo que precárias para desenvolver-se profissionalmente, fazendo cursos *on-line*, presenciais, consumindo mais conteúdos informativos que o normal, buscando terapia, replanejando os planos de vida. Em maior ou menor grau, os jovens em transição para a idade adulta estão enfrentando a instabilidade, e cada um, com suas condições materiais de vida, procura desenvolver recursos para lidar com esse período, no entanto, como não há políticas públicas que favoreçam assistência, segurança e recursos para os diferentes grupos juvenis durante a passagem para a vida adulta

#### **5.3.4 Renda individual**

No que concerne à comparação entre as dimensões do IDEA e a renda individual, após ser realizado o teste ANOVA, testou-se para um nível de significância de 5%, evidências de diferença estatística entre a dimensão negativa/instabilidade e a renda individual. A partir dessa estratégia estatística, resultou-se que os indivíduos com renda individual inferior a 1 salário-mínimo apresentaram menor pontuação ( $M=1,72$   $DP= 0,63$ ) na dimensão referida, como apresentada na Tabela 15.



Tabela 16

**Comparação das dimensões do IDEA com a renda individual**

	Dimensão	Mínimo	Máximo	Mediana	Média	DP	Valor-p
<b>Exploração de identidade</b>	Até 1 SM	1,00	3,80	1,60	1,64	0,59	<b>0,854</b>
	1 a 2 SM	1,00	3,40	1,60	1,65	0,56	
	3 a 5 SM	1,00	4,00	1,60	1,70	0,60	
	> 5 SM	1,00	2,00	1,50	1,50	0,32	
<b>Experimentação/ Possibilidades</b>	Até 1 SM	1,00	4,00	1,67	1,68	0,58	<b>0,666</b>
	1 a 2 SM	1,00	3,33	1,33	1,59	0,57	
	3 a 5 SM	1,00	3,67	1,67	1,70	0,58	
	> 5 SM	1,00	2,33	1,50	1,58	0,50	
<b>Negatividade/ Instabilidade</b>	Até 1 SM	1,00	3,86	1,57	1,72 <sup>B</sup>	0,63	<b>&lt;0,001</b>
	1 a 2 SM	1,00	4,00	1,71	1,90 <sup>AB</sup>	0,57	
	3 a 5 SM	1,00	3,71	2,14	2,13 <sup>A</sup>	0,68	
	> 5 SM	1,57	3,14	2,22	2,34 <sup>A</sup>	0,56	
<b>Auto-Focado</b>	Até 1 SM	1,00	3,50	1,75	1,78	0,47	<b>0,195</b>
	1 a 2 SM	1,00	2,63	1,63	1,67	0,38	
	3 a 5 SM	1,00	3,63	1,63	1,73	0,49	
	> 5 SM	1,00	2,63	1,44	1,55	0,53	
<b>Sentimento intermediário</b>	Até 1 SM	1,00	4,00	1,75	1,86	0,72	<b>0,187</b>
	1 a 2 SM	1,00	4,00	1,75	1,85	0,72	
	3 a 5 SM	1,00	4,00	1,75	2,08	0,88	
	> 5 SM	1,00	3,75	2,38	2,28	0,86	
<b>Outro foco</b>	Até 1 SM	1,00	4,00	2,00	2,23	0,86	<b>0,086</b>
	1 a 2 SM	1,00	4,00	2,00	2,14	0,75	
	3 a 5 SM	1,00	4,00	2,00	2,23	0,77	
	> 5 SM	1,00	2,00	1,50	1,50	0,38	

Nota: IQ: Intervalo Interquartil, DP: Desvio Padrão; CV: Coeficiente de Variação (1) As médias seguidas pela mesma letra não diferem estatisticamente entre si. Foi aplicado o Teste de Bonferroni ao nível significância de 5%

A análise desse resultado, em específico, demanda algumas suposições quanto ao grupo do qual estamos falando. Para reflexões posteriores e suposições sobre esse resultado, precisamos compará-lo com os resultados anteriores. Por meio de testes estatísticos anteriormente citados, obtemos que os participantes com idade superior a 24 anos, formados e considerados adultos obtiveram os maiores escores quanto a dimensão de negatividade/instabilidade. A partir desses achados, podemos supor que o grupo de menor pontuação na dimensão citada é mais nova, no último ano de curso, o que pode explicar os salários serem inferiores a 1 salário-mínimo, pois possivelmente, os jovens ainda estão em suas primeiras experiências profissionais e não possuem formação superior. Conforme indica os dados de nosso questionário sociodemográfico, as experiências de estágio e bolsistas da

instituição (UFRN) foram declaradas como as principais experiências profissionais para nossos participantes.

A partir dessas suposições, é possível considerar que o processo da adultez emergente teve uma menor pontuação para a dimensão negativa/instabilidade, pois esse grupo percebe esse momento com significações mais positivas. Como elucida Dutra-Thomé e Koller (2019), para grupos juvenis de condição sociais e econômicas das classes médias e altas brasileiras, as primeiras vivências profissionais desse grupo representa a oportunidade de explorar experiências laborais, começar a ensaiar certa independência financeira, passando a utilizar o salário para consumir, além de ser uma oportunidade para conhecer pessoas diferentes, aprender coisas novas e desenvolver suas competências, como complementa Andrade (2016). Ademais, as primeiras experiências profissionais representam a possibilidade de afirmar-se independentes do seio familiar e, portanto, mais relevante para o grupo de respondentes de nossa pesquisa, pois, conforme sugere Andrade (2016), esse é um dos principais anseios dos adultos emergentes universitários. É fundamental, salientar que os jovens e as jovens participantes de nossa investigação possuem condições sociais e econômicas que favorecem o fenômeno descrito em nossa análise. Ademais, como citado, essas reflexões são possibilidades de análise, a partir de outros achados anteriormente citados.

### ***5.3.5 Renda familiar***

Ao comparar a renda familiar com as dimensões do IDEA, utilizando o teste ANOVA, obteve-se evidência de diferença estatística, para nível de significância de 5%. A partir dessa análise, constatou-se que para jovens com renda familiar mensal de 1 a 2 salários-mínimos, houve um maior escore para a dimensão “auto foco” (M=1,90 DP= 0,48), mediante representado na Tabela 16:

Tabela 17

**Comparação das dimensões do IDEA com a renda familiar**

Dimensão		Mínimo	Máximo	Mediana	Média	DP	Valor-p
<b>Exploração de identidade</b>	Até 1 SM	1,00	2,80	1,30	1,50	0,51	<b>0,050</b>
	1 a 2 SM	1,00	3,40	1,80	1,85	0,67	
	3 a 5 SM	1,00	3,80	1,60	1,58	0,53	
	> 5 SM	1,00	4,00	1,60	1,63	0,55	
<b>Experimentação/ Possibilidades</b>	Até 1 SM	1,00	3,33	1,33	1,59	0,68	<b>0,106</b>
	1 a 2 SM	1,00	3,67	1,67	1,79	0,59	
	3 a 5 SM	1,00	4,00	1,67	1,67	0,56	
	> 5 SM	1,00	3,67	1,33	1,56	0,55	
<b>Negatividade/ Instabilidade</b>	Até 1 SM	1,00	3,00	1,71	1,82	0,64	<b>0,536</b>
	1 a 2 SM	1,00	3,43	1,71	1,82	0,65	
	3 a 5 SM	1,00	4,00	1,71	1,80	0,64	
	> 5 SM	1,00	3,71	1,86	1,93	0,63	
<b>Auto Foco</b>	Até 1 SM	1,00	3,00	1,38	1,54 <sup>B</sup>	0,53	<b>0,005</b>
	1 a 2 SM	1,13	3,25	1,88	1,90 <sup>A</sup>	0,48	
	3 a 5 SM	1,00	3,50	1,63	1,67 <sup>B</sup>	0,44	
	> 5 SM	1,00	3,63	1,75	1,72 <sup>AB</sup>	0,40	
<b>Sentimento intermediário</b>	Até 1 SM	1,00	3,75	2,00	2,07	0,72	<b>0,322</b>
	1 a 2 SM	1,00	3,75	1,88	1,98	0,79	
	3 a 5 SM	1,00	4,00	1,75	1,92	0,72	
	> 5 SM	1,00	4,00	1,50	1,79	0,76	
<b>Outro foco</b>	Até 1 SM	1,00	3,00	2,00	1,86	0,66	<b>0,332</b>
	1 a 2 SM	1,00	4,00	2,00	2,21	0,89	
	3 a 5 SM	1,00	4,00	2,00	2,17	0,81	
	> 5 SM	1,00	4,00	2,00	2,24	0,79	

Nota: IQ: Intervalo Interquartilico DP: Desvio Padrão CV: Coeficiente de Variação (1) As médias seguidas pela mesma letra não diferem estatisticamente entre si. Foi aplicado o Teste de Bonferroni ao nível significância de 5%

Os dados coletados pelo IBGE, a partir do censo populacional, feito a cada dez anos, utiliza o número de salários-mínimos para segmentar a população em classes sociais. De acordo com a classificação feita por esse órgão, identifica-se que famílias com renda familiar de até 2 salários-mínimos são compreendidos como sendo da classe E, com isso podemos concluir que estamos falando de um grupo em condição de grande pauperização. Essa contextualização é importante para seguirmos com nossas análises.

O resultado encontrado em nossa pesquisa aponta expectativa contrária aos achados de Dutra-Thomé e Koller (2019), obtidos em investigação com adultos emergentes de diferentes condições sociais econômicas. Conforme citam as autoras, o esperado é que grupos juvenis de

em condição de pobreza possuam a tendência de maior pontuação quanto a dimensão “outro foco”, pois desde cedo possuem a responsabilidade de complementar a renda familiar, portanto, estabelecem compromisso com os vínculos de trabalho ainda no processo de torna-se adulto. Essas responsabilidades estão direcionadas aos outros e não com foco sobre o auto desenvolvimento desse grupo.

Embora nossos resultados contrariem o estudo citado, observamos que esse fenômeno tem se repetido para jovens da classe social média e baixa. Outras investigações sobre a inserção profissional desse público indica uma tendência a busca por realização pessoal e uma atividade profissional de potencial positivo (Oliveira et al., 2010). De acordo com Rizzo e Chamon (2010), essas experiências geram auto estima e sentimento de responsabilidade, ademais, o auto foco dos jovens quanto às oportunidades formativas e de inserção profissional significa para eles e elas ter uma vida diferente dos pais, estilos e projetos de vida melhores que as gerações anteriores (Oliveira et al., 2010). O próprio investimento pessoal dos jovens quanto à formação universitária é um indício dessa busca por uma vida melhor, com oportunidades melhores, e por isso, muitos deles tem mantido os vínculos tanto com as instituições de ensino superior, como também estão trabalhando (Rizzo & Chamon, 2010). Talvez isso contrarie as concepções de Dutra-Thomé e Koller (2019), pois para elas, esse grupo juvenil precisaria escolher entre uma trajetória e outra. Tal fenômeno pode indicar um comportamento diferente dos jovens natalenses, em comparação com os sulistas.

Outro ponto importante quanto aos nossos participantes é o fato de 30,51% dos jovens indicaram fazer graduação e trabalhar, o que indica a necessidade deles de manterem-se nas duas atividades, muitas vezes dedicando-se à graduação no período noturno, como informa D’Avila e Coutinho (2019). É fundamental não romantizar o percurso desses jovens por meio do discurso meritocrático tão comum de que “quem quer dar um jeito”, ao mesmo tempo que precisamos refletir sobre o mundo laboral e do ensino superior como espaços das trajetórias e

escolhas desses grupos, compreendendo haver uma tendência maior da possibilidade de “fuga aos destinos prováveis”. No entanto, a escolha por essa fuga ainda sofre com a limitação e o peso das condições materiais vividas por algumas juventudes, não permitindo que muitos tenham acesso a essas trajetórias, (Pais et al., 2017). Portanto, quando se tem a condição de escolher pela trajetória de mobilidade social, esse processo indica predomínio do auto foco por estarem fazendo escolhas independentes, construindo experiências de desenvolvimento pessoal e da própria autonomia, formação da identidade, auto imagem, seja nos ambientes do ensino superior, seja em suas atividades laborais.

### ***5.3.6 Classificação dos perfis para o IDEA***

Com o objetivo de caracterizar a adultez emergente para a amostra dos jovens universitários e egressos da UFRN participantes de nossa pesquisa optou-se pela realização da análise de agrupamento para as dimensões do IDEA. Para isso, utilizou-se o método de ligação Ward, o qual por meio da distância euclidiana resultou na ocorrência de quatro perfis de percepção para o período de transição para a idade adulta. A partir dessa estratégia estatística, observou-se a formação do grupo de maior pontuação, constituído por 33 pessoas (12,13%) e escore médio de 2,40. O cluster de pontuação alta foi composto por 77 pessoas (28,31%) e pontuou a média geral de 1,76. Enquanto isso, o grupo de pontuação média representou 40,81% de nossa amostra (111 participantes) e escore médio de 1,76. Por fim, temos o cluster com menor pontuação, com média de 1,45 e formado por 51 participantes (18,75%). A Tabela 17 abaixo indica a pontuação de cada cluster para as seis dimensões do IDEA.

Tabela 18  
**Clusterização das respostas do IDEA**

<b>Grupo</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>Distribuição</b>	<b>40,81% (n=111)</b>	<b>12,13% (n=33)</b>	<b>18,75% (n=51)</b>	<b>28,31% (n=77)</b>
<b>Exploração de identidade</b>	1,47	2,11	1,47	1,82
<b>Experimentação/Possibilidades</b>	1,59	2,13	1,5	1,64
<b>Negatividade/Instabilidade</b>	1,82	2,18	1,39	2,06
<b>Auto-Focado</b>	1,69	2,1	1,65	1,67
<b>Sentimento intermediário</b>	1,53	2,33	1,35	2,61
<b>Outro foco</b>	2,46	3,56	1,31	1,76
<b>Média geral</b>	<b>1,76</b>	<b>2,40</b>	<b>1,45</b>	<b>1,93</b>
<b>Classificação</b>	<b>Média</b>	<b>Muito alta</b>	<b>Baixa</b>	<b>Alta</b>

De acordo com escore médio das dimensões do IDEA, houve uma prevalência da dimensão “outro foco” para nossa amostra. Essa mesma dimensão e o fator “sentimento intermediário” foram as que apresentaram maior diferenciação entre os perfis encontrados. O total de clusters encontrados em nossa pesquisa foi semelhante aos resultados do contexto canadense, investigados por Lanctot e Poulin (2017) e caracterizados como: transição bloqueada, transição moderada, transição positiva e período de transição. Enquanto no contexto italiano, Tagliabue, Crocetti e Lanz (2016) acharam seis diferentes percepções da adultez emergente, caracterizados como transição negativa, transição positiva, transição focada em si, transição bloqueada, transição com escassas possibilidades e período de transição. No entanto, a pesquisa realizada em contexto universitário baiano por Froeseler (2019) observou perfis como o de transição bloqueada, transição moderada e período de transição. Cada cluster encontrando por essas pesquisas reflete as condições sociais e econômicas dos locais da investigação.

Em nossa investigação, por meio da análise de clusters, um dos perfis observados indicou pontuação muito alta na escala do IDEA, ou seja, os 33 participantes de nossa amostra reconhecem, de maneira significativa, as características da adultez emergente como presentes em seus processos de transição para a vida adulta. Para esse perfil, as dimensões do IDEA foram bem endossadas, havendo pontuações maiores nas subescalas “outro foco” (M= 3,56) e

“sentimento intermediário” (M= 2,33). Houve uma pontuação menor para a dimensão “auto foco” (M=2,10) e “exploração de identidade” (M=2,11) e escore moderado para “negatividade/instabilidade”. Ao comparar nossos resultados com os estudos canadenses, italianos e brasileiros, o fato dos nossos participantes terem pontuações altas em todas as dimensões do IDEA os aproxima do perfil citados no estudo como “Período de Transição”. Esse perfil é referente ao grupo que identifica as características da adultez emergente como significativas no período de transição experienciados por eles.

Embora presente em todas as investigações citadas, o perfil “Período de Transições” possui nuances diferentes para cada realidade. Os autores Lactot e Poulin (2017) encontraram que os respondentes desse grupo percebiam muito mais o processo de transição como marcado pelas dimensões “experimentação/possibilidades” e “auto foco” e menos caracterizado pela “negatividade/instabilidade”, enquanto para os jovens italianos, o período de transição foi mais percebido pelas dimensões “experimentações/possibilidades” e “instabilidade” e menos por “foco em si” (Tagliabue et al., 2016). No contexto brasileiro, mais especificamente entre os jovens da UFBA, conforme aponta Froeseler (2019), esse mesmo perfil apresenta maiores médias para as subescalas “foco em si” e “negatividade/instabilidade”. É importante ressaltar que as diferenças entre pontuações são influenciadas pelos contextos sociais e econômicos vivenciados pelos jovens, como alertam Lactot e Poulin (2017).

Ademais, embora a investigação de nossa pesquisa tenha sido realizada em contexto brasileiro, tal qual a de Froeseler (2019), algumas diferenças podem ser influenciadas pelo comportamento de nossa amostra quanto ao perfil de “Período de Transição”. Ambos investigaram a percepção de jovens universitários e egressos de universidades federais (Bahia e Rio Grande do Norte), no entanto, o estudo realizado por Froeseler (2019) admite em sua estratégia metodológica, a sua escolha por agrupar seus clusters em três perfis, ao invés de

quatro e isso pode ter provocado uma alteração e aumento quanto as médias para cada dimensão.

Portanto, podemos concluir em nossa pesquisa, para o grupo “Período de Transição”, houve identificação significativa das características da adultez emergente no período vivenciado por eles. A prevalência das dimensões “outro foco” e “ambivalência” indica que a adultez emergente é representada pelo público potiguar investigado, a partir do estabelecimento de compromisso e a responsabilidade com outros. A pesquisa de Dutra-Thomé e Koller (2019) e Andrade (2016) previam esse comportamento, uma vez que os jovens brasileiros possuem uma orientação muito forte familiar, sendo uma preocupação deles, a necessidade de contribuir com a renda da família. Ademais, D’Avila e Coutinho (2019) demonstram a relação entre ensino superior e inserção profissional como uma possibilidade de promover uma mobilidade social para a família, com isso, no consenso popular e no imaginário juvenil, jovens cursando ensino superior são os responsáveis por melhorar a vida econômica familiar, proporcionando uma perspectiva de futuro melhor. No entanto, Andrade (2016) elucida que o mesmo compromisso dos grupos juvenis com a família, também geram sensação de dependência e autonomia restritas, pois suas possibilidades diminuem, à medida que os rumos de suas trajetórias estão conectados ao berço familiar. Esse fenômeno gera a sensação de ambivalência, pois os adultos emergentes não se sentem de todo livres para fazer suas escolhas, viver suas vidas.

O outro grupo encontrado apresentado, composto por 77 pessoas (28,31%) apresentou pontuação alta para as dimensões do IDEA (M= 1,93). Os maiores escores desse grupo concentraram-se nas subescalas “sentimento intermediário” (M=2,61) e “negatividade/instabilidade” (M=2,06), enquanto as menores pontuações foram para as dimensões “experimentação/possibilidades” (M= 1,64) e “auto foco” (M= 1,67). Ao comparamos esses resultados e os estudos anteriormente citados, apenas conseguimos encontrar



alguma proximidade desse grupo com o perfil “Transição com escassas possibilidades” achado por Tagliabue et al. (2016). A percepção desse grupo, assim como do perfil anteriormente citado compreende o processo de transição para a idade adulta como sendo marcado por escassez de recursos e possibilidades, entretanto diferentes entre si quanto às dimensões “auto foco” e “outro foco”, isso pois o estudo de Tagliabue et al. (2016) não considera essa última subescala. Ainda assim, a distribuições quanto as demais dimensões revelam semelhança quanto a percepção de jovens italianos e potiguares, ainda que prezando pelas diferenças contextuais.

Esse resultado representa mais uma possível forma dos adultos emergentes investigados vivenciarem a transição para a idade adulta. A concepção mais negativa de falta de recursos pode estar relacionada ao fato dos jovens brasileiros não serem assistidos quanto a uma agenda política que os assegure, os proteja minimante, perante esse contexto precário, instável e frágil de realização de projetos de vida e de inserção profissional no mundo laboral (Silva, 2018). O cenário de desemprego, de não realização de aspirações e projetos de vida para a idade adulta geram percepção negativa sobre si, sobre o auto conceito e passam então duvidar de suas capacidades profissionais, das suas escolhas e isso implica, numa visão também negativa sobre o contexto conforme cita Andrade (2016). As estratégias de enfrentamento desse cenário caótico tornam-se de responsabilidade do próprio jovem, o qual muitas vezes é culpabilizado, auto culpabilizado e cobrado socialmente por não conseguir realizar esse ritual de passagem, bloqueado por questões estruturais do próprio sistema produtivo. Ademais, cabe à família o papel de dar apoio social e financeiro (Andrade, 2016; Ponciano & Seidl-de-Moura, 2017), isso gera dependência familiar e com isso, a sensação de ambivalência representada pela pontuação do grupo com alta média nas escolas do IDEA.

O terceiro perfil obteve uma pontuação média quanto os fatores do IDEA ( $M=1,76$ ) comportamento desse cluster representou a maior parte de nossa amostra (40,81%), havendo maior média para as dimensões “outro foco ( $M=2,46$ ) e “negatividade/instabilidade” ( $M= 1,82$ ),

enquanto a menor pontuação ocorreu para as subescalas “exploração de identidade” (M= 1,47) e “sentimento intermediário” (M= 1,53). Ao analisar os escores de cada dimensão do cluster de pontuação média, é possível identificar que os participantes percebem suas experiências de transição para a idade adulta a partir de características de grau moderado para a adulez emergente. Ao estabelecer comparação com os grupos encontrados nos estudos citados, percebemos haver a junção entre o perfil “transição moderada” e “transição negativa”, de modo que a aproximação com a transição moderada ocorreu por meio das interpretações quanto aos escores de cada subescala do IDEA, enquanto o perfil de percepção negativa destacou-se pela relevância do aspecto negativo/instável do processo de “tornar-se adulto”.

O resultado de maior pontuação dos participantes na dimensão “outro foco” pode indicar que eles estão gradualmente assumindo papéis adultos durante o período de transição para a idade adulta e por isso, identificando-se, apenas, moderadamente, com a adulez emergente (Ponciano & Seidl-de-Moura, 2017; Dutra-Thomé e Koller, 2019). Ao estabelecer compromisso com “outros” como trabalho, família, relacionamentos, inicia-se um período de amadurecimento diferente do esperado em alguns países para essa fase, quando os jovens costumam perceber esse processo como o momento de focar em si. Embora esse seja o esperado para os jovens norte-americanos, em países da América Latina marcado por valores coletivos, é possível ver uma nova configuração de adulez emergente (Galambos & Martínez, 2007). Ademais, à medida que vão assumindo mais responsabilidades, compromissos com outros, os jovens acabam precisando lidar com a realidade de forma menos romantizada, enxergando de fato, as dificuldades características do mundo adulto, agora não mais tão distante. O acúmulo dessas demandas de compromisso e responsabilidade perante um contexto de recursos precários, apoio limitado faz gerar uma visão mais negativa do cenário que os cerca, sendo comum o surgimento de sintomas depressivos, ansiolíticos, além de possíveis comportamentos

de abuso de substâncias, quando não percebida uma rede de apoio firme capaz de sustentar esse grupo (Pereira, 2019).

Por fim, o quarto perfil encontrado obteve a menor pontuação dentre os clusters ( $M=1,45$ ), além de apresentar escores baixos para todos os fatores constituintes do IDEA. O grupo de baixa pontuação representou 18,75% de nossa amostra, parcela essa que não reconhece no processo de transição para a idade adulta as características da adultez emergente. Dentre os escores mais elevados, as dimensões “auto foco” ( $M=1,65$ ) e “experimentação/possibilidades” ( $M=1,50$ ) foram de maior prevalência, enquanto as subescalas “outro foco” ( $M=1,31$ ) e “sentimento intermediário” ( $M=1,35$ ) tiveram ocorrência de menores escores. Essa distribuição de pontuações teve alguns aspectos semelhantes com o comportamento do perfil “transição bloqueada”, relatados nos estudos de Lactor e Poulin (2017) e Froeseler (2019). De acordo com esses autores, a percepção de transição bloqueada pode representar que a identificação com a adultez emergente é baixa para esses jovens. Conforme analisa Froeseler (2019), esse resultado não nos permite concluir se a baixa pontuação do grupo para as dimensões do IDEA se deve ao fato deles já terem passado pela adultez emergente ou não. Diante dessa limitação estatística, entende-se ser necessário o emprego de outras estratégias para estudos futuros a fim de conseguir responder essas questões.

Dessa forma, a partir das estratégias de caracterização das dimensões da adultez emergente, por meio dos aspectos sociodemográficos e do agrupamento dos perfis de comportamento sobre a transição para idade adulta, foi possível identificar como os jovens universitários e recém egressos da UFRN têm experienciado e significado esse período do desenvolvimento. Outrossim, essas estratégias permitiram compreender as peculiaridades vividas por esse grupo, contribuindo também para a investigação sobre o fenômeno da adultez emergente em contextos diferentes dos pesquisados. Para isso, foram estabelecidas análises e

comparações com os resultados e características desse período discutidos pela literatura científica brasileira e internacional.

#### **5.4 Objetivo 3: Investigar o relacionamento entre os significados do trabalho e as dimensões que caracterizam a adulez emergente**

Ao considerar as novas morfologias do trabalho marcadas por um cenário precário, instável, inseguro e as possíveis influências desse contexto para os jovens em busca de inserção profissional, bem como para o desenvolvimento humano, o terceiro objetivo específico de nosso estudo buscou identificar se há a ocorrência de correlação entre as novas produções de significados sobre trabalho e as novas trajetórias de transição para a idade adulta. Dentre as possibilidades e os novos caminhos para tornar-se adulto na sociedade atual, assumimos a adulez emergente como possível trajetória dos jovens no ritual de passagem para a idade adulta e configurada, a partir das mudanças subjetivas e objetivas da organização e das estruturas do sistema que vivemos. Com essa finalidade, utilizamos a análise estatística como meio de identificar a possibilidade de correlação entre as dimensões do instrumento dos significados atribuídos ao trabalho e as dimensões que caracterizam o fenômeno da adulez emergente.

Como citado nas outras seções sobre os objetivos 1 e 2, ao fazer o teste de *Kolmogorov-Smirnov* e verificar a suposição de normalidade dos dados, para um nível de significância de 5%, tem-se evidências que as dimensões do IDEA e ESAT não possuem distribuição normal. No entanto, baseando-se da teoria central do limite que descreve a distribuição da média de uma amostra aleatória de uma população com variância infinita, compreende-se que quando temos um tamanho amostral suficientemente grande, a distribuição da média é aproximadamente normal. Sendo nossa amostra (272 participantes) considerada

suficientemente grande, assumir que os pressupostos de normalidade não interferem. Portanto, sendo aplicáveis os testes estatísticos paramétricos.

Dessa forma, considerando que o nosso objetivo dizia respeito a identificar as associações entre o modo como o trabalho vem sendo percebido pelos jovens participantes e o modo como esse mesmo grupo percebe o processo da transição para a idade adulta, por meio das características da adultez emergente, optou-se por buscar a correlação entre esses fenômenos. Quanto ao procedimento estatístico utilizado, houve a realização do teste de correlação bivariada de *Pearson*, de modo que todas as dimensões do ESAT e todas do IDEA foram correlacionadas entre si, resultado em coeficientes de correlação para todas as combinações possíveis. A partir da análise de correlação, para um nível de significância de 5%, encontrou-se índices de correlação de efeitos pequenos e médios entre as dimensões do IDEA e ESAT, conforme representado na Tabela 18. As correlações de efeitos maiores foram encontradas quando na correlação dentre os fatores de um mesmo instrumento. Considerando nosso objetivo terceiro, iremos focar nossa análise nas relações entre variáveis dos dois fenômenos estudados e nossos resultados serão analisados em seções, conforme a correlação estabelecida.

Tabela 19  
**Análise de correlação das dimensões do IDEA e ESAT**

Dimensões	ESAT1 Realização Pessoal	ESAT2 D. Positiva do Trabalho	ESAT3 D. Negativo do Trabalho	ESAT4 D.Econômica do trabalho
<b>Exploração de identidade (IDEA1)</b>	0,07	-0,03	-0,04	-0,01
<b>Experimentação/ Possibilidades (IDEA2)</b>	0,06	-0,03	0,16*	-0,02
<b>Negatividade/ Instabilidade (IDEA3)</b>	0,18*	0,24*	-0,36*	0,20*
<b>Auto-Focado (IDEA4)</b>	0,04	-0,03	0,11	-0,04
<b>Sentimento intermediário (IDEA5)</b>	0,05	0,10	-0,19*	0,09
<b>Outro foco (IDEA6)</b>	0,19*	0,09	0,06	0,04

Nota: \*Valor-p<0,05

A partir da Tabela 18 é possível identificar que os coeficientes de correlação foram baixos e moderados entre as dimensões do IDEA e ESAT. De acordo com a teoria estatística, uma possível explicação para essa situação está associada a menor variabilidade das observações da amostra, como exemplifica Goodwin e Leech (2006). Conforme tais autores, uma variabilidade restrita quanto à amostra pode resultar em coeficientes de correlação mais baixos. Como nossa pesquisa foi realizada apenas com concluintes e egressos da mesma instituição, além de ter sido uma amostra por conveniência, é possível que o fator da variabilidade tenha sido afetado.

Embora com coeficientes de correlação de efeito baixo e médio, isso não significa que as correlações não foram significantes. Como elucida Espírito-Santo e Daniel (2017), o coeficiente correlacional pode ser afetado pelo tamanho da amostra, e esse fator pode indicar se a relação ocorre ao acaso ou não. Os autores acrescentam ainda que é possível ocorrer uma correlação baixa e mesmo assim, o coeficiente de Pearson ser estatisticamente significativo, especialmente, em amostras grandes ( $n > 100$ ). Considerando que nossa amostra é composta

por 272 participantes e considerando a teoria estatística citada anteriormente, assumimos que as correlações podem representar índices significantes de associação entre as variáveis, além de sugerir uma menor probabilidade de elas ocorrerem ao acaso, por tratarmos de uma amostra grande (Pallant, 2011). A seguir, as correlações significantes serão analisadas.

#### ***5.4.1 Experimentação/possibilidades (IDEA) e dimensão negativa do trabalho (ESAT)***

Como é possível observar, a primeira correlação estabelecida foi entre as dimensões “experimentação/ possibilidades” do IDEA e “negatividade do trabalho”, sendo obtido um coeficiente de associação positivo entre esses fatores ( $\rho = 0,19$ ) e, portanto, como analisa Cohen (1988) a classificação dessa correlação dar-se como pequena. A partir desse resultado, podemos inferir que existe uma pequena, mas significativa tendência de associação entre as dimensões, conforme aponta a literatura e investigação sobre trajetórias laborais e inserção profissional de jovens em transição para a idade adulta.

Para refletir sobre uma possível direção para essa correlação, é fundamental relembrar a caracterização do contexto laboral vivenciado pela maior parte dos jovens em etapa de inserção profissional. Conforme pontua Silva (2013), o mundo do trabalho para os jovens apresenta-se em sua precariedade de salários, condições laborais e existenciais, sendo marcado por projetos de vida e de carreira mais frágeis, dada a instabilidade dos vínculos de trabalho, como reflete Antunes (2018). Essas condições vivenciadas durante a inserção profissional de jovens universitários e recém-egressos os fazem conceber o trabalho em sua dimensão negativa, quanto a condição salarial, as oportunidades de realização e crescimento, conforme citam Paulino et al. (2010). O encontro com essa realidade de trabalho tão restritiva é um choque para muitos adultos emergentes que buscam o trabalho visando a viabilização de seus projetos de vida, de crescimento profissional, reconhecimento no trabalho e mobilidade social como

observado nos dados de nossa pesquisa e de outras investigações como Rizzo e Chamon (2010) e D'Ávila e Coutinho (2019). Esse comportamento favorece a atitude e postura dos jovens quanto a buscar explorar possibilidades profissionais, mudanças de áreas profissionais e de carreiras distantes de seus cursos de graduação, sair de uma empresa e ir trabalhar em outra, como citado por jovem entrevistado na pesquisa de D'Ávila e Coutinho (2019).

Ademais, como informa Andrade (2016), esse contexto do mundo do trabalho marcado pela precariedade é percebido de forma negativa por muitos jovens, afinal, mesmo com uma graduação, eles são direcionados para trabalhos repetitivos, desestimulantes e que não aproveitam suas competências profissionais e seus conhecimentos adquiridos durante o processo formativo nas instituições de Ensino Superior. O discurso do mercado de trabalho de base meritocrática, afirma e reafirma a responsabilidade dos jovens pelos seus sucessos e fracassos, segundo analisam Maia e Mancebo (2010). Com isso, os jovens tomam a responsabilidade para si quanto aos aspectos negativos do trabalho e as consequências geradas por ele, e passam a assumir comportamentos de experimentação e possibilidades quanto a sua vida profissional, com o objetivo de vivenciar experiências capazes de atenuar a auto estima profissional baixa, vivendo e desenvolvendo qualificações, competências profissionais que aumentem as chances deles e delas serem absorvidos e inseridos no mercado de trabalho, muito embora, a tendência do mercado seja outra, a de criar exército de reserva e maior precarização da atividade laboral.

#### ***5.4.2 Negatividade/instabilidade (IDEA) e dimensões do ESAT***

A dimensão “negatividade/instabilidade” do IDEA estabeleceu correlações significativas com todas as dimensões do ESAT, apresentando coeficientes correlacionais maiores para as dimensões positiva e negativa do trabalho. A associação da



“negatividade/instabilidade” com a dimensão “realização pessoal” do trabalho obteve um coeficiente correlacional positivo pequeno de  $\rho = 0,18$ . A partir desse resultado, é possível inferir que existe uma pequena, mas significativa tendência de relação entre as dimensões.

Para dialogarmos sobre esse resultado, é fundamental considerar os possíveis influenciadores dessa sensação de negatividade e instabilidade, especificamente nesse período da vida. Como suscitam Maia e Mancebo (2010), os jovens em processo de transição para a idade adulta deparam-se com o distanciamento cada vez maior sobre aquilo que gostariam de ser, suas expectativas para o futuro e o que realmente conseguem ser. Essa instabilidade dar-se devido a dualidade entre um possível leque de possibilidades apresentados, mas as poucas condições materiais de concretizar os projetos pessoais e profissionais desses jovens e então, tem-se que as muitas possibilidades acabam sendo restritas, não havendo muito opção de escolha.

Esse contexto de instabilidade e muitas possibilidades acaba afetando a concepção que o jovem tem de si, implicando numa percepção negativa sobre si e sobre sua realidade. Conforme Pereira (2019) cita, a sensação de negatividade sobre o período no qual vivem pode ser potencializado pela também sensação de ambivalência, de indefinição quanto ao estatuto adulto. Diante de todas essas percepções, o trabalho surge como viabilizador de auto afirmação dos jovens perante o contexto familiar, proporcionando um auto conceito mais positivo sobre si, além de ser uma atividade a qual gera o desenvolvimento das competências profissionais e permite a realização dos projetos de vida (Borges & Coutinho, 2010; Paulino et al., 2010; Andrade, 2016). Nesse sentido, muitos jovens recorrem ao trabalho como meio de conseguir recursos pessoais e materiais de realização pessoal para lidar com a instabilidade presente nesse período da vida.

Dando prosseguimento, a análise de correlação também se demonstrou que a dimensão “negatividade/instabilidade” apresentou associação positiva com a dimensão positiva do

trabalho, representado pelo coeficiente  $\rho = 0,24$ , a qual embora fraca, permite inferir a existência de significativa tendência de associação entre as dimensões. A possível explicação para tal relação apresenta semelhanças com a correlação descrita anteriormente, uma vez que a percepção negativa do processo de transição para a idade adulta é significativa entre os jovens, eles e elas almejam um trabalho realizado em condições objetivas.

De acordo com Andrade (2016), a dependência econômica com a família afeta a confiança dos jovens sobre suas competências, dessa forma, passa a ser mais significativo para esse grupo, um trabalho no qual o jovem sintasse útil, contribuindo com a sociedade. Para isso, almejam atividades laborais com condições dignas, capazes de gerar bem-estar. Esse projeto está associado ao objetivo dos jovens de buscarem trabalhos realizados em condições melhores que o dos pais, representado pela crença da busca por formação em ensino superior como meio para obter acesso a oportunidades melhores e a mobilidade social para si e para a família. (D'Ávila & Coutinho, 2019). Outrossim, Rizzo e Chamon (2010) e Oliveira et al. (2010) em pesquisas feitas com grupos juvenis, encontraram que a representação positiva do trabalho na etapa de transição para a idade adulta também está associada à oportunidade de sociabilidade desses jovens, aumentando o sentimento de responsabilidade, facilitando a construção da autoconfiança e maturidade, como recursos importantes para lidar com a sensação de instabilidade a qual caracterizam suas experiências e trajetórias de transição para a idade adulta.

Outra correlação positiva, considerada de efeito fraco deu-se entre a dimensão “negatividade/instabilidade” e a subescala “econômica do trabalho”, sendo obtido o coeficiente de correlação equivalente à  $\rho = 0,20$ . Para discorrer sobre essa tendência, é essencial considerar que parcela significativa de nossos participantes (49,63%) declararam que a independência financeira é o principal critério de atingimento da vida adulta. Tal resultado é semelhante ao discutido por Oliveira et al. (2010), Andrade (2016b) e Oliveira, Fisher e Teixeira (2010), de modo que para os jovens em transição para a idade adulta, o trabalho em seu aspecto econômico

viabiliza a contribuição com a renda familiar, gerando sentimento de independência, autovalorização e respeito, favorecendo uma autoimagem positiva dos filhos perante sua família e a sociedade, reduzindo a sensação de mal-estar gerado pela dependência econômica familiar.

Outrossim, o valor econômico do trabalho permite ao jovem encarar a instabilidade de seu período de transição para a idade adulta e a frustração de não conseguir realizar seus projetos de vida, pois a remuneração salarial viabiliza essas conquistas. O estudo proposto por Andrade (2016b) encontra evidências de que para os jovens, a construção da independência possui um viés psicológico e instrumental, ou seja, é importante ter autonomia sobre suas escolhas, mas também autonomia para gerir a própria vida. Com isso, a conquista da independência financeira, a realização gradual dos projetos de vida por meio da dimensão econômica do trabalho, favorece ao jovem assumir papéis de adulto, reduzindo a sensação de instabilidade e negatividade oriunda do estatuto ambivalente de “semi adulto”.

Nesse sentido, o trabalho parece assumir importante papel enquanto ferramenta de oportunidade para os jovens desenvolverem estratégias psicológicas e instrumentais para lidarem com os aspectos negativos e instáveis marcantes na trajetória de transição de alguns grupos juvenis. No entanto, a única dimensão que apresentou comportamento diferente com a subescala de “negatividade/instabilidade” do IDEA foi a dimensão negativa do trabalho. Em nossa pesquisa, a partir da análise estatística obteve-se o coeficiente de correlação negativa entre tais dimensões, equivalente à  $\rho = -0,36$ , o que indica efeito moderado, mas significativo de associação. Esse resultado acaba contrariando as expectativas dos estudos sobre a temática, afinal, o esperado é que o contexto de precariedade do mundo do trabalho, o cenário de desemprego, inserção profissional e projetos de vida frágeis influenciem na sensação de instabilidade enfrentada no processo de “tornar-se adulto”.

Nos estudos sobre as representações do trabalho para os jovens prevalece os significados associados à realização pessoal e aos aspectos positivos e econômico. É demonstrado por Borges e Coutinho (2010) a grande importância dada ao emprego pelos jovens em transição para a idade adulta, enquanto os aspectos negativos da atividade referentes à sensação de estresse, fonte de preocupação e cansaço acabam sendo reduzidos, como o relatado na pesquisa de Rizzo e Chamon (2010). Nossos achados podem direcionar para a interpretação de que as sensações de negatividade e instabilidade vivenciadas psicologicamente pelos jovens em transição para a idade adulta são tamanhas que podem direcioná-los para uma interpretação menos crítica do trabalho, devido a sua necessidade e ânsia de conquistar um estatuto próprio, e não mais ambivalente. Os riscos dessa possível percepção direcionam os jovens para empregos mais precários, fazendo alguns assumirem a condição de precariado na atual fase do capitalismo, tornando mais fácil a manobra do exército de reserva jovem (Alves, 2013; Antunes, 2018). Nesse sentido, os jovens esquecem que a raiz, a origem do problema que os fazem experienciar suas trajetórias instáveis e fragmentadas estão dentro do próprio modo de organização do sistema produtivo, o qual tanto se esforçam para caber (D'Avila & Coutinho, 2019). Tal dinâmica e resultados são indícios de como a nova morfologia do trabalho pode influenciar as condições existências de trajetórias para a vida adulta.

#### ***5.4.3 Sentimento intermediário (IDEA) e dimensão negativa do trabalho (ESAT)***

Após análise estatística, a associação entre as dimensões de negatividade do trabalho e sentimento intermediário (IDEA) resultou no coeficiente correlacional negativo de  $\rho = -0,19$ . Embora resultando em efeito pequeno, é possível inferir a ocorrência de correlação significativa entre as dimensões citadas. A sensação de ambivalência é reduzida, à medida que o auto conceito e auto percepção dos jovens estão associados a conquista do estatuto de adulto. A

construção dessa auto percepção dar-se, partir da autonomia social e psicológica que surgem pela realização de atividades viabilizadoras do desenvolvimento de atitudes, decisões próprias e capacidade de lidar com situações sem depender do apoio emocional e financeiro dos pais (Andrade, 2016). Com esse objetivo, os jovens tendem a buscar espaços e atividades capazes de permiti-los construir essa autonomia, essa identidade menos ambivalente e que está associada a sensação jovem de instabilidade e negatividade sobre esse período da vida (Pereira, 2019).

Superar o estatuto de ambivalência para os jovens portugueses está associado a maturidade emocional (auto- suficiência e autonomia psicológica e emocional) e a independência financeiro como apresenta a pesquisa de Mendonça, Andrade e Fontaine (2009). Em nossa pesquisa, os participantes também apresentaram comportamento semelhante, ao considerarem como principais critérios para atingir a vida adulta a independência financeira (49, 63%) e a responsabilidade por si (25,74%), significando que o atingimento da vida adulta possui dimensão psicológica e instrumental. Para os grupos juvenis, o trabalho apresenta-se como atividade capaz de oferecer desenvolvimento de recursos financeiros e psicológicos necessário para a conquista de papéis adultos.

Mediante a importância dessa atividade para reduzir os aspectos negativos trazidos pela sensação de ambivalência, a percepção dos aspectos negativos do trabalho acaba sendo atenuada. As pesquisas de Rizzo e Chamon (2010) demonstram que os aspectos negativos do trabalho são valorizados no discurso de adultos e familiares e representam uma forma dos jovens lidarem com a realidade e assim, amadurecerem, desenvolvendo formas de lidar com uma realidade não tão agradável. Tal discurso parece ter sido introjetado pelo público juvenil, de modo que entre as principais crenças sobre a carreira de jovens universitário, estão fatores como “autonomia”, “esforço/realização” e “aceitação de riscos e desafios” (Barros, 2018). Conforme pontua a autora, os jovens em transição universidade- mercado acreditam que esse

conjunto de crenças são facilitadoras para adaptação ao mercado de trabalho, e mesmo não concordando com essas crenças e riscos, estão dispostos a corrê-los para alcançarem a inserção profissional tão almejada. Tal postura e crenças estão vinculadas as novas demandas do mercado de trabalho, à exemplo, a cobrança de novas competências como a resiliência, a postura ativa perante riscos e desafios indicam essa tendência, de modo que para os jovens, lidar com os aspectos negativos do trabalho representa oportunidade de amadurecimento, de reconhecimento perante o mundo adulto e profissional.

#### ***5.4.4 Outro Foco (IDEA) e Realização Pessoal (ESAT)***

Ao ser realizada a correlação de Pearson entre as dimensões “outro foco” (IDEA) e “realização pessoal” obteve-se um coeficiente de correlação positivo e de efeito pequeno ( $\rho = 0,19$ ) e a partir desse resultado, é possível inferir a existência de uma pequena, mais significativa relação entre as dimensões. De acordo com Minderico (2018), o estabelecimento de compromisso com diferentes papéis sociais, em diferentes grupos, proporciona benefícios múltiplos para os adultos emergentes, uma vez que contribui para a formação de recursos e estratégias para lidarem com os diferentes compromissos e responsabilidades, além de desenvolverem enriquecimento pessoal.

Ao serem investigados sobre o compromisso de contribuir com a renda familiar, após inserção profissional os jovens declaram em pesquisa realizada por Rizzo e Chamon (2010) não perceberem tal responsabilidade como motivo de revolta ou como aspecto negativo. Ao contrário, eles enxergam-se como mais úteis socialmente e mais valorizados dentro do seio familiar, o que acaba contribuindo para a formação de autoimagem positiva, autovalorização e respeito dos filhos perante a família (Oliveira et al., 2010). Ademais, o compromisso com o próprio trabalho proporciona o sentimento de pertença perante a sociedade, pois enxerga-se na

atividade laboral o potencial de transformar e impactar o entorno social, proporcionando o sentimento de realização pessoal no trabalho (Oliveira et al., 2010). A percepção do jovem de associar o compromisso com outro e a realização pessoal, sofre influências do mundo laboral, que demandam dos adultos emergentes, habilidades de trabalhar bem em grupo e desenvolver competências quanto ao relacionamento interpessoal com a equipe de trabalho, sendo essas demandas as “competências do futuro” e requisito para inserção profissional desses jovens (Barros, 2018).

## Considerações Finais

A presente pesquisa foi realizada com 272 jovens com idade entre 18 a 29 anos, os quais estavam finalizando o curso de graduação (último ano de curso) ou eram recém egressos (até um ano de formados), em cursos presenciais de graduação da UFRN. O objetivo principal era investigar os significados atribuídos ao trabalho durante a transição para a idade adulta, e suas relações com os processos envolvidos no fenômeno da adultez emergente. Para tanto, nossa investigação buscou descrever os significados do trabalho relacionando-os às características sociodemográficas; caracterizar a adultez emergente associando com os fatores sociodemográficos e investigar o relacionamento entre os significados do trabalho e as dimensões que caracterizam a adultez emergente.

Para responder tais objetivos, optou-se por um estudo quantitativo de cunho descritivo, visando a associação entre os fenômenos da adultez emergente e as representações do trabalho para o grupo juvenil investigado. Para analisar os significados atribuídos ao trabalho, utilizou-se a Escala dos Significados Atribuídos ao Trabalho (Fernandes et al., 2012) enquanto a adultez emergente foi investigada utilizando-se o Inventário das Dimensões da Adultez Emergente (Dutra-Thomé & Koller, 2017). Ambos já haviam sido adaptados e validados no contexto brasileiro, com público semelhante ao da nossa pesquisa. Com a finalidade de caracterizar nossa amostra, foi criado um questionário sociodemográfico com fatores pessoais e sociodemográficos indicados relevantes para a investigação das temáticas desta pesquisa, conforme aponta a literatura científica.

Os resultados sobre o modo como os jovens da pesquisa representam o trabalho apresentou predominância significativa da dimensão “realização pessoal” no imaginário juvenil. Esse achado apresenta semelhanças com literatura, de modo que o trabalho é tido como atividade viabilizadora do desenvolvimento de competências profissionais e pessoais,



consequentemente gerando progresso na carreira e estima social (Fernandes & Gonçalves, 2012). De forma oposta, o trabalho foi menos representado por sua conotação negativa, fato que surpreende considerado o contexto laboral precário dos dias atuais (Antunes, 2018). Ademais, ao compararmos os fatores sociodemográficos com as dimensões do ESAT, observou-se que fatores como gênero, etapa da vida (adulto ou adulto emergente), condição profissional (graduando ou formado), renda familiar, renda individual e a contribuição com a renda familiar influenciaram nas representações que os jovens participantes de nosso estudo possuem sobre o trabalho. As diferentes características da nossa mostra foram representadas por pontuações sobre o modo como os participantes significaram o trabalho foram agrupados, através da análise de cluster, resultando em quatro grupos que possuem comportamentos diferentes quanto à percepção do trabalho.

No que concerne à caracterização do processo de transição para a idade adulta a partir das dimensões da adulez emergente, nossos participantes indicaram valor significativo para a dimensão “outro foco” na experiência deles quanto a esse período da vida. Para esse grupo, o ritual de tornar-se adulto é seguido pela responsabilidade e compromissos dos jovens com outros, seja no ambiente de trabalho ou no familiar. Esse resultado é mais característico em países de cultura coletivista, como os da América Latina e asiáticos e contraria as expectativas da teoria de Arnett (2000) sobre adulez emergente, já que para os norte-americanos é mais comum observar prevalência do “auto foco” e as das experiências de identidade e possibilidades. Essas distinções demonstram que a adulez emergente é vivenciada de formas distintas, conforme as condições materiais de vida dos jovens.

Ao compararmos as dimensões do IDEA com os fatores sociodemográficos, foram identificados que as variáveis como idade, a condição de ser formado ou concluinte, o modo como os jovens se auto percebem (adulto emergente ou adulto), a renda individual desses jovens e de suas famílias influenciam de forma significativa, sobre o modo como os jovens

universitários percebem seus processos de transição para a idade adulta. Para compreender como nossos participantes se comportam e significam esse período da vida de “tornar-se adulto”, foi realizada a análise de clusters que nos possibilitou encontrar quatro perfis diferentes para os graduandos no último ano de seus cursos e recém- egressos quanto ao modo como se tem sido experienciada os rituais de passagem para a vida adulta. Esses perfis foram: Período de Transição; Transição com escassas possibilidades; Transição Moderada/Negativa; Transição Bloqueada (Tagliabue et al.,2016; Lactor & Poulin, 2017; Froeseler, 2019). Nossos resultados indicaram que maior parte dos jovens de nossa amostra acreditam vivenciar uma transição moderada, ao mesmo tempo que contrariam os achados de outros contextos. No entanto, nosso estudo possui limitações as quais não nos permite concluir se os jovens do perfil “Transição Bloqueada” já vivenciaram a adultez emergente ou se tiveram essa etapa da vida interrompida. Nesse sentido, faz-se necessária a realização de outros estudos os quais possibilitem investigar com mais profundidade esse fenômeno. Ademais, os achados dessa análise contribuíram para compreender como tem sido as experiências dos jovens sobre esse período da vida, bem como contribuir com as análises e caracterização do fenômeno da adultez emergente, ainda escassos em diferentes regiões brasileiras, como o Nordeste, com informam Dutra-Thomé e Koller (2017).

No que concerne a correlação entre os fenômenos da adultez emergente e os significados do trabalho para os jovens em transição universidade-mercado, foi feita uma associação estatística entre as dimensões de cada um desses constructos. Os coeficientes de correlação entre as dimensões possuíram efeitos pequenos e médios, demonstrando relações significativas entre os significados do trabalho e a adultez emergente. A partir dos resultados, é possível concluir que a atividade laboral tem sido utilizada como estratégia, como fonte de desenvolvimento de recursos pessoais e instrumentais para os jovens lidarem com suas trajetórias de transição para idade adulta. Ao considerarmos o nosso público investigado de

concluintes e formados do Ensino Superior, é possível compreender que os caminhos formativos e as trajetórias profissionais unem-se como estratégia para os jovens lidarem com a instabilidade/negatividade tão presente no ritual de passagem para tornar-se adulto. Ademais, o próprio prolongamento dos processos formativos funciona como estratégias para que os diplomados conquistem trabalhos em condições positivas de salário e realização pessoal, capazes de gerar crescimento profissional, realização de projetos de vida pessoais e profissionais além de alcançarem a mobilidade social almejada (Rizzo & Chamon, 2011; Martins & Coimbra, 2014; D'Ávila & Coutinho, 2019).

Embora muitas pesquisas e artigos se proponham a fazer o diálogo entre os fenômenos das trajetórias possíveis e o trabalho e seus significados para públicos juvenis, formados, estagiários, graduandos, a maioria se propôs a fazer essa análise por meio de discussões teóricas e menos estudos se propuseram a fazer esse debate, dialogando por meio das aproximações de estratégias quantitativas e qualitativas. Conforme sugere Pais et al. (2017), tratar sobre os processos de transição para a idade adulta, os processos formativos e profissionais experienciados por esse público, demandam compreendê-los em seu caráter dinâmico, devendo unir “os polos opostos de aparentes contradições: objetivos e os subjetivos, o micro e macro social, o acontecimento e histórico, etc.”, discutindo-a sem maior profundidade. É recomendado ainda por esses autores, a necessidade de explorar sobre os sentidos presentes no cotidiano de produção de significações dos jovens, seja em seus contextos formativos, mas também acessar essas representações e significações por meio das redes sociais e nas mobilizações sociais construídas, utilizando-se esses recursos “*online*”.

Nesse sentido, compreendemos que a análise quantitativa do fenômeno proposta por esse estudo contribuiu com as pesquisas de cunho qualitativo e vice-versa, sendo buscado a todo momento esse diálogo entre essas estratégias metodológicas e a análise crítica dos dados estatísticos. No entanto, deve-se compreender aqui algumas limitações do nosso estudo para

que em pesquisas futuras, essas limitações sejam superadas e produzam mais contribuições sobre os temas investigados. Uma de nossas limitações deu-se pela escolha do uso, apenas, de escalas e inventários e com isso, sugere-se que os próximos estudos se proponham a fazer uso de questões abertas, utilizando ferramentas de cunho biográficos e mesmo acessar outros meios utilizados pelos jovens como meio de comunicar suas representações sobre os fenômenos investigados em nossa pesquisa. Nesse sentido, as redes sociais com suas postagens, vídeos permitam um contato diferente com esses processos de significações.

Ademais, a nossa amostra foi formada, apenas por jovens concluintes e egressos dos cursos presenciais de graduação da UFRN. Dado ao caráter dinâmico e plural que constitui as possibilidades de trajetórias de transição para a idade adulta e de inserção profissional desse grupo, contribuições mais significativas seriam dadas a partir da investigação com amostras de jovens de outras universidades, particulares e estaduais, como estratégia para acessar essa pluralidade que compõe as trajetórias das juventudes, sem perder de vista o caráter estrutural, histórico que permeia e une cada uma delas. Além disto, falar da pluralidade das trajetórias juvenis, implica ainda compreender a interseccionalidade que compõe tal período do desenvolvimento e influencia o modo como os grupos juvenis vivenciam esse ritual de passagem, a partir de sua raça, classe, gênero.

Por fim, o nosso estudo se propôs a fazer o diálogo entre os campos da Psicologia do Trabalho e a Psicologia do Desenvolvimento, pois entendemos que não há como dissociar a formação humana da atividade laboral e das produções e organizações que essa atividade proporciona, à nível de realidade externa e também interna do sujeito. No mundo em que o trabalho vem tornando-se paulatinamente mais precário, em suas dimensões objetivas e subjetivas, é fundamental acompanhar os efeitos dessa precariedade, mas também se propor a analisar seu caráter emancipador e transformador para os grupos juvenis.

## Referências

- Abramo, H. W. (2005). Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In H. W. Abramo, P. P. M. Branco, *Retratos da juventude brasileira: Análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu.
- Abrantes, A. A., & Bulhões, L. (2016). Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes: Juventude e trabalho. In L. M. Martins, A. A. Abrantes, M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice* (241-265). Campinas: Autores Associados
- Almeida, C. G., & Socci, V. (2017). Inserção profissional e carreira de formandos e egressos brasileiros: revisão da literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 18(1), 81-92. doi:10.26707/1984-7270/2017v18n1p81.
- Alves, G. (2013). O que é o precariado? *Blog da Boitempo*. Recuperado em 10 outubro, 2020 de <https://blogdaboitempo.com.br/2013/06/24/a-revolta-do-precariado-no-brasil/>.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 2(28), 255-267. Recuperado de [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312010000200002](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000200002).
- Andrade, C. (2016). A construção da identidade, auto-conceito e autonomia em adultos emergentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(1), 137- 146. doi:10.1590/2175-3539/2015/0201944.
- Andrade, C. (2016b). Maturidade psicológica e independência financeira: um estudo com adultos emergentes universitários. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 3(1), 28-35. doi:10.17979/reipe.2016.3.1.1457.
- Antunes, R. (1995) *Adeus ao trabalho?* São Paulo: Cortez.
- Antunes, R. (2003). *Os sentidos do Trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo.
- Araujo, R. M. L. (1999). A Respeito Da Centralidade Do Trabalho. *Ver a Educação*, 5(1), 07-23.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: a theory of development from late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480. doi:10.1037/0003-066X.55.5.469.
- Arnett, J. J. (2012). *Adolescence and Emerging Adulthood: A cultural approach*. Nova Jersey: Pearson.

- Arnett, J. J., Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2018) Adulter Emergente: a proposta de uma nova perspectiva desenvolvimental sobre a transição para a vida adulta no Brasil. In L. Dutra-Thomé, A. S. Pereira, S. Nuñez, & S. H. Koller (Orgs.), *Adulter Emergente no Brasil: Uma nova perspectiva sobre a Transição para a vida adulta* (13-24). São Paulo: Vetor Editora.
- Augusto, A. G. (1998) O fim da centralidade do trabalho? *Pesquisa & Debate*, 2(14), 87-104. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view/11763>.
- Barrera-Herrera, A., & Vinet, E. V. (2017). Adulter Emergente y características culturales de la etapa en universitarios chilenos. *Revista Terapia Psicológica*, 35(1), 47-56. doi:10.4067/S0718-48082017000100005.
- Barros, A. (2018). Crenças de carreira na transição do ensino superior para o trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 19(2), 133-142. doi:10.26707/1984-7270/2019v19n2p133.
- Bendassolli, P. F., Borges-Andrade, J. E., & Malvezzi, S. (2010). Paradigmas, eixos temáticos e tensões na PTO no Brasil. *Revista Estudos de Psicologia*, 15(3), 281-289. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v15n3/a08v15n3.pdf>.
- Bendassolli, P. F., & Borges-Andrade, J. E. (2011). Significado do Trabalho nas indústrias criativas. *Revista de Administração de Empresas*, 51(2), 143- 159. doi:10.1590/S0034-75902011000200003.
- Bendassolli, P. F., & Gondim, S. M. G. (2014). Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: Discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. *Revista Avances em Psicología Latinoamericana* 31(1). doi:10.12804/apl32.1.2014.09.
- Bitencourt, B. M, Onuma, F. M. S., Piccinini, V. C., Moreira, L. M., & Severo, R. B. (2014). Sentidos do trabalho para os jovens de um empreendimento solidário e para trainees. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 7(2), 142-155. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202014000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202014000200003).
- Blanch Ribas, J. M. (2003). Trabajar en la modernidad industrial. In J. M. Blanch Ribas, M. J. E Tomaz & C. G Dora. *Teoría de las relaciones laborales: fundamentos*. Barcelona: Editorial UOC.
- Bock, A.M.B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cadernos CEDES*, 24(62), 26-43. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100003>
- Bourdieu, P. (1983). A Juventude é apenas uma palavra. In: P. Bourdieu, *Questões da Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Borges, L. O. (1997). Os atributos e a medida do significado do trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13(2), 211-221. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v1n2/v1n2a02.pdf>.

- Borges, L. O. (1999). As Concepções do trabalho: um estudo de análise de conteúdo de dois periódicos de circulação nacional. *Revista RAC*, 3(3). doi:10.1590/S1415-65551999000300005.
- Borges, R. C. P., & Coutinho, M. C. (2010). Trajetórias juvenis: significando projetos de vida a partir do primeiro emprego. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 189-200. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902010000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200004).
- Braga, R. (2014). Precariado e sindicalismo no Sul Global. *Revista Outubro*. 22(2), 37-61. Recuperado de <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edicao-22-Artigo-02.pdf>.
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Revista Análise Psicológica* 30(3), 301-313. Recuperado de [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312012000200004](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312012000200004).
- Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organizational analysis*. Londres: Heinemann Educational Books
- Cardoso, L. A. (2011). A categoria trabalho no capitalismo contemporâneo. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. 23(2). 265-295. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/ts/v23n2/v23n2a11.pdf>.
- Cardoso, A. (2013). Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. *Caderno CRH*. 26(68), 293-314. doi:10.1590/S0103-49792013000200006.
- Carreiro, T. C., Pinto, B. O. S., Carvalho, C. G., Rodriguez, L. S., Alves, B. A., & Estevinho, W. L. (2011). Juventudes e Trabalho: aproximações e diferenças da concepção de trabalhos da concepção de trabalho nos diferentes contextos juvenis. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 1(1). 41-54. Recuperado de <file:///d:/Users/Admin/AppData/Local/Temp/678-3229-1-PB.pdf>.
- Carneiro, V. T., & Sampaio, S. M. R. (2015) Adultez emergente: Um fenômeno normativo. *Revista Saúde e Ciência*, 4(1), 32-40. Recuperado de <file:///d:/Users/Admin/AppData/Local/Temp/238-Texto%20do%20Artigo-464-1-10-20200625.pdf>.
- Castro, R. P. (2009). Trabalho abstrato e trabalho concreto. In I. B. Pereira & J. C. F. Lima (Org.), *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*. (2a ed. 404-408). Rio de Janeiro: EPSJV. Recuperado de <http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l43.pdf>.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). New York: Lawrence Erlbaum Pub.
- Couto, D. R. F. (2011). *A transição para a adultez: a qualidade da relação parental, exploração vocacional e perspectivas trabalho e família em jovens com diferentes*

*trajetórias escolares (Dissertação de mestrado)*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (2a ed). Porto Alegre: Artmed.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para Psicologia: usando SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artmed
- D'Ávila, G. T. (2014). *Movimentos laborais e sentidos atribuídos ao trabalho por jovens profissionais* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- D'Avila, G. T., & Coutinho, M. C. (2019). Entre movimentos e trajetórias laborais de jovens profissionais. *Psico*, 50(2). doi:10.15448/1980-8623.2019.2.29659.
- Dejours, C. (2015). *A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho* (6a ed.). São Paulo: Cortez.
- Dias, M. S. L. (2009). *Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de universitários* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Dutra-Thomé, L. (2014). *Emerging adulthood in southern brazilians from differing socioeconomic status: social and subjective markers* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil
- Dutra-Thomé, L., Leme, V. B. R., Pereira, A. S., Dias, A. C. G., Koller, S. H., & Gaião, E. S. (2017). Fatores protetivos e de risco na transição para a vida adulta nas cinco regiões brasileiras. *Revista Avances en Psicología Latinoamericana*, 35(3), 485-499. doi:10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4525.
- Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2017). Brazilian version of the inventory of the dimensions of emerging adulthood: investigating the current transition to adulthood. *Revista Trends in Psychology*, 25(3), 901-912. Doi:10.9788/tp2017.3-01.
- Espirito-Santo, H. A., & Daniel, F. (2017). Calcular e apresentar tamanhos do efeito em trabalhos científicos: Guia para reportar a força das relações. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*. 3(1), 53-64. doi:10.7342/ismt.rpics.2017.3.1.48.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Escurre, M. F. (2016). O trabalho como categoria fundante do ser social e a crítica à sua centralidade sob o capital. *Verinotio: Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*. 11(22). Recuperado de <http://www.verinotio.org/conteudo/0.2349637776938861.pdf>.
- Facio, A., Resett, S., Micocci, F., & Mistrorigo, C. (2007). Emerging Adulthood in Argentina: An Age of Diversity and Possibilities. *Child Development Perspectives*, 1(2), 115-118. doi:10.1111/j.1750-8606.2007.00025.x.



- Fernandes, F. S., Gonçalves, C. M., & Oliveira, P. J. (2012). Adaptação e Validação da Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho - ESAT. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(2), 183-195. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902012000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902012000200006).
- Freire, D. A. L. (2018). Análise dos marcadores da adultez em jovens brasileiros: Reflexões. *Interfaces Científicas-Humanas e Sociais*, 7(2), 21-30. doi:10.17564/2316-3801.2018v7n2p21-30.
- Figueiredo, M. G., & Diniz, G. R. S. (2018). Mulheres, casamento e carreira: um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(60), 100-119. doi:10.38034/nps.v27i60.393.
- Fiorin, P. C., Oliveira, C. T., & Dias, A. C. G. (2014). Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 25-35. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v15n1/05.pdf>.
- Froeseler, M. V. G. (2019). *Percepções de adultez emergente e indicadores de saúde mental entre jovens brasileiros* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Galambos, N. L., & Martínez, M. L. (2007). Poised for emerging adulthood in Latin America: A pleasure for the privileged. *Child Development Perspectives*, 1(2), 109-114. doi:10.1111/j.1750-8606.2007.00024.x.
- Gazo, P. F., Raitz, T. R., & Ordóñez, J. L. (2013). Os sentidos da formação acadêmica e do trabalho para estudantes no Brasil e na Espanha. *ETD: Educação Temática Digital*, 15(3), 612-627. doi:10.20396/etd.v15i3.1276.
- Gonçalves, C. M., & Coimbra, J. L. (2003). Significados construídos em torno da experiência profissional/trabalho. *Congresso Internacional de Norte de Portugal/Galiza*, Porto, Portugal, 4. Recuperado de [https://sigarra.up.pt/fdup/pt/pub\\_geral.pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=14302](https://sigarra.up.pt/fdup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=14302)
- Gonçalves, C. M. (2006). *A família e a construção de projectos vocacionais de adolescentes e jovens* (Tese de doutorado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Goodwin, L. D., & Leech, N. (2006). Understanding correlation: Factors that affect the size of r. *The Journal of Experimental Education*, 74(3), 249-266. doi:10.3200/JEXE.74.3.249-266.
- Goulart, P. M. (2009). O significado do trabalho: delimitações teóricas (1955-2006). *Revista Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(1), 47-55. doi:10.11606/issn.1981-0490.v12i1p47-55.
- Gracia, F. J., Martín, P., Rodríguez, I., & Peiró, J. M. (2001). Cambios en los componentes del significado del trabajo durante los primeros años de empleo: Un análisis longitudinal. *Revista Anales de Psicología*, 17(2), 201-217. Recuperado de [https://www.um.es/analesps/v17/v17\\_2/06-17\\_2.pdf](https://www.um.es/analesps/v17/v17_2/06-17_2.pdf).

- Grosso, L. A. (2016). Sentidos de juventude na sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo. *Revista Políticas Públicas*, 20(1), 383-402. doi:10.18764/2178-2865.v20n1p383-402.
- Guareschi, N., Medeiros, P., & Bruschi, M. (2003). Psicologia social e estudos culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In M. E. Bruschi & N. M. F. Guareschi (Orgs.), *Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*, (23-49). Petrópolis: Vozes.
- Guimarães, N. A. (2005). Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In H. W. Abramo & P. P. M. Branco (Org.), *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo/ Instituto Cidadania.
- Guerreiro, M. D., & Abrantes, P. (2005). Como tornar-se adulto: Processos de transição na modernidade avançada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 20(58), 157-212. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n58/25633.pdf>.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados* (5a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017). *Resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)*. Recuperado de [https://www.ibge.gov.br/?indicador=1&id\\_pesquisa=149](https://www.ibge.gov.br/?indicador=1&id_pesquisa=149).
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Condições de vida, desigualdade e pobreza*. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza.html>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Medida de desocupação e de subutilização da força de trabalho*. Recuperado de <ftp.ibge.gov.br>
- Jesús, M., & Ordaz, M. G. (2006). El significado del trabajo: Estudio comparativo entre jóvenes empleados y desempleados. *Segunda Época*, 25(2), 64-77. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/repsi/v25n2/v25n2a05.pdf>.
- Keniston, K. (1971). *Youth and dissent: The rise of a new opposition*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Lanctot, J., & Poulin, F. (2017). Emerging adulthood features and adjustment: a person-centered approach emerging adulthood, *SAGE Journals*, 6(2), 91-103. doi:10.1177/2167696817706024.
- Lassance, M. C. P., & Sarriera, J. C. (2012). Saliência do papel de trabalhador, valores de trabalho e desenvolvimento de carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. 13(1), 49-61. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902012000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902012000100007).
- Levinson, D. J. (1978). *The seasons of a man's life*. New York: Ballantine.

- Linhares, M. I. S. B. (2015). Juventude universitária e projetos profissionais: trajetórias de desafios e incertezas. *Ponto-e-Vírgula*, (17), 219-232. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/25417/18131>.
- Marques, A. P. (2012). “Sacralização” do mercado de trabalho: jovens diplomados sob o signo da precariedade. *Revista Configurações*, 7. Recuperado de <https://journals.openedition.org/configuracoes/183>.
- Maia, A. A. R., & Mancebo, D. (2010). Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(2), 375-389. doi:10.1590/S1414-98932010000200012.
- Manuti, A., Curci, A., & Van der Heijden, B. (2018). The meaning of working for young people: the caso of the millennials. *International Journal of Training and Development*, 22(1).
- Maresch, G., & Raitz, T. R. (2015). A inserção laboral de jovens universitários na contemporaneidade. *Congresso Latinoamericano de Teoría Social*. Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina, 1. Recuperado de <http://cdsa.academica.org/000-079/201.pdf>
- Martins, A., & Coimbra, J. L. (2014). Significados atribuídos ao trabalho pelos jovens adultos portugueses do ensino superior: modo crise? *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 37-49. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902014000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100006).
- Marzana, D., Pérez-Costa, A. M., Marta, E., & González, M. I. (2010). La transición a la edad adulta em Colombia: Uma lectura relacional. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 28(1), 99-112.
- Melo, S. L., & Borges, L. O. (2007). A Transição da Universidade ao Mercado de Trabalho na Ótica do Jovem. *Revista psicologia ciência e profissão*, 27(3), 376-395. doi:10.1590/S1414-98932007000300002.
- Mendonça, M. P. G. (2007). *Processo de Transição e Percepção de Aduldez: Análise Diferencial dos Marcadores Identitários em Jovens Estudantes e Trabalhadores* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2009). Transição para a idade adulta e adultez emergente: adaptação do questionário de marcadores da adultez junto de jovens portugueses. *Psychologica*, 51, 147-168. doi:10.14195/1647-8606\_51\_10.
- Minderico, R. G. (2018). *Os efeitos do conflito e do enriquecimento entre o trabalho e a família no bem-estar dos trabalhadores na adultez emergente e na adultez* (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Monteira, R. A. P. (2012). A importância do trabalho na transição para a vida adulta. *Revista DESidades*, 4(2). Recuperado de [http://desidades.ufrj.br/featured\\_topic/a-importancia-do-trabalho-na-transicao-para-a-vida-adulta/](http://desidades.ufrj.br/featured_topic/a-importancia-do-trabalho-na-transicao-para-a-vida-adulta/).

- Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *RAE: Revista de Administração de Empresas*, 14(3), 8-19. doi:10.1590/S0034-75902001000300002.
- Morse, H., & Weiss, R. (1955). The function and meaning of work and the job. *American Sociological Review*, 20, 91-198. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/255439?seq=1>.
- Mortimer, J. T., Kim, M., Staff, J., & Vuolo, M. (2016) Unemployment, Parental help, and Self- Efficacy During the Transition to Adulthood. *Work Occup*, 43(4), 434-465. doi:10.1177/0730888416656904.
- Offe, C. (1989). *Disorganized Capitalism: contemporary transformations of work and politics*. Oxford: Blackwell.
- Oliveira, D. R. (2008). A centralidade do trabalho na contemporaneidade. *Revista Dialogus* 4(1).
- Oliveira, D. C., Fischer, F. M., Teixeira, M. C. T. V., Sá, C. P., & Gomes, A. M. T. (2010). Representações sociais do trabalho: uma análise comparativa entre jovens trabalhadores e não trabalhadores. *Ciência & Sociedade Coletiva*, 15(3), 763-773. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000300019>.
- Oliveira, S. R., Piccinini, V. C., & Silveira, C. S. (2010). O trabalho como representação: a visão dos jovens universitários. *Revista de Ciências da Administração*, 12(28), 171-197. doi:10.5007/2175-8077.2010v12n28p171.
- Pais, J. M. (1999). *Traços e riscos de vida. Uma aproximação qualitativa a modos de vida juvenis*. Porto: Ambar.
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto, Ambar.
- Pais, J. M. (2005). *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro* (3a ed.). Porto: Âmbar.
- Pais, J. M. (2009). A juventude como fase da vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Revista Saúde e Sociedade*, 18(3), 371-381. doi:10.1590/S0104-12902009000300003.
- Pais, J. M., Lacerda, M. P. C., & Oliveira, V. H. N. (2017). Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais. *Educar em Revista*, 64, 301-313. doi:10.1590/0104-4060.50119.
- Pallant, J. (2011). *SPSS Survival Manual* (4th ed.). Crows Nest: Allen & Unwin.
- Pasqualini, J. C. (2016). A teoria histórico-cultural da periodização do movimento psíquico como expressão do método materialista dialético. In L. M. Martins, A. A. Abrantes, M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice* (241-265). Campinas: Autores Associados.
- Paulino, A. R. S., Coimbra, J. L., & Gonçalves, C. M. (2010). Diplomados do ensino superior na transição para o trabalho: Vivências e significados. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 177-188. Recuperado de

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1679-33902010000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-33902010000200003&lng=pt&nrm=iso).

- Paulino, D. S. (2016). *Os significados do trabalho para os jovens nem-nem e suas estratégias de inserção no mercado de trabalho* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
- Pereira, E. F., Tolfo, S. R. (2016). Estudos sobre sentidos e significados do trabalho na psicologia: uma revisão das suas bases teórico-epistemológicas. *Revista Psicologia Argumento*, 34(86), 302-317. doi:10.7213/psicol.argum.34.087.AO02.
- Pereira, A. S. (2019). *Escudo social: Uma proposta de compreensão para a relação entre habilidades sociais e apoio social na adultez emergente* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Pochmann, M. (2004). Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: R. J. Ribeiro. *Juventude e sociedade: trabalho, educação e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Pochmann, M. (2012). Trabalho e formação. *Educação & Realidade*, 37(2), 491-508, doi:10.1590/S2175-62362012000200009.
- Ponciano, E. L.T., & Seidl-de-Moura, M. L. (2017). Narrativas sobre si mesmo e o futuro na adultez emergente: critérios subjetivos e marcadores sociais. *Psicologia para América Latina*, (29), 128-146. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psilat/n29/a09n29.pdf>.
- Raitz, T. R., & Petters, L. C. F. (2008). Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 408-416. doi:10.1590/S0102-71822008000300011.
- Raitz, T. R. (2009). Diversidade dos sentidos sobre trabalho para jovens egressos de curso de educação profissional. *Encontro Nacional da Abrapso- Psicologia Social e Políticas de Existência: Fronteiras e Conflitos*, Maceió, Alagoas, Brasil, 15. Recuperado [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/54.%20diversidade%20dos%20sentidos%20sobre%20o%20trabalho%20para%20jovens%20egressos%20de%20cursos%20de%20educa%C7%C3o%20profissional.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/54.%20diversidade%20dos%20sentidos%20sobre%20o%20trabalho%20para%20jovens%20egressos%20de%20cursos%20de%20educa%C7%C3o%20profissional.pdf)
- Raitz, T. R., & Baldissera, F. B. (2012). Trajetória acadêmica e laboral de jovens universitários: os sentidos do trabalho e da educação. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, 17(2), 99-114. doi: [10.18316/567](https://doi.org/10.18316/567)
- Reifman, A., Arnett, J. J., & Colwell, M. J. (2007). Emerging Adulthood: Theory, assessment and application. *Journal of Youth Development*, 2(1). doi: [10.5195/JYD.2007.359](https://doi.org/10.5195/JYD.2007.359)
- Ribeiro, C. V. S., & Léda, D. B. (2004). O significado do trabalho em tempos de Reestruturação Produtiva. *Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia* 4(2), 76-83. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/11145>
- Rios, C. F. M. (2015). *O trabalho como atividade principal na vida adulta: contribuições ao estudo da periodização do desenvolvimento psíquico humano sob o enfoque da psicologia*

- históricocultural* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil).
- Rizzo, C. B. S., & Chamon, E. M. Q. O. (2010). O sentido do trabalho para o adolescente trabalhador. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, 8(3), 407-417. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406757007006>
- Rocha, A. (2020). A evolução das perspectivas de gênero no mundo do trabalho. *Revista Princípios*, 1(159), 152-179. Recuperado de <https://revistaprincipios.emnuvens.com.br/principios/article/view/13>
- Sanson, C. (2013). Trabalho e subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial. *Cadernos IHU Idéias* (UNISINOS), 4-63. Recuperado de <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/032cadernosihu.pdf>
- Santos, B., & Melo, M. (2011). Debates sobre a centralidade do trabalho e a participação na informalidade. *International Journal on Workin Conditions – Ricout Journal*, (1), 25-44. Recuperado de [http://ricot.com.pt/artigos/1/BSantos\\_%20MMelo\\_25.44.pdf](http://ricot.com.pt/artigos/1/BSantos_%20MMelo_25.44.pdf)
- Santos, N. S., Seidl-de-Moura, M. L., Victor, T. A. S., & Ramos, D. O. (2016). Trajetórias de desenvolvimento e marcos de vida em jovens do Rio de Janeiro. *Revista Psicologia Clínica*, 28(3), 135-152. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-56652016000300008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652016000300008&lng=pt&nrm=iso)
- Saviani, D. (1986). O nós do ensino de 2º grau. *Revista Bimestre*, n.1, São Paulo: MEC/INEP-Cenafor.
- Schweitzer, L., Gonçalves, J., Tolfo, S. R., & Silva, N. (2016). Bases epistemológicas sobre sentido(s) e significado(s) do trabalho em estudos nacionais. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 16 (1), 103-116. doi: 10.17652/rpot/2016.1.680
- Silva, F. A. (2018). *Coletivos juvenis e transição para a vida adulta: Desafios vividos por jovens da cidade de São Paulo* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14122018-101805/pt-br.php>.
- Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (2020). Mapa do Ensino Superior do Brasil 10a ed. 2020. Recuperado de <https://www.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/edicao-10/>.
- Sobral, J. M., & Coimbra, J. L. (2008). *O impacto da situação profissional parental no desenvolvimento vocacional* (Dissertação de mestrado). Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Sousa, L. M., & Sousa, S. M. G. (2006). Jovens Universitários de Baixa-Renda e a Busca pela Inclusão Social Via Universidade. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 1(2), 1-13. Recuperado de <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistalapip/LiviaeSonia.pdf>

- Souza, C., & Paiva, I. L. (2012). Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 353-360. doi: 10.1590/S1413-294X2012000300002
- Standing, G. (2014). *O precariado: a nova classe perigosa* (1a ed., C. Antunes, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Tagliabue, S., Crocetti, E., & Lanz, M. (2016). Emerging adulthood features and criteria for adulthood: Variable- and person-centered approaches. *Journal of Youth Studies*, 19(3), 1-15. doi: 10.1080/13676261.2015.1074985
- Tamayo, M. R. (2003). Validação do Inventário de Burnout de Maslach. *Congresso Norte-Nordeste de Psicologia*, João Pessoa, PB, Brasil, 3.
- Tanguy, L. (1999). Do sistema educativo ao emprego. Formação: um bem universal? *Educação & Sociedade*, 20(67), 48-69. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a02.pdf>
- Tausky, C., & Piedmont, G. E. (1967). The meaning of work and unemployment: implications for mental health. *International Journal of Social Psychiatry*, 14(1), 44-49. doi: 10.1177/002076406801400105
- Teixeira, M. A. P. (2002). *A experiência de transição entre a universidade e o mercado de trabalho na adultez jovem* (Tese de doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Tolfo, S. R., & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 19(Especial), 38-46. doi: 10.1590/S0102-71822007000400007
- Tolfo, S. R., Coutinho, M. C., Baasch, D., & Cugnier, J.S. (2011). Sentidos y significados del trabajo: un análisis con base en diferentes perspectivas teóricas y epistemológicas en Psicología. *Revista Universitas Psychologica*, 10(1), 175-188. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64719284015>
- Trindade, H. (2017). Crise do capital, exército industrial de reserva e precariado no Brasil contemporâneo. *Serviço Social & Sociedade*. (129), 225-244. doi: 10.1590/0101-6628.106
- Williams, R. S., Morea, P. C., & Ives, J. M. (1975). The significance of work: an empirical study. *Journal of Occupational Psychology*, 48(1), 45-51. doi: 10.1111/j.2044-8325.1975.tb00296.x

## Apêndice A - Questionário sociodemográfico

<b>1. Idade</b> _____
<b>2. Sexo:</b> (    ) Feminino            (    ) Masculino
<b>3. Em relação à cor da pele, você se considera:</b> <input type="checkbox"/> Branca (o) <input type="checkbox"/> Preta (o) <input type="checkbox"/> Parda (o) <input type="checkbox"/> Amarela/o (oriental) <input type="checkbox"/> Vermelha/o (indígena) <input type="checkbox"/> Prefiro não declarar
<b>4. Estado civil:</b> <input type="checkbox"/> Solteira (o) <input type="checkbox"/> Casada (o) <input type="checkbox"/> Divorciada (o) <input type="checkbox"/> Vivo com companheira/o
<b>5. Você possui filhos?</b> (    ) Sim            (    ) Não  <b>Se sim, quantos?</b> _____
<b>6. Com quem você mora? (pode marcar mais de uma opção)</b> <input type="checkbox"/> com os pais <input type="checkbox"/> cônjuges <input type="checkbox"/> companheiro/a <input type="checkbox"/> filhos <input type="checkbox"/> parentes (tios, avós) <input type="checkbox"/> sogros <input type="checkbox"/> amigos/as <input type="checkbox"/> sozinha/o
<b>7. Quem são as pessoas que contribuem para a renda familiar?</b>  <input type="checkbox"/> Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Avós <input type="checkbox"/> Irmã/ irmão <input type="checkbox"/> Cônjuge/companheiro(a) <input type="checkbox"/> Eu <input type="checkbox"/> Outro. Especifique quem _____
<b>8. Qual a renda <u>familiar</u> mensal</b> (considerar a soma da renda daqueles que moram e contribuem para o sustento do lar)? (998,00 SM)*  <input type="checkbox"/> Até 1 SM



- De 1 à 2 SM
- De 3 à 5 SM
- Acima de 5 SM

**9. Qual sua participação na vida econômica do grupo familiar?**

- Não trabalho e sou sustentado por minha família ou outras pessoas
- Trabalho e sou sustentado parcialmente por minha família ou outras pessoas
- Trabalho e sou responsável, apenas, por meu próprio sustento
- Trabalho, sou responsável por meu próprio sustento e ainda contribuo parcialmente para o sustento da família
- Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família
- Outra situação Qual? \_\_\_\_\_

**10. Qual a sua renda individual mensal? (998,00 SM)\***

- Até 1 SM
- De 1 à 2 SM
- De 3 à 5 SM
- Acima de 5 SM

**11. Atualmente, você é:**

- Concluinte de curso de graduação
- Formado (graduado)

**12. Atualmente, você está:**

- Apenas estuda
- Estuda e trabalha
- Apenas trabalha
- Buscando emprego
- Pós-graduação (mestrado ou especialização)
- Montando o próprio negócio
- Estudando para concurso

**13. Seu último vínculo de trabalho era:**

- Estágio remunerado
- Estágio sem remuneração
- Bolsista da instituição (apoio técnico ou iniciação científica)
- Empregado assalariado
- Empregado doméstico mensalista ou diarista
- Empregado que ganha por produção (comissão)
- Autônomo
- Trabalho em negócio familiar sem remuneração
- Trabalho voluntário

**14. Dentre os critérios para atingir a vida adulta, qual você considera o fator mais importante? (MARQUE APENAS UMA OPÇÃO)**

- Finalizar os estudos
- Casar

- Ter filho/a
- Sair da casa dos pais
- Assumir a responsabilidade por você mesmo
- Fazer decisões independentes
- Tornar-se financeiramente independente
- Tornar-se uma pessoa que tem mais consideração pelos outros
- Tornar-se responsável pelos próprios pais
- Ter um emprego
- Outro Qual? \_\_\_\_\_

**15. Quanto ao seu atual período da vida, você considera-se:**

- Ainda em transição para a vida adulta
- Atingido a vida adulta

## **Apêndice B - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)**

### *Esclarecimentos*

Este é um convite para você participar da pesquisa: *Adulter Emergente e Significado do Trabalho na Transição Universidade-Mercado*, que tem como pesquisador responsável Juliana Maia Souto.

Esta pesquisa pretende: Investigar o processo de transição universidade-trabalho, com ênfase na compreensão do trabalho como fator de transição para a vida adulta, e sua relação com os processos envolvidos no fenômeno da *adulter emergente*

O motivo que nos leva a fazer este estudo é contribuir com as pesquisas sobre a nova etapa do desenvolvimento humano, denominada *adulter emergente* ainda escassos na região Nordeste, concebendo as peculiaridades desse fenômeno no contexto natalense/ nordestino. Ademais, o estudo permite identificar como o trabalho tem sido significado pelos jovens, atualmente, mesmo com problemas como flexibilização, desemprego elevado, buscando identificar como essas novas formas e trabalho têm afetado o desenvolvimento humano, na fase de transição universidade-mercado, podendo favorecer a criação de políticas sociais e públicas voltadas para essa população, bem como, contribuir no planejamento de orientação voltada à essa fase de transição, possibilitando o oferecimento de apoio adequado nesse processo.

Caso decida participar, você deverá responder à três questionários, simples e não muitos extensos. O primeiro, será o questionário sociodemográfico, que visa identificar as características sociais e demográfico dos participantes da pesquisa. O segundo questionário, IDEA-BR (Inventário das Dimensões da Vida Adulta Emergente) pretende identificar como as dimensões da *adulter emergente* são vivenciadas pelos jovens é composto por 29 itens, os quais podem ser respondidos a partir do grau de concordância do participante que varia entre

“Discordo totalmente”; “Concordo um pouco”, “Concordo um pouco” e “Concordo totalmente”. . Por fim, o terceiro questionário a ser aplicado será o ESAT-BR (Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho), constituído por 25 itens, ao quais são respondidos, a partir de escala Likert de seis pontos e visa identificar quais significados os jovens têm atribuído ao trabalho. Em caso de aplicação presencial dos questionários, a pesquisadora solicitará permissão para realizar registros do encontro no diário de campo, que auxiliará na etapa de análise de dados.

A aplicação do questionário, quando presencial, ocorrerá em ambiente adequado e reservado, de modo a garantir a privacidade do participante.

Durante a realização da pesquisa poderão ocorrer eventuais desconfortos e possíveis riscos, relacionados a reflexão de alguns aspectos não muito positivos quanto às experiências de trabalho, e mesmo a reflexão sobre as fases de transição para a idade adulta ou da universidade-mercado, que podem gerar alguma ansiedade, sensação de desamparo, insegurança. Segundo as Resoluções 466/2012 e 510/2016, em todo projeto de pesquisa existem riscos. Esses riscos poderão ser minimizados, a partir da interrupção da aplicação dos questionários, acolhimento e assistência psicológica, a serem realizados pela pesquisadora.

Como benefícios, a pesquisa propõe a caracterizar o fenômeno da adultez emergente e suas peculiaridades em Natal, bem como o trabalho vivenciado por esses jovens, se propondo a identificar fragilidades desses fenômenos. Com isso, subsidiando ações mais amplas como políticas sociais e públicas voltadas para essa população, bem como, contribuir no planejamento de ações dentro da própria universidade, proporcionando orientação e apoio adequados ao processo de transição e inserção profissional.

Em caso de algum problema que você possa ter relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada por meio de acolhimento e assistência psicológica a ser realizada pela pesquisadora do estudo.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para Juliana Maia Souto, residente na Rua São Paulo, 141- Alecrim, de endereço de e-mail [jmaiasouto@gmail.com](mailto:jmaiasouto@gmail.com). O telefone para contato é o (84) 9 8856-9838.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar. Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Alguns gastos pela sua participação nessa pesquisa, eles serão assumidos pelo pesquisador e reembolsado para vocês.

Se você sofrer qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, você será indenizado.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos telefones (84) 3215-3135 / (84) 9.9193.6266, através do e-mail [cepufrn@reitoria.ufrn.br](mailto:cepufrn@reitoria.ufrn.br) Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08:00h às 12:00h e das 14:00h às 18:00h, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Av. Senador Salgado Filho, s/n. Campus Central, Lagoa Nova. Natal/RN.

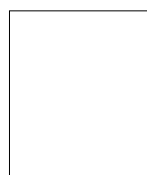
Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável (Juliana Maia Souto)

*Consentimento Livre e Esclarecido*

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa *Adulter Emergente e Significado do Trabalho na Transição Universidade-Mercado*, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Natal (RN), 12 de dezembro de 2018.

**Assinatura do participante da pesquisa**



Impressão  
datiloscópica do  
participante

*Declaração do pesquisador responsável*

Como pesquisador responsável pelo estudo *Adulter Emergente e Significado do Trabalho na Transição Universidade-Mercado*, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Natal (RN), 12 de dezembro de 2018.

**Assinatura do pesquisador responsável**

## **Anexo A - Itens e dimensões da escala de significados atribuídos ao trabalho versão brasileira – ESAT-BR**

### Para mim trabalhar significa...

#### **1. Dimensão da Realização Pessoal do Trabalho**

Uma possibilidade de progressão na carreira

Fazer novas aprendizagens

Assumir novas responsabilidades

A possibilidade de explorar e realizar novas ideias

A possibilidade de utilizar os meus saberes a situações novas

A oportunidade para manter a confiança nas minhas capacidades

A possibilidade de utilizar as minhas capacidades e competências

Uma forma de realização pessoal

Cada vez maior exigência, dedicação e empenho

#### **2. Dimensão Positiva do Trabalho**

A possibilidade de apreciar a beleza das coisas

Poder estar num ambiente físico agradável

A possibilidade de realizar atividades de lazer como: esporte, convívio com os amigos,  
participação em clubes

A oportunidade para construir uma sociedade mais solidária e justa

Uma oportunidade para fazer amizades

Uma fonte de felicidade e bem-estar

Uma forma de ajudar aos outros

### **3.Dimensão Negativa do Trabalho**

Uma atividade desgastante e cansativa

Um ambiente estressante e pesado

Uma atividade repetitiva e aborrecida

Um fardo pesado que tenho de suportar cada dia

Participar de um ambiente que só cria problemas

Preocupação e instabilidade constantes

### **4.Dimensão Econômica do Trabalho**

A garantia de um bom salário

Garantia de sucesso econômico

Garantia de estabilidade e segurança



## Anexo B - Inventário das dimensões da adulez emergente

Por favor, **pense sobre o momento atual de sua vida**. Some a este momento os últimos anos que se passaram, e os próximos anos que estão por vir. Como você os vê? Você deve pensar num intervalo **de cerca de cinco anos**, com o tempo presente bem no meio. Para cada frase apresentada abaixo, marque com um “**X**” sua resposta em uma das colunas para indicar o grau em que você concorda ou discorda que a frase descreve este período em sua vida. Por exemplo, se você “Concorda em parte” que este é um “período de exploração”, então na mesma linha desta frase, você irá marcar na coluna “Concorda em parte”.

	<b>Discordo fortemente</b>	<b>Discordo em parte</b>	<b>Concordo em parte</b>	<b>Concordo fortemente</b>
1. Tempo de muitas possibilidades?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Tempo de descobertas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Tempo de confusão?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Tempo de experimentação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Tempo de liberdade pessoal?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Tempo de se sentir limitado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Tempo de se responsabilizar por si mesmo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Tempo de se sentir estressado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Tempo de instabilidade?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Tempo de muita pressão?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Tempo de descobrir quem você é?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Tempo de consolidar projetos de vida?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Tempo de responsabilidade por outros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

14. Tempo de independência?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Tempo de imprevisibilidade?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Tempo de compromissos com os outros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Tempo de auto-suficiência?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Tempo de muitas preocupações?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Tempo de focar em si mesmo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Tempo de se separar dos pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Tempo de definir a si mesmo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Tempo de planejar para o futuro?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Tempo de buscar um senso de significado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Tempo de decidir sobre suas próprias crenças e valores?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Tempo de aprender a pensar por si mesmo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Tempo de se sentir adulto em alguns aspectos mas não em outros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Tempo de gradualmente se tornar um adulto?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Tempo de não ter certeza se você atingiu completamente a vida adulta?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Tempo de se preparar para vida adulta?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>